



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS DE JATAÍ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**TRABALHO E NATUREZA NO ROMANCE JURUBATUBA, DE CARMO  
BERNARDES: uma leitura geográfica**

Mestranda: Fernanda Moreira Silva  
Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Jataí – GO  
2013

**FERNANDA MOREIRA SILVA**

**TRABALHO E NATUREZA NO ROMANCE JURUBATUBA, DE CARMO  
BERNARDES: uma leitura geográfica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí, sob a orientação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, na Área de Concentração: “Organização do espaço nos domínios do Cerrado brasileiro”, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestre.

Jataí – GO

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)**

**BSCAJ/ UFG**

S586t

Silva, Fernanda Moreira.

Trabalho e natureza no romance Jurubatuba, de Carmo Bernardes: uma leitura geográfica [manuscrito] / Fernanda Moreira Silva. - 2013.

xv, 103 f.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2013.

Bibliografia.

1. Carmo Bernardes – Análise do discurso – Leitura geográfica. 2. Jurubatuba. 3. Trabalho na literatura. 4. Natureza na literatura.

CDU: 911.3: 821.134.3(81)

**Fernanda Moreira Silva**

**TÍTULO: "Trabalho e Natureza no Romance Jurubatuba, de Carmo Bernardes: uma leitura geográfica".**

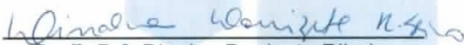
Dissertação DEFENDIDA e APROVADA em 23 de agosto de 2013, pela Banca Examinadora constituída pelos membros:



Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro  
Presidente – IESA/UFG



Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira  
Membro Externo – IESA/GO



Prof.ª Dr.ª. Dinalva Donizete Ribeiro  
Membro Interno – Esc. Eng de Alimentos/UFG

**UFG**

Jataí - Goiás  
Brasil

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1 1. Identificação do material bibliográfico:**  **Dissertação**  **Tese**

**1 2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autora:	Fernanda Moreira Silva		
E-mail:	nanda_cpa2@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor	Universidade de Rio Verde- UniRV		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	CAPES	
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ:
<b>TÍTULO: TRABALHO E NATUREZA NO ROMANCE JURUBATUBA, DE CARMO BERNARDES: uma leitura geográfica</b>			
Palavras-chave:	Trabalho. Natureza. Geografia. Literatura. Camponês		
Título em outra língua:	WORK AND NATURE IN ROMANCE Jurubatuba, DE Carmo BERNARDES: A geographical reading		
Palavras-chave em outra língua:	Work. Nature.Geography.Literature. Peasant		
Área de concentração:	Organização do espaço nos domínios do cerrado brasileiro		
Data defesa:	23/08/2013		
Programa de Pós-Graduação:	Em Geografia – UFG/CAJ		
Orientador (a):	Eguimar Felício Chaveiro		
E-mail:	eguimar@hotmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberação para disponibilização?<sup>1</sup>  total  parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: \_\_\_\_\_

Outras restrições: \_\_\_\_\_

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

<sup>1</sup> Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

## Mãos de Camponês

Mãos rústicas e honradas. Mãos bondosas  
que adormecem na tarde, milagrosas  
sob o incentivo bom da lua cheia  
a abençoar os seios de uma esposa.

E adormecem cansadas da tarefa cumprida  
rudemente – em silêncio – como que sob o encanto  
de possuir nos músculos rosas encalecidas  
de ter lavrado muito e ter semeado tanto!

Santificadas sejam em toda litania,  
nos dão o trigo de ouro e o pão de cada dia  
e seguem os preceitos que lhes deu o Senhor.

Haveria que enchê-las de flores e de gemas  
as mãos de camponês que são todo um poema  
nos quais os versos cheiram a terra e a suor!

(Pablo Neruda. In: O Rio invisível)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico às pessoas que valorizam a Literatura produzida em Goiás.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças para lutar no decorrer de toda esta jornada; e, principalmente, ter me dado vida e saúde para honrar o mérito que Ele me concedeu: estar fazendo uma Pós-Graduação-(Mestrado) tão almejada por muitos e alcançada por tão poucos;

Ao meu orientador, Prof.Dr. Eguimar Felício Chaveiro, pela seriedade, responsabilidade que conduziu este processo de orientação e construção do conhecimento, com muita paciência. Sou grata pelo aprendizado de Geografia e pelo aprendizado a vida que me concedeu durante a realização da pesquisa;

À Prof<sup>o</sup>a.Dr<sup>a</sup>. Dinalva Donizete Ribeiro, componente da banca de qualificação – grata pela leitura, críticas e sugestões relevantes e pelas anotações feitas impressas;

À Prof<sup>o</sup>a.Dr. Maria Luzia dos Santos Sisterolli – componente da banca de qualificação – grata pelo carinho, incentivo, confiança e pelos esclarecimentos sobre a arte literária; um dos pilares da pesquisa do Mestrado;

À Kênia, secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, pelo carinho e responsabilidade no atendimento;

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos;

Ao Prof.Dr. Dimas, pelos incentivos e discussões que tivemos neste período da Pós-Graduação;

Aos meus amados pais, pela dedicação e incentivo nessa fase do Mestrado e durante toda a minha vida.

Aos meus irmãos queridos que amo tanto, pelos incentivos;

Aos meus amigos que me ajudaram a abrir novos horizontes no conhecimento.

Aos professores e colegas da Pós-Graduação, que colaboraram com as diversas discussões sobre a Geografia Cultural. Enfim, sou grata a todos que deixaram marcas neste trabalho.



## RESUMO

Este trabalho analisa o Trabalho e Natureza, no discurso romanesco Bernardeano, sob uma ótica geográfica, ao levar em consideração o romance *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes. Assim, a pesquisa tem como finalidade verificar como o autor radicado em Goiás, representa o trabalho nessa relação entre ser humano-natureza, tal como as transformações socioambientais vêm ocorrendo na natureza desde a década de 1950 até os dias atuais. Em razão desse fato, o problema da pesquisa é: como Carmo Bernardes representa o Trabalho e a Natureza ficcionalmente? O recorte temporal compreende a década de 1950 até a contemporaneidade. Sendo assim, foram traçados alguns objetivos específicos, tais quais compreender como a paisagem goiana é representada pelo escritor Carmo Bernardes na década de 1950 e analisar o processo de organização do espaço rural e a organização do trabalho camponês. De acordo com estes objetivos, os instrumentos metodológicos utilizados durante a pesquisa foram: pesquisa bibliográfica e teórica. Após realizar este estudo, pode-se concluir que, pesquisar o Trabalho e a Natureza por meio da Literatura foi fundamental para compreender o rural e as relações sociais, de produção e de trabalho neste mundo do campesinato, na possibilidade de identificar o fator motivador da migração de Ramiro, que sai de Minas Gerais em função dos conflitos oriundos das relações estabelecidas quando do plantio de uma roça de arroz plantada à meia.

**Palavras – Chave:** Trabalho. Natureza. Geografia. Literatura. Camponês.

## **ABSTRACT**

This paper examines the work and nature, in novelistic discourse Bernardeano under a geographic viewpoint, taking into account the novel Jurubatuba Carmo Bernardes. Thus, the research aims to verify how the author lives in Goiás represents the work in the relationship between human beings and nature, such as environmental changes are occurring in nature from the 1950s to the present day. For this reason, the research problem is how Carmo Bernardes represents the work and nature fictionally? The time frame covers the 1950s until the present. Therefore, we plotted some specific goals, such as understanding what the landscape is represented by goiana Carmo Bernardes writer in the 1950s and analyze the process of organization of rural space and the organization of peasant labor. In accordance with these objectives, the methodological tools used during the research were: literature review and theoretical. After conducting this study, we can conclude that the job search and nature through literature was essential to understand the rural and social relations of production and work in this world of the peasantry, can identify the motivating factor of migration Ramiro which leaves Minas Gerais depending on conflicts arising from the relationships established when planting a garden planted rice at midnight.

**Key - Words:** Work. Nature. Geography. Literature. Peasant.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>ORGANOGRAMA.....</b>	<b>17</b>
<b>1. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GOIANO: o encontro entre a Geografia e a Literatura.....</b>	<b>21</b>
1.1 O enredo de um livro: <i>Jurubatuba</i> em questão.....	30
1.2 A história de um literato: Carmo Bernardes em questão.....	39
1.3 Obras de Carmo Bernardes.....	41
1.4 <i>Uma obra para o diálogo entre Geografia e Literatura: Jurubatuba em questão.....</i>	44
<b>2 O TRABALHO E A NATUREZA NA LITERATURA DE CARMO BERNARDES.....</b>	<b>54</b>
2.1 A natureza em Jurubatuba e o seu processo na contemporaneidade.....	63
2.2 O campesinato do Cerrado: trabalho, natureza e sujeito.....	68
2.3 O rural e as relações sociais de produção trabalho e de poder neste mundo de Jurubatuba.....	71
<b>3 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE GOIÁS: do Cerrado representado por Carmo Bernardes em 1950 ao Cerrado Contemporâneo.....</b>	<b>75</b>
3.1 Trabalho e Natureza: a configuração do território goiano na atualidade.....	76
3.2 A expansão da soja, o avanço do gado bovino e o setor agrocombustível no Cerrado Goiano: a paisagem desconstruída.....	84
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa apresentará uma leitura do mundo sertanejo de Goiás, por meio da obra *Jurubatuba* de Carmo Bernardes, publicada em 1972. O objeto de estudo deste trabalho, são duas dimensões essenciais do espaço geográfico: a Natureza e o Trabalho, vistas sob o ângulo da aproximação entre Geografia e Literatura.

Nesse caso, o objeto de estudo, é mostrar como o Trabalho e a Natureza compõem a narrativa bernardeana. E como, a partir de sua narrativa, essas categorias permeiam o enredo da obra na revelação de situações, estruturas e conteúdos do espaço inseparável do sujeito e sua relação com a natureza.

Mediante o estudo do espaço enquanto categoria de análise utilizada pela ciência geográfica é possível compreender melhor o mundo e a sociedade. E, o objeto de estudo (natureza e trabalho) está sendo visto sob o texto literário em que o espaço se oferece a um recorte sociohistórico reconhecido por meio da linguagem denunciadora deste mesmo espaço/tempo.

O espaço/ tempo que corresponde ao estudo da Geografia Cultural é apresentado pelo narrador e pelas personagens, por intermédio de uma linguagem não científica, mas nem por esse motivo, falsa. Em razão disso, a intenção da pesquisa é de realçar os conteúdos culturais do espaço, ou seja, tem o objetivo de extrair do encontro da linguagem científica com a linguagem artística os elementos mais significativos da relação dos sujeitos com o território.

A escolha por um romance regional, de um autor radicado em Goiás, aproxima a realidade da Literatura; melhor dizendo, a Literatura nos faz pensar melhor o cotidiano e, como nos localizamos no interior de Goiás, isto facilita o processo de identificação.

Ainda, leva o leitor a conhecer e se reconhecer nos dialetos locais, como nesse diálogo do personagem principal do livro: “O sor tem fumo aí para me ceder uma picada?” (BERNARDES, 1979, p. 23). Acrescentar este autor e este gênero narrativo aos estudos que unem Geografia e Literatura enriquece cada vez mais a pesquisa. A Literatura de Carmo Bernardes possui um caráter regionalista e realista. Nela, o escritor demonstra amplo conhecimento do sertão goiano.

A Literatura produzida em Goiás é de grande importância para conhecermos os elementos culturais por meio da narrativa ficcional, tais como, o folclore, a raça, a música, a dança, a linguagem do povo sertanejo, enfim, é uma forma de conhecer a história local, de conhecer as fortunas críticas desses escritores, a cultura, tradições, cujos temas, personagens, enredos passam por Goiás.

Segundo Beraldi (2010), a Literatura feita em Goiás comparada à Literatura nacional é tardia. Vários fatores contribuíram para isso, tais como, o isolamento geográfico do Estado, perante os grandes centros do país, o desinteresse de alguns políticos, os quais só estavam preocupados em explorar as riquezas (pedras preciosas) aqui existentes, assim, deixando de lado as necessidades do povo, em especial as culturais e intelectuais.

Embora autores goianos sejam pouco estudados, escritores como Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Antonio Felix de Bulhões Jardim (1845-1887), Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (1883-1993), dentre outros, contribuíram com a Literatura.

Logo, o interesse por escolher um livro literário voltado para a Literatura produzida em Goiás, ocorreu pela importância de estudar e conhecer a própria Literatura Goiana, porque é por intermédio da obra de arte que descobrimos vários pontos sobre a cultura, de uma forma geral, e até mesmo fatos históricos, muitas vezes relatados de formas alegóricas por alguns autores em suas obras, como por exemplo, Carmo Bernardes, no seu romance *Jurubatuba*. Nesse caso, o livro *Jurubatuba* está no contexto das transformações socioambientais de Goiás, e por esse motivo, também, que escolhemos este romance para retratar o Trabalho e a Natureza.

Sendo assim, ao analisar uma obra literária tendo em mente a construção da linguagem geográfica em diferentes contextos é possível que se faça uma atividade libertadora de pensar o espaço, a partir de uma leitura que não é somente racional, mas, é uma atividade que envolve os sentidos, a razão e a emoção. Vale dizer: por meio da narrativa literária é possível acessar os caminhos da imaginação geográfica, isto é, acessar componentes sutis do espaço que revelam situações estruturais e universais.

Além do mais, a Geografia Cultural, em seus vários diagramas teóricos, e outras vertentes da Geografia Contemporânea possibilitam leituras diversas na perspectiva tanto do sociocultural, quanto do socioambiental como experimentos de práticas culturais em diferentes ângulos.

Dessa forma, essas correntes de pensamentos fazem um diálogo importante com a

Literatura. Nessa perspectiva, estudar as duas dimensões do espaço geográfico - a Natureza e o Trabalho – vistas sob o ângulo da aproximação entre Geografia Cultural e Literatura usando o livro *Jurubatuba* são importantes por abordar a percepção, as representações sociais, do significado e da subjetividade, além de resgatar uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, à etnia, a paisagem, ao trabalho, a natureza enfim, por diferentes manifestações artísticas, como a Literatura feita em Goiás para a representação da natureza na arte literária.

Assim sendo, a projeção da inteligência e da sensibilidade é o aspecto que mais sensibiliza o geógrafo quando escolhe a Literatura como uma de suas fontes de pesquisa. Especificamente, pela leitura de romances, o pesquisador pode apreender com mais profundidade os elementos da realidade descrita, pois lhe é oportunizado centrar-se sobre o dado mais significativo dessa realidade e refletir sobre seus desdobramentos.

O romance *Jurubatuba* permitiu uma leitura relevante do espaço goiano, uma vez que enreda uma situação espaço/temporal que marca o enraizamento da vida sertaneja goiana, incluindo dimensões como a propriedade da terra, a organização do trabalho, a sociabilidade, o lazer, a estruturação do cotidiano, as dificuldades, as contradições e também dimensões estéticas, subjetivas.

Contribui, assim, ao pensamento geográfico por meio de transcrição de fragmentos que considera ser aqueles que melhor ilustram a vivência espacial dos sujeitos e suas subjetividades. Para esta investigação, elege-se Natureza, Trabalho como as principais categorias de análise.

Em razão disso, tais questões se constituíram em objetivos do trabalho, que de modo geral, impõe analisar o Trabalho e a Natureza por meio da obra *Jurubatuba* na década de 1950 e verificar como as relações sociais, de produção e de trabalho configuram o mundo rural em Goiás.

A partir deste objetivo geral foram traçados alguns objetivos específicos, tais quais compreender como a paisagem goiana é representada pelo escritor Carmo Bernardes na década de 1950 e analisar o processo de organização do espaço rural e a organização do trabalho camponês.

De acordo com estes objetivos, os instrumentos metodológicos utilizados durante a pesquisa foram: pesquisa bibliográfica com análise crítica e respectivo aprofundamento teórico e metodológico. Deparamos-nos com uma vasta bibliografia que versa sobre o campesinato, as categorias: Trabalho e Natureza, o processo de modernização agrícola, as relações de poder, a luta dos camponeses pela terra, e também sobre a arte literária.

A pesquisa bibliográfica norteou todo o trabalho ao propiciar suporte ao utilizar referências que tratam a temática abordada em âmbito geral, de autores como Antônio Cândido (1971), Carlos Walter Porto Gonçalves (2005), Margarida Maria Moura (1986), Delma Pessanha Neves (1985), Tomás Júnior (2011), Marcelo Mendonça (2004), Woortmann (1997), Martins (1990), Claval (1999), dentre outros.

Em razão disso, primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico dos trabalhos que tiveram resultados nessa área do conhecimento, ou seja, nessa relação Geografia e Literatura, para depois aprofundarmos na análise dos dados.

O trabalho teve como metodologia a investigação bibliográfica com o intuito de desvendar as relações entre os dois campos do conhecimento, Geografia e Literatura. As duas grandes áreas estudadas relacionam-se entre si; na medida que a Geografia ocupa-se de estudar o espaço como ambiente concreto (real), enquanto a literatura utiliza-se do espaço geográfico a partir de traços poéticos contextualizando a relação ser humano-natureza, na representação do cotidiano real.

Para poder visualizar e explicitar os objetivos do projeto de pesquisa fizemos um estudo profundo do livro de Carmo Bernardes. Para isso, realizamos também um levantamento dos trabalhos feitos com *Jurubatuba* para esclarecer o estudo proposto nessa dissertação.

A análise foi atrelada com a leitura teórica, ou seja, primeiramente foi feita a leitura dos grandes teóricos citados na bibliografia, e, principalmente, os autores citados na metodologia que fundamentaram a pesquisa e, logo após de ter uma base teórica a análise foi enriquecida fundamentando à luz dos grandes teóricos.

Sendo assim, a análise da obra serviu como metodologia principal para observar mais de perto se a Literatura descreve uma realidade da época. Nesse sentido, o texto literário está repleto de conteúdos, de modo que podemos interpretá-lo e torná-lo fonte de investigação geográfica.

Em razão desse fato, o instrumento utilizado foi a interpretação, ou seja, interpretar o que o autor descreve como paisagem e como é a relação Natureza-Trabalho no romance. Os aspectos da realidade observados foram os elementos revelados na obra literária, tais como, a paisagem, a objetividade da linguagem, os aspectos culturais entre o trabalho-natureza-homem no livro *Jurubatuba*, e por fim, analisar nas perspectivas sócio-espaciais, históricas, e culturais da sociedade daquela época. Logo, esta pesquisa foi de natureza qualitativa porque

seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.

Em razão disso, o problema da pesquisa foi: como Carmo Bernardes representa o Trabalho e a Natureza ficcionalmente?

Ao pesquisar sobre o Trabalho e a Natureza, por meio da Literatura, optamos em estruturar a dissertação em três capítulos.

A ordem da sequência dos capítulos segue a lógica que a pesquisa se desenvolveu ao focar, principalmente aos objetivos específicos. O primeiro com o título “A Representação do Espaço Goiano: o encontro entre a Geografia e a Literatura” apresentará uma discussão sobre a aproximação do encontro da linguagem artística (Literatura) com a linguagem científica (geografia) na análise referente ao Trabalho e a Natureza na perspectiva das ciências sociais, ao verificar onde a Geografia e a Literatura se diferenciam e se complementam nas devidas discussões. Apresentação de *Jurubatuba* como obra impecável para este diálogo, discussão dos elementos e variáveis da obra que servem para análise geográfica do espaço, tempo, da paisagem e dos sujeitos retratados, e por último será analisado o Trabalho e a Natureza como as categorias delimitadas para aprofundar a discussão que se seguirá nos demais capítulos.

O segundo capítulo intitulado “O Trabalho e a Natureza na Literatura de Carmo Bernardes” discorrerá acerca do mundo do trabalho na década de 1950 e suas implicações na natureza, ao culminar, assim, em novas paisagens nas áreas do Cerrado goiano, originando uma transformação espacial decorrentes da modernização capitalista, materializada principalmente por meio da modernização conservadora da agricultura, ao ressaltar as mudanças nas relações sociais de produção e de trabalho, nas formas de uso e de exploração da terra em Goiás.

Abordará, ainda, questões referentes aos elementos geográficos/ históricos/ sociais/ econômicos/ políticos/ técnicos/ naturais que davam a conformação sócio-espacial da realidade e sociedade retratada pela obra, com destaque para o resultado e manifestação disso na natureza e no trabalho.

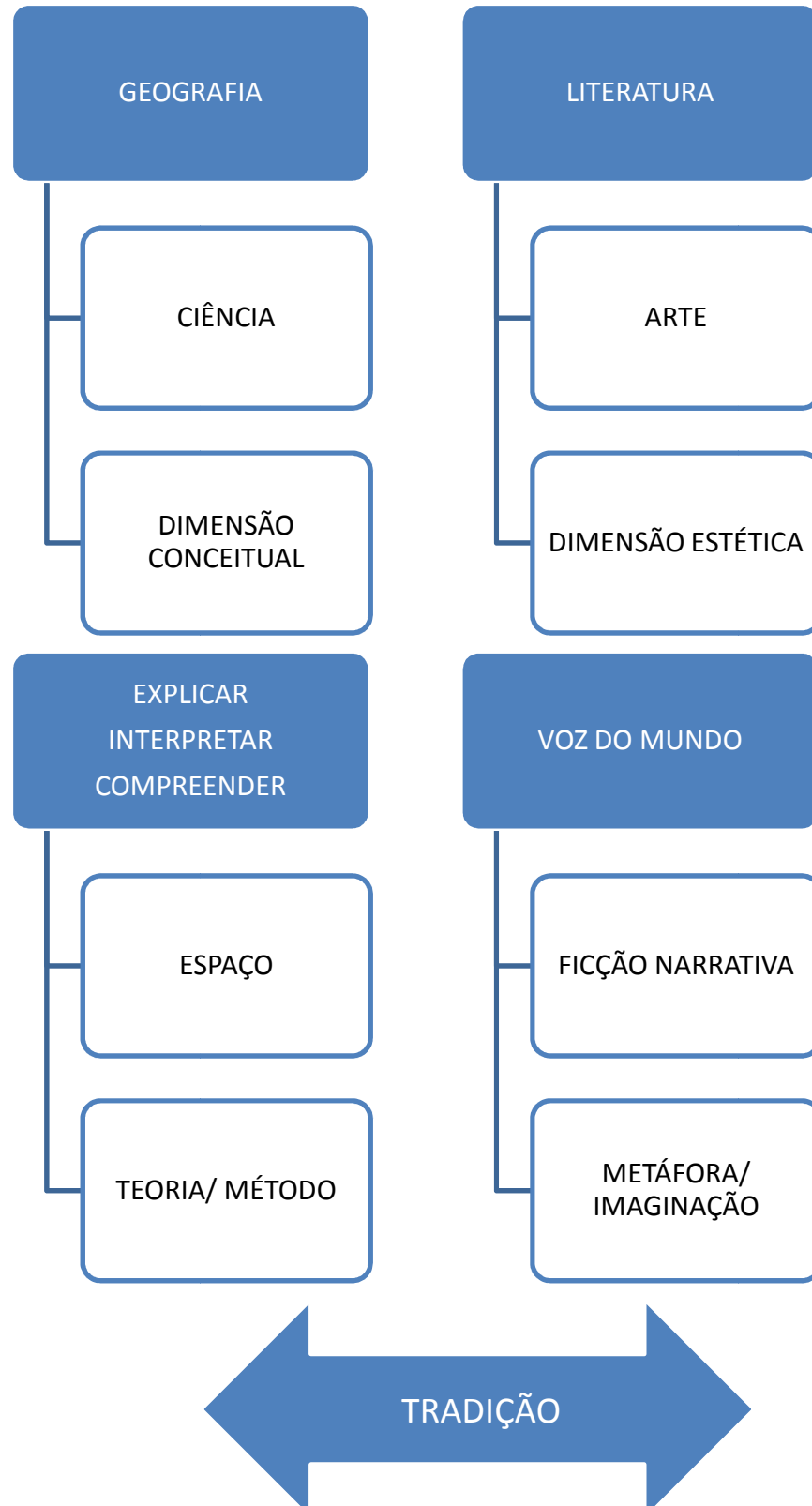
Com o título “As transformações socioespaciais de Goiás: Do Cerrado representado por Carmo Bernardes -1950 ao Cerrado contemporâneo”, o terceiro capítulo buscará compreender as transformações espaciais nas áreas dos Cerrados em decorrência do trabalho e do capital, ao verificar como era esse Cerrado representado por Carmo Bernardes ao Cerrado atual. Nesse caso, analisar o que está posto neste local hoje. Que paisagem rural e urbana está posta nesta região da fazenda Jurubatuba na atualidade.



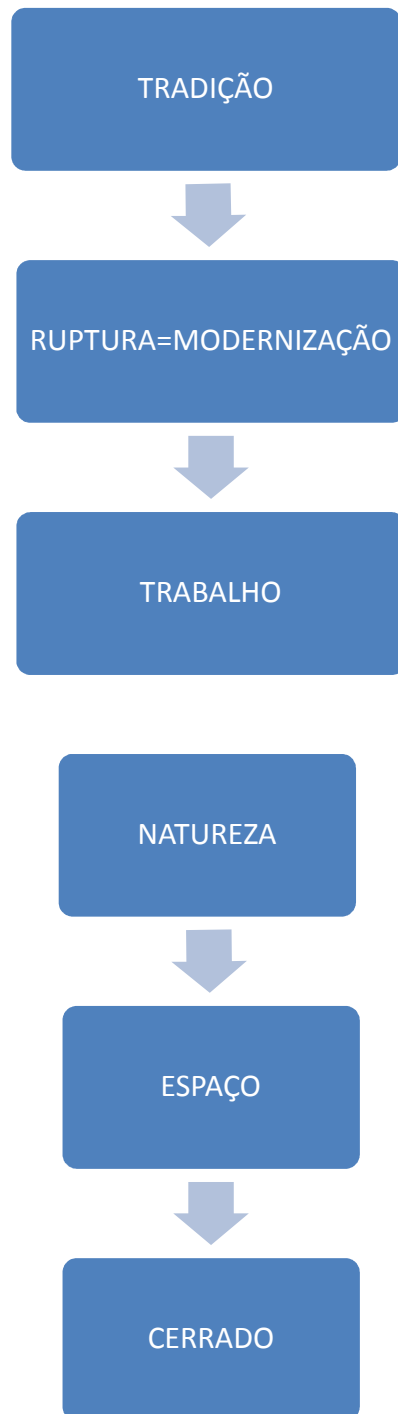
Após realizar este estudo, pode-se concluir que, pesquisar o Trabalho e a Natureza por meio da Literatura foi fundamental para compreender o rural e as relações sociais, de produção e de trabalho neste mundo do campesinato, podendo identificar o fator motivador da migração de Ramiro, que sai de Minas em função dos conflitos oriundos das relações estabelecidas por causa do plantio de uma roça de arroz plantada à meia.

Em virtude dos fatos mencionados considera-se que um estudo que utilize uma obra literária (*Jurubatuba*) que represente o Trabalho e a Natureza possa contribuir para a ciência e principalmente para esse tipo de pesquisa, nessa relação entre Geografia e Literatura, considerada por muitos, uma linha de investigação recente no Brasil aumentando um leque de possibilidades de compreensão do mundo e de estudos interdisciplinares nessa área.

Logo, o Trabalho e a Natureza são duas categorias fortes na construção do espaço goiano, presentes na Literatura de Carmo Bernardes. E mais são elementos fundamentais que alicerçam a construção do espaço.







**Organograma 1- Trabalho e Natureza no mundo de *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes**  
Organização: Silva (2013).

O organograma 1 apresentado é uma tentativa de ordenar a lógica interna do trabalho. Ainda que esquematicamente, este ordenamento faz referências ao caminho organizativo e a estrutura que a dissertação foi construída. O mais importante destacar, além da fluência do texto, que no ato de ser feito, não obedece aos projetos, pois invoca outras dimensões de quem escreve, é a ligação entre a representação literária enunciada por *Jurubatuba* e o seu correspondente espacial: o mundo sertanejo goiano.

Destaca-se, também, que, como em outras pesquisas desenvolvidas no campo de interface entre Geografia e Literatura, julgou-se necessário acrescentar o dado contemporâneo que envolve o mundo camponês a partir de suas transformações.

Em concordância com vários autores, especialmente Mendonça (2004), estabeleceu-se nesse ponto comparativo de Goiás rural e Goiás urbano ou Cerrado ruralizado e Cerrado urbanizado, que a modernização do território e da agricultura é a matriz que explica as causas dessas transformações, o que implicou no modo de vida e na estrutura camponesa, bem como nas representações e no uso da natureza.

## 1. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GOIANO: o encontro entre a Geografia e a Literatura

Neste capítulo será apresentada a representação do espaço geográfico goiano da década de 1950 a contemporaneidade no discurso romanesco carmobernadiano com o objetivo de resgatar as contribuições e reflexões sobre as relações entre Geografia e Literatura. Apresentar-se-á uma discussão introdutória sobre arte e realidade socioespacial para distinguir as abordagens literárias e científicas e identificar os pontos de aproximação para uma leitura espacial com o propósito de conhecer as representações sobre esse espaço.

Segundo Moscovici (2003) o conceito de representação social pode ser definido como um *status* simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, ao partilhar um significado a partir de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema.

Logo, o espaço de representação é um espaço simbólico, porém, para que esse simbolismo possa significar algo, ele necessita de sentidos atribuídos a fatos, coisas e eventos que ampliam a significação e alimentam o imaginário particular de cada sujeito pensante e de seus universos consensuais que impliquem na construção de uma representação social.

Ao mencionar de espaço de representação considera-se que ele é um espaço simbólico que vem antes a materialidade das formas espaciais e que logo após atribui sentido a ela delineando a construção do imaginário social.

No caso do espaço goiano, a melhor interpretação acerca da construção da realidade sócioespacial resulta das ações simbólicas e imaginárias para atribuir sentido e construir uma relação com o ausente e com o que poderá vir-a-ser.

Portanto, é preciso mergulhar no romance goiano por meio das linhas imaginárias para verificar categorias geográficas presentes na pesquisa; já que estudos preliminares evocam que a Literatura contribui para a investigação geográfica.

A obra *Jurubatuba* selecionada para o estudo é de cunho regionalista, de 1972, que trata do sertão, evidenciando a realidade goiana, o modo de ser do sertanejo, o ritmo de vida da fazenda tradicional da década de 1950, os conflitos interpessoais e sociais vivenciados por seus personagens.

A obra literária é o registro da interdisciplinaridade produzida pela confluência dos saberes, surgindo, assim, a fortuna cultural do ser humano. A Geografia contribui com seus recursos conceituais na estruturação do discurso ficcional narrativo, é na retórica moderna do

discurso poético, pelo processo da lírica, processo pelo qual a racionalidade moderna se manifesta, que a Geografia contribui para a criação literária.

Por esse motivo, que não se trata de negar o saber arquitetado pela ciência moderna, muito pelo contrário, pois a busca do diálogo com o saber literário vem no intuito de enriquecer as elaborações teóricas das ciências humanas. Porém, percebe-se que a obra literária não pode adentrar no sentido de confirmar uma verdade arquitetada pela ciência humana, ou seja, ser parafraseada para os anseios científicos.

Logo, é possível levar em consideração que o realismo regionalista já está proclamado pela Teoria Literária, ou seja, o livro não precisa ser documental, nem relato, porque o realismo é consagrado na aproximação de Geografia e Literatura. Diante desse quadro, é possível pensar a Literatura como elemento possível de leituras geográficas, para entender o tempo-de-agora, ressignificando e produzindo uma Geografia que seja realmente expressão da vida humana.

Assim, o conhecimento geográfico pode ser enriquecido a partir dos elementos de interpretação do real materializado nas obras literárias, ao permitir leituras de entendimento do espaço, na combinação de elementos ficcionais adicionados à realidade.

Conforme Pinheiro (2010), o artista literário elabora referenciais constituídos de imagéticos ou considerados simbólicos, figurativos ou não que permitem aos que entrem em contato com a obra, no caso o leitor, o pesquisador, dialogar com esta obra em um exercício de produção de significados.

Segundo o autor, o artista “inventa” um espaço que possibilita representar o nosso espaço concreto, porém, observa-se que esta capacidade de criar um espaço inexistente se dá a partir do que já existe, pois este inexistente se encontra passível de interpretação e significação no momento em que contextualizamos. Pinheiro (2010, p.33) dialoga que “a arte de conhecer, tanto nas práticas artísticas quanto nas científicas, é resultante da relação estabelecida entre os envolvidos nesse processo”.

Compreender o objeto de estudo Trabalho e Natureza por meio do diálogo com a linguagem literária pode se apresentar de forma proveitosa, porque permitirá que os enfoques dos estudos geográficos em estudo se aproximem das tramas articuladas durante o ato de viver, ou seja, produzindo sentidos e construindo conceitos ricos de subjetividades para os estudos geográficos. Portanto, o espaço narrado pelo literato é arquitetado dentro de suas experiências espaciais.

Cavalcante e Nascimento (2009) discorrem que a Literatura é considerada como um documento revelador da subjetividade de um determinado lugar, refletindo a sensibilidade humana, apresenta-nos outros tempos, as estruturas sociais, as ideologias, os anseios espirituais e as indagações filosóficas, ao envolver o leitor na ambiência de cada época, de cada espaço e lugar. Pode-se constatar que o espaço concreto, real e físico é transformado em espaço utópico, carregado de imagens metafóricas, ao ampliar ainda mais a visão espacial da narrativa, deixando-a mais atrativa.

Logo, o escritor, como no caso Carmo Bernardes, utiliza-se no momento de criação, de vários meios para fazer com que o seu texto, longe de ser apenas um relato de acontecimentos, seja uma obra de arte. Logo, a apresentação do espaço real se universaliza pela utilização de um universo ficcional. E é nesse espaço ao mesmo tempo real e ficcional que as personagens transitam.

Cavalcante e Nascimento (2009, p.109) destacam que:

Um escritor escuta uma história, um caso, com certeza, verdadeiro, porque aquele que está contando, ou presenciou ou ouviu o acontecido de fonte fidedigna, e vê ali a possibilidade de transformar o que era eminentemente oral e anônimo, em literário.

De acordo com as palavras dos autores percebe-se que o autor transforma a realidade, em arte literária. Em razão disso, o espaço ficcional, visto pelo espaço vivido pelos personagens possui uma grande força, ora ocultando, ora revelando as ações e desejos dos mesmos.

A Literatura cumpre o seu papel de arte, mas também de transmissora do conhecimento, e, portanto ela tem um papel muito importante na área do conhecimento geográfico. O autor representa o real a partir da sua vivência e representação social só que nas lacunas da narrativa, surge à imaginação, o encantamento, o humor, a ironia, para deixar o texto mais fantástico. Souza (2008.p.22):

A Literatura tem o poder de identificar os signos e símbolos que permeiam as relações sócio-econômicas, políticas e culturais, nos momentos vividos. Por meio da Literatura, o ser humano cria o seu mundo e o representa no cotidiano. Livre do funcionalismo conceitual, a imaginação literária pode revelar o mundo que a mente guarda e esconde.

Há possibilidade de usar a Literatura nos estudos geográficos, porque ela fornece informações detalhadas sobre como as pessoas percebem seus mundos, os constroem por



meios de práticas, relações, intersecções, alumbramentos, sustos, tragédias, alegrias, dores, perdas, vitórias, superações.

Enfim, a vida humana se enovela no espaço, este se realiza pela aquela. Por sua vez, foca-se que a criação literária não substitui a Geografia, mas é necessário que considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. A Literatura capta elementos da realidade, inclusive aquelas referentes ao espaço, numa linguagem que permite a visibilidade de uma complexidade de relações que dificilmente seria revelada ao leitor, ou ao mesmo tempo, absorvida por ele.

Segundo Moretti (2003, p. 13): “A Geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural “ocorre”, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade”.

Assim sendo, a Literatura promove uma viagem por dentro dos textos, que a torna tão interessante quanto explorar, com um bom guia; o espaço real de Goiás e interiores, a vida rural, os costumes, o trabalho, a natureza, a linguagem sertaneja, enfim. Ambas as formas dão vida à aridez dos conceitos e enchem o espaço de questionamentos e reflexões.

Conforme Lima (2000), a Literatura pode abrir infinitas possibilidades para as pessoas perceberem a realidade que se quer mostrar, principalmente se o autor destacar o espaço geográfico em suas obras, ao atribuir valor às suas descrições, passando o “espírito” de um lugar, por intermédio da criatividade e das sensíveis habilidades em descrever uma determinada paisagem.

Os autores que descrevem um lugar, o trabalho, a natureza, o convívio entre as pessoas, tem ou já tiveram experiências de vida concretas nos espaços geográficos que descrevem, e imaginam em suas obras, todavia, mesmo que não tenham vivido nesse espaço, eles escrevem sobre ele por meio de sua imaginação criadora, transportando os personagens para os lugares onde se passa a história, e depois os transformam em imagens, enredos e situações literárias. Portanto, a Literatura flui com sensibilidade no espaço real que seus autores viveram ou não. (CHIAPETTI, 2008, p.724).

Não pode deixar de lado as narrativas literárias que evocam a vivência, experiência das pessoas em um determinado lugar, vistas como uma das fontes mais ricas para a Geografia, pois segundo Chiapetti (2008), os textos literários podem mostrar as particularidades das pessoas em suas culturas, em seus espaços geográficos.

Carmo Bernardes intersecciona um saber científico ao seu imaginário, em que misturam os devaneios com o real, para fazer uma reflexão sobre o espaço goiano, sua vida e sua gente. O papel substancial do espaço geográfico na obra é detectado enquanto um lugar

representado na imagem da sua paisagem, na narrativa dos personagens, no desenvolvimento da sua ação no romance, e por fim no discurso do narrador.

Segundo Chiapetti (2008.p.737): “A Literatura pode (re) construir os fatos (construir de novo), dar novos significados a eles, imaginar e criar com as ideias, ao oferecer espaço para a imaginação criadora”. Em razão disso, a linguagem poética ao mesmo tempo em que cria, também (re) cria a realidade do lugar, por meio dos devaneios, de suas reflexões sobre o trabalho, a natureza, e o espaço goiano.

A emoção está em toda parte, até no conhecimento, permeando a razão. Por isso, pode considerar que a representação do espaço geográfico apresentada em um romance é uma imagem do mundo, em que cada aspecto do real passa a ser expresso simbolicamente, porque os valores subjetivos é que garantirão um significado, já que este não é inerente ao texto. Nesse sentido Bastos (1993.p.9) mostra que:

É por meio do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico em questão se coloca, de acordo com a ótica e a vivência do autor; o que o leitor do romance apreende já é uma outra forma de representação do espaço geográfico em questão, que resulta da interação entre a imagem daquele espaço já herdada pelo leitor, segundo suas vivências e informações, e o que é representado pelo autor.

Detecta-se que, mesmo muitos romances sendo constituídos por histórias fictícias, a maioria deles toma o real como base. Logo, a partir da ideia central anterior, nota-se que o espaço geográfico representado nos romances não se limita às descrições narrativas, expressa também relações de produção e reprodução, sentimentos, enfim.

Portanto, a análise do romance *Jurubatuba* conduz a compreensão de que a representação do espaço, enquanto interpretação do real, não pode permitir a ocultação do sujeito que produz; que percebe esse espaço, porque o texto é parte e não toda a realidade literária, na qual as experiências históricas e sociais dos parceiros, no caso o leitor e o escritor, se entrelaçam produzindo significações e não um único significado. Por esse motivo, Silva, Santos e Martins (2001,p.08) concluem que:

Para a apreensão do espaço, há que se considerar que a análise geográfica vai além da aparência do visível, sendo importante buscar o “invisível”, sem perder de vista que o homem é agente de produção do espaço, ou seja, não se deve buscar apenas a exatidão espacial, nem tampouco esquecer que o espaço é o lugar onde se desenvolve a ação e o comportamento dos personagens e onde os elementos visíveis e invisíveis desempenham papel fundamental.

Considera-se, então, que a representação do espaço geográfico apresentada em um romance é uma imagem do mundo, em que cada aspecto do real passa a ser expresso simbolicamente. Suzuki (2006, p.66) discute que:

A crítica literária poderá alcançar nuances novas, com maior precisão terminológica e maior densidade de análise e de interpretação do uso do espaço na narrativa, bem como no romance, enquanto as análises geográficas poderão ser adensadas com novos recursos de reconstrução do espaço, como por exemplo, a descrição e a caracterização, mas também estabelecer uma mediação entre os documentos mais tradicionais utilizados nas pesquisas geográficas e o texto literário, tanto na narrativa quanto a poesia, ampliando-se as possibilidades interpretativas do movimento do mundo.

Do ponto de vista de Lima (2000) o estudo a partir de obras literárias não é um estudo recente, segundo o autor, desde a década de quarenta, os geógrafos franceses já tinham interesse pelos estudos geográficos por intermédio dos gêneros literários. E este trabalho é mais um que pretende se somar aos demais existentes e analisar a representação social do Trabalho e da Natureza presentes na obra *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes, ao propor uma aproximação entre a Geografia e a Literatura, conforme a abordagem da Geografia cultural.

Souza (2008, p.19) discute que “não importa se as palavras presentes na obra literária nasceram da verdade, da imaginação, das lembranças da representação ou de um pouco de tudo, o que importa é que representa um momento histórico, um tempo e um lugar”. Por esse motivo, a Literatura de Carmo Bernardes é importante para vermos a década de 1950, o lugar narrado no romance, além do tempo a ser resgatado na obra, já que a arte materializa no espaço, os acontecimentos, os desejos e os sonhos, permitindo interligar o indivíduo com o mundo. A Literatura narra o mundo vivido por seus personagens, suas alegrias e tristezas, ações, logo, esta é voz e escuta do mundo, que resgata a subjetividade do personagem.

A Literatura expressa na obra de Bernardes (1972) baseia-se em seu lugar vivido. O seu romance retrata a vida cotidiana, o trabalho na enxada, o ser humano que capina na roça, a organização da fazenda tradicional, a hierarquia nas relações sociais, a relação ser humano/natureza.

A obra literária assim é a junção do real e do imaginário. O literato percebe o mundo, identifica e compreende e logo após materializa em sua obra literária. “Pode-se dizer: a história de uma obra revela sutilmente o espaço no qual viveu e que amamentou a sua imaginação literária.” (SOUZA, 2008, p.25).

As narrativas literárias são criações por intermédio de figuras de linguagem, imagens, parábolas, metáforas, melodia. A Literatura de Bernardes consegue alcançar o íntimo do ser humano sertanejo e representar suas tramas no território vivido por meio do mundo simbólico.

A partir da Literatura, o leitor consegue ter uma leitura pelo olhar, pela percepção, que por meio disso é possível realizar a leitura de um determinado momento histórico. Souza (2008.p.30) revela que “por intermédio da Literatura, pode o ser humano compreender, resgatar e vivenciar intensamente um período histórico distante da realidade que o cerca.”

O poeta utiliza os seus cinco sentidos que funcionam como ferramenta na construção desse percurso. E é essa a importância da Literatura nos estudos geográficos, permitir que o escondido do sentimento se expresse, se revele, servindo como arcabouço para a análise da ciência.

A obra *Jurubatuba* é de fato uma porta, uma possibilidade, de entrecruzar a Geografia e a Literatura como mais uma forma de analisar o espaço goiano, focando o Trabalho e a Natureza na narrativa de Carmo Bernardes. A representação social contida na obra permitiu realizar uma leitura da paisagem, do trabalho.

Portanto, as relações entre a Geografia e a Literatura contribuem para o trabalho dos geógrafos que consideram nessa possibilidade de pesquisa com o espaço geográfico a partir do viés de obras literárias.

A partir de várias narrativas que envolvem a relação ser humano - natureza, pode-se encontrar diversas expressões da paisagem geográfica. Nesse caso, quando um escritor ao imaginar indivíduos ou sociedades situadas em diferentes espaços consegue traduzir os seus valores numa visão reveladora desta realidade a partir da construção de suas imagens ou de suas próprias observações e conhecimentos diretos ou indiretos sobre as paisagens vivenciadas que envolvem os vários tipos de espaços e lugares de cada personagem.

Ferreira (1979.p.05) salienta que:

Ao construírem os espaços vividos dos seus romances, muitos escritores criam imagens literárias com o lastro da realidade dinâmica e concreta inerente às paisagens geográficas. Mediante a construção destas imagens literárias, nos oferecem paisagens que expressam a apreensão do sentido de mundo vivido pelos personagens, nas mais variadas situações romanescas.

Por meio de um romance goiano pode desvelar uma paisagem geográfica, como Ferreira (1979) mostra que o estudo das relações entre a Geografia e a Literatura amplia-se quando analisam as paisagens geográficas a partir dos filtros perceptivos, do estilo, da

habilidade de comunicação das experiências ambientais dos escritores mediante seus personagens, que refletem ou evocam imagens e percepções de suas próprias vivências. Vários são os romances literários que retratam as paisagens de uma determinada época escolhida para a ambientação espaço-temporal de um romance.

Lima (2000, p.14) compara a Literatura como “um veículo, por excelência, para a transmissão das mais intensas experiências humanas com o espaço, partilhadas tanto por aqueles que amam a natureza, como por outros que não sentem nenhum amor por ela”. Segundo o autor muitos autores conseguem descrever um lugar a partir de suas sensíveis habilidades para descrever a personalidade da paisagem local.

Por esse motivo, a Literatura é um importante recurso literário para os estudos geográficos, que tem como um dos objetivos despertar a atenção dos leitores para um determinado lugar, que antes o mesmo não poderia saber a respeito sem a arte literária. Lima (2000) mostra que por meio da Literatura, a visibilidade de alguns lugares estende-se, amplia-se, fundamentada na humanização da sua paisagem, no seu caráter afetivo e simbólico.

A Literatura recria nas narrativas, mas ao mesmo tempo oferece um conjunto de informações importantes para o conhecimento geográfico, pois conforme Ferreira (1979) muitos escritores, constroem seus mundos fictícios e mostram os reflexos dos envolvimento dos seres humanos com seus espaços, lugares e paisagens de uma maneira que sensibiliza, transpondo as fronteiras da imaginação. Ferreira (1979, p.06) mostra que:

A Literatura se apresenta para o geógrafo como um laboratório, onde alguns escritores recriam ou formulam um sem número de experiências em relação à pluralidade dos contextos ambientais. Ao capturarem nas tramas romanescas, as sensíveis nuances das interações Homem- Paisagem, na multiplicidade dos seus aspectos exteriores e interiores, reais ou fictícios, os escritores propiciam revelações surpreendentes pela sutileza e originalidade do conteúdo de suas mensagens.

Verifica-se a partir da citação acima que uma paisagem em gêneros literários é enriquecida por sentimentos, pensamentos e atitudes dos personagens, que incorporam no romance do escritor, tornando a narrativa rica a partir de imagens simbólicas, em que os literatos muitas das vezes revelam um mundo de vivências cristalizadas nas páginas de uma obra literária, como no caso no romance *Jurubatuba*.

Portanto, Lima (2000, p.25) diz que:

Através das obras literárias de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou de uma situação em um dado momento, mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas próprias

memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou que, simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do sentido do espaço vivido, graças aos valores universais encontrados em suas obras.

Em virtude disso, mesmo um autor reconstruindo uma realidade de um determinado lugar por meio de símbolos, a Literatura a partir da criação literária cristaliza um momento do tempo em suas páginas. Por esse motivo, teremos um olhar geográfico a partir do romance de Bernardes para desvelar o Trabalho e a Natureza no mundo de *Jurubatuba*.

A Literatura é uma série de textos construídos de acordo com certo tipo de pensamento praticado numa certa época por certos grupos sociais, ou seja, por famílias literárias. Isto é, dentro de uma tradição lastreada numa conduta cultural. Por esse motivo, há uma relação entre o mundo real e Literatura, pois a arte literária tenta registrar a realidade a partir de recursos da linguagem.

Conforme estudiosos da Linguagem cada um de nós inicia o percurso do universo ficcional de determinado modo; carrega seus valores, seus problemas, suas vivências. Esse universo ficcional, o qual nos possibilita viver nas situações que apresenta por meio da emoção, permite que, após o percurso, estejamos mais aptos ao conhecimento científico da realidade em que vivemos.

Conclui-se que a Geografia e a Literatura são interligados e por isso a pesquisa geográfica pode usar muitos romances para adentrar em categorias na Geografia, tais como, a paisagem, o lugar, o trabalho, a natureza, enfim. Trabalhar a interdisciplinaridade faz com que a pesquisa enriqueça em outros campos do saber, saindo de um trabalho cansativo, monótono, para aumentar o leque de conhecimentos. E a Literatura é um campo muito amplo para estudar diversas categorias da Geografia.

Desse modo, conforme Chaveiro (2013, p.02) é importante notar que “não se pretende transformar as aproximações do que se faz em Geografia com a Literatura apenas para criar uma maneira ornamental de fazer ciência”, que pode representar uma leitura superficial da Literatura, mas conforme Chaveiro (2013) clarear pressupostos, rumos e direções de sentido que implementem leituras do espaço envolvendo a prática do sujeito, a sua existência como bem principal.

Neste capítulo apresentamos a importância de trabalhar as categorias geográficas a partir da Literatura. No próximo capítulo discutiremos a categoria Trabalho e Natureza no romance *Jurubatuba*, nessa articulação com a Geografia.

## 1.1 O ENREDO DE UM LIVRO: *Jurubatuba* em questão

Nesse tópico será apresentado o enredo do livro *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes. Nesse livro, o autor mineiro, narra a história de Ramiro, personagem principal do romance, que sai de Minas Gerais para Mato Grosso. Ele se instala e trabalha na fazenda Jurubatuba em Goiás, a partir do seu apego afetivo a Ermira (personagem do romance de Carmo Bernardes) Chegando aqui, encontra trabalho na fazenda Jurubatuba, como vaqueiro.

E é por meio deste trabalho com viés de sobrevivência que Carmo Bernardes narra o romance na década de 1950, ao retratar como o ser humano vivia para manter a família. E nessa fazenda, surgem várias histórias, em que o leitor irá apreciar nesse tópico da pesquisa.

Ramiro veio de Minas Gerais para Goiás, acompanhado com sua garrafa de pinga e o seu burro que o carregava; como um ser novato na região, chegou observando o que havia de diferente do outro estado, procissão com bandeira enfeitada de fitas, rezas que eram cantadas, rapazinho soltando foguete na festa de São João, fogueira quase da altura do mastro, sanfona tocando um rasqueado, além do violeiro que acompanhava o som da sanfona, trazendo mais som e animação naquele lugar.

Ramiro achava o violeiro que tocava muito fraco, e como o efeito do gole já estava subindo à cabeça, pegou esse violão e começou a tocar. As pessoas bateram palmas. E nesse ritmo bom, Ermira, morena bonita, estava naquele salão dançando ao toque da sanfona. Esta morena com vestido rodado começou a fitar o novato da festa. Era um dia frio naquele cenário e a respiração do ser humano enlouquecido por Ermira estava saindo fumaça, a moça não saía dos seus pensamentos.

Ramiro no dia seguinte ajudou um carreiro a encarretar uma tora de madeira no carretão. Trocaram conversas, e o vaqueiro percebeu que o carreiro xingava bastante, normal para ele, já que todo carreiro usa palavrões no vocabulário. O carreiro deu conselhos para Ramiro para não pousar na fazenda Jurubatuba.

Ao meio-dia o sol, já havia pendido, e o mesmo arriou o burro e rompeu a estrada, observando a copa de um pequizeiro, alvejada de flores, com enfeite bonito que clareava os seus olhos, trazendo alegria na viagem por aquele Cerrado. Bernardes (1979, p.24) mostra nesse trecho o seguinte: “[...] enxerguei lá fora, de uma banda da estrada, a copa de um pequizeiro, e essa árvore estava vestidinha de novo e alvejada de flores, um enfeite bonito que marcava novidade muito alegre na desolação do Cerrado pardacento [...]”. Como podemos observar, no romance *Jurubatuba*, as peculiaridades naturais como a topografia e a vegetação entram na composição da ambientação do romance.

Ramiro usava um mapa no tempo para pousar na estrada, arriava o seu burro, dava água e deixava o pastando por ali perto. Enquanto o animal descansava, Ramiro chupava as frutinhas do Cerrado, como mirindiba, e várias outras, deliciando as figuras de bichos, espécies de borboletas que “voavam de raspão na tábua do pescoço do burro”. (BERNARDES, 1979. p.25).

Ao voltar pela estrada novamente, cantava alguns versos para alegrar a marcha do burro pelo cerradão fechado, ouvia alguns tiros de foguete, e logo lembrou de que a fazenda Jurubatuba estava em festa. “Fui recebido com a salva de dois tiros de foguete, e o homem que veio me receber e pegou na camba do freio do meu animal e me adjutorou a apeiar pensou que eu fosse convidado”. (BERNARDES, 1979, p.30).

Sizefredo, já estava íntimo de Ramiro, perguntando de onde ele veio, e esta mulher que seduziu o vaqueiro na festa, estava toda mansinha e liberal. Tinha os dentes meio encavalados. Sizefredo era um ser humano bom de prosa, e enquanto conversavam não deixavam de lado a comida que tinha na fazenda, como por exemplo, carne de leitoa com farinha e a bebida que acompanhava os moradores dali, a pinga. E nesse entusiasmo todo, Ermira não deixava de lado a sua sedução, provocando de todos os lados, mas Ramiro tentava disfarçar para não dar vexame.

Este vaqueiro, muitos dias viajando, passou muitas vezes falta de comida, comendo apenas algumas frutinhas do Cerrado, tomando sol todos os dias, em cima do seu animal. E nessa viagem cansativa, Ramiro chegou cansado, e frágil na fazenda em que se encontrava a linda Ermira. E por estar frágil, teria que estar ao mesmo tempo forte para conseguir se livrar das tentações dessa mulher. Bernardes (1979, p.136) mostra como Ramiro descreve Ermira:

Ermira era toda muito bonita e, nela, o que mais me encantava eram os braços. Não sei se porque meio rouca e sempre descansada no pronunciar certas palavras, sua fala, também, me cativava um pouco. Sei que, mesmo trajando roupa de manga comprida, era eu bater os olhos em seus braços, corria-me no espinhaço uma espécie de comichão e eu pegava a enxergar muitas sombras embaralhadas e, às vezes, a vista escurecia. Ela alcançou em mim essa parte de fraqueza e, toda vez que fingi amuo, fui vencido e me entreguei aos seus braços bambos, que acabavam me dismantando a natureza.

Enquanto se livrava das tentações amorosas de Ermira, Ramiro passeava pela mata virgem com seu burro, observando o que tinha de bonito naquele lugar, tais como, o cipó-prata, virtudes que tinham a sua vista. Bernardes (1979, p.42):



Encolhi a rédea, o burro panhou um passo largo, fui subindo um lançantezinho e reparando a qualidade do mato. Tamburi, mutamba, guariroba e uma versidade de cipó, como bem o roseta, o cipó-prata, o larina, o cipó-cabeludo, e eu nem me importando com essas virtudes porque nesse tempo já eu tinha feito um protesto de nunca mais mexer com serviço de lavoura.

Além da vegetação, o mesmo observava as cantigas dos pássaros, e os galhos secos das árvores, muitas sobressaídas em várias partes da mata, quando derrubaram as roças, várias aves cantando naquele silêncio só.

E nesse momento, Ramiro observava também os companheiros que passavam por ele que vinham da roça, que conduziam ferramentas e apenas um trazia duas capangas, como pode ser verificado nesse trecho do romance, “conduziam ferramentas, um estava com duas capangas a tiracolo, cortando os ombros de pesadas, entupidas com que eu não sei”. (BERNARDES, 1979, p.42). E o viajante observador deduziu que o trabalhador que trazia as capangas era o dono do serviço, pela descrição do trecho do livro. Eram peões que estavam cansados, pela fisionomia dos seus rostos, pelo trajo, além do suor em suas roupas.

Ao ir ao Mocambinho, lugar que tinha alguns comércios na entrada, o povo sertanejo, parava para espiar o estranho que ali entrava, dormiu em um cômodo que estava para terminar, faltando as portas e uma parede, onde colocou a sua rede para se agasalhar. Ramiro sentiu muito frio naquela noite, pois o tempo mudou, pegando a ventar e o frio aumentou a meia-noite.

O seo-Policarpo dono do comércio onde Ramiro precisava das ferragens, tratava o viajante muito bem, parecendo que já era de sua confiança dava-lhe comida e pouso por uma noite que o vaqueiro ficou lá. Ao seguir viagem, o comerciante riscou o roteiro da jornada do viajante numa folha de caderneta para facilitar a chegada de Ramiro no local em que ele desejava ir.

Enquanto o burro de Ramiro, o Saudoso, marchava na estrada à frente, o mesmo observava o mundo, constituído pela mata escura, “furada de corte de roças e nas dobras muito longe quietava uma serra arqueada, de lombada azul, formando a figura pesada de um gigante deitado”. (BERNARDES, 1979.p.62). O Saudoso era um burro amarelo, das canelas rajadas, era um animal bem tosado. Estava um dia bem ensolarado, naquela estrada do chão vermelho, com diversos tipos de árvores, tais como: guarirobal, coqueiro, acuri, caetezal e pauã além de outros ramos que pertencem à vegetação goiana.

Para descansar, o viajante parava naquela mata com galhos dependurados, por exemplo, as gameleiras, conhecidas como rodudas, acendia o fogo, assava carne, e colocava o

burro para pastar num “melosal cheio de cambarazeiros enfiorecidos, que tinham muitas abelhas zumbindo”. (BERNARDES, 1979.p.66).

Além desse descanso na mata, Ramiro aproveitava as cachoeirinhas para aliviar o corpo pesado, tomava água juntamente com seu animal, e tomava banho. Ao acender o fogo, usava a lenha de cambarazeiro seco, típico natural do Cerrado. O burro descansou, encheu a barriga, e Ramiro o arriou e seguiu a viagem novamente rumo à fazenda Jurubatuba.

Ao chegar à fazenda, Ermira exercitava uma força descomum de sua sedução, por meio do seu olhar morteiro, seus olhos entravam nos olhos de Ramiro. Jogou várias flores para o vaqueiro, como se fosse uma declaração de amor. E nesse ritmo, Ramiro não abandonava as seduções de Ermira.

Os dois encontravam às pressas com medo de serem descobertos, pois o tempo era curto demais para ficar com carinhos. A casinha de monjolo era um lugar apropriado para os encontros desse casal, por detrás das moitas de bambu.

O primeiro dia que os mesmos ficaram foi no duro do assoalho do quartinho da sala, e nem se importavam com o marido de Ermira que poderia chegar e encontrar os dois embrulhados. Além desses encontros, tiveram vários outros, mas o que mais marcou foi quando os dois saíram para apanhar mangaba no campo com Sizefredo de companhia.

Chegando lá, Ermira, pediu para Sizefredo encontrar coco de buriti. Os dois ficaram horas esquecidas abraçadinhos debaixo de um pé de mangaba em cima de um tapete de capim macio na sombra da mangabeira. Bernardes (1979, p.124) mostra que:

Ermira, aquela vez, conforme eu vinha dizendo, me cobria com todo o seu carinho, nós dois adernados em cima dum tapete de capim macio lá no sombrio da mangabeira. Era num topezinho de morro, o Cerrado muito limpo por baixo, nós ali atalaiados com a faculdade de enxergarmos a vereda de buriti, onde Sizefredo mamparreava, recolhendo coco na fralda da camisa.

Ramiro ficava na casinha de despejo na fazenda Jurubatuba. Foi um ser humano criado pelos lados alheios, sem receber um sorriso verdadeiro, não tinha amizade verdadeira, sem ser dos cachorros e dos pássaros. Vivia uma vida de maus-tratos, mas chegou um dia em que este vaqueiro se revoltou e transformou nesse ser humano selvagem, desconfiado.

Ramiro saiu de Minas vagando pelo mundo, sem morada certa para não ser obrigada a andar com o chapéu debaixo do braço perante patrão. Seo-Simeão era o dono da fazenda Jurubatuba, e queria ajustar Ramiro para peão da fazenda. Como podemos observar neste trecho do romance, Bernardes (1979, p.83): “O homem queria porque queria me ajustar para peão. Manso e facundo ele renitia, botava argumentos, e eu sempre me furtando em alegar

porquês, sustentando rijo que em ajuste não havia combinação nem proposta”. Logo, como estava precisando de um vaqueiro na fazenda, Ramiro era então o novo peão e vaqueiro na Jurubatuba.

Este vaqueiro observava muito o que acontecia ao redor da fazenda, a roupa dos carreiros, que viviam com os pés descalços, o chapéu um bagaço, os mesmos tinham uma vida miserável. “O ganhame de um carreiro é na base de um quilo de toucinho por dia. O que vale um quilo de toucinho é o ordenado de um desses viventes”. (BERNARDES, 1979, p. 87)

Os filhos desses carreiros viviam famintos, sem valor nenhum, só serviam para o trabalho. Trabalhavam muito e em troca tinham apenas um quilo de toucinho por dia. A vida de vaqueiro na fazenda Jurubatuba era mesma dos outros lugares onde Ramiro já tinha andado, o leite era para fazer queijo, o soro do queijo era para engordar o capado.

A família de vaqueiro ficava só na mandioca assada, rói coco de macaúba. E nesse tempo de ser vaqueiro na fazenda, Ramiro queria fazer diferente na vida do menino Belamor, que trabalhava na Jurubatuba tirava leite, enchendo a cabaça de leite para o mesmo levar a sua família, já que o patrão não o deixava fazer isso todos os dias.

A fazenda Jurubatuba tinha um ribeirão que fazia uma volta campeira em que de um lado era uma ladeira despencada e do outro, um plaino quase varjão onde eram os apartadores da fazenda. “A casa e o quintal enorme aí nos fundos, a rebaixa do engenho, o paiol de milho, a curralama e a casinha de despejo”. (BERNARDES, 1979, p.95). Era uma fazenda que tinha as divisas do campo com o Cerrado, as copas de uma árvore e outras repontando mais altas, murunduns de cupins no terreno e uma diversidade de pássaros que continham ali.

Quem dava a ordem na fazenda Jurubatuba era a Tiá Bruna. Era ela quem mandava, ou seja, ordenava o que tinha que ser feito na fazenda, como pode ser observado neste trecho do romance, “ali na Jurubatuba eu estava recebendo ordem era só de Tiá Bruna. Descobri que ela, por detrás, era quem mandava- larguei o patrão pra lá, fui fazer papel de chichisbeú”. (BERNARDES, 1979, p.112). Tiá Bruna reclamava para Ramiro, os serviços que tinham na fazenda Jurubatuba para fazer e ninguém queria ocupar este cargo de trabalhar, assim, com as reclamações da “patroa” o mesmo fazia aqueles deveres.

Para mover o engenho, trabalhavam duas parselhas de bois. Tiá Bruna e Sizefredo ficavam na lenha. Ela vigiava as duas tachas. Romaninho batia escumadeira, ele cuidava da garapa fervendo e ficava em cima da fonalha, num perigo dando de cair dentro. Cada um com sua função para sair o melado bom da fazenda e Ramiro só observava o trabalho sofrido daqueles peões na fazenda.

O que fez o mesmo sair zanzando pelo mundo foi justamente isto, a ruindade de certos indivíduos sem alma, pouca causa que os padrões fazem dos agregados. Ramiro era um ser humano revoltado da vida pelo trabalho que fazia, e os outros não davam valor, como o mesmo dizia “caboclo pensar que por ser dono de uma garrazinha de fortuna querer fazer-se besta comigo, há de sair com um nó e uma laçada no rabo”. (BERNARDES, 1979, p. 153).

Os dias iam se passando, e chegou o dia da festa em Mocambinho, e os festeiros eram os donos da fazenda Jurubatuba. E tudo se ajeitava na fazenda, tudo era motivo para festa e alegria. E Ermira, foi com o marido nesta festa, enquanto Ramiro ficou lamentando a solidão, pensando em deslocar daquele local, para se livrar de tanto sofrimento, pois a mulher não poderia ficar apenas com ele.

Entrou no local do seu aconchego, tomou umas pingas, e começou a escrever uma carta de amor a Ermira, despedindo dela, mas não saía nada, a pinga em vez de clarear a memória fazia era escurecer de vez. Mas, no outro dia quando os festeiros voltaram da festa, Ramiro não agüentou novamente as tentações desta mulher sedutora, e desistiu da ideia de ir embora.

Belamor era um garoto que também trabalhava na fazenda Jurubatuba e estava nos comandos de Ramiro. E o viajante foi levá-lo até a casa dos seus pais para visitar. Ao voltar da viagem, o viajante parou na estrada para descansar. Ouvia os barulhos da fazenda em Mocambinho, toque de instrumentos, cantigas da procissão, pessoas falando alto e naquele barulho só; a tal da Ermira não saía dos seus pensamentos naquela noite solitária. Era uma procissão bonita com meninas vestidas de anjo, cumprindo voto.

Tinha o padre da cara muito grande, muito vermelho e muito alto, tirando rezas e glorificando Divino Espírito Santo. Passava um ser humano que carregava uma cruz fininha e comprida demais, andava embodocado e arrastava os pés em frente o poso de Ramiro. Não podiam faltar os festeiros da festa seo-Simeão e Ermira. Os dois seguiam na procissão, e as pessoas que assistiam e participavam faltava só babar de admiração. Bernardes (1979, p.180) descreve a noite sertaneja que Ramiro passou nesse dia:

Noite sertaneja, das que muitas já passei. Tric-tric de formiguinhas e cupins picando cisco; bulhazinha indecisa, por aí, do rato miudinho, vermelhinho do mato, esperto e arisco; a brisa das horas mortas que cicia longe e vem acachoando em crescendo e passa derrubando folhinhas murchas; a solidão imensa que afasta todas as presenças e que o urro do lobo é um assopro remoto, o canto da corujinha-caburé é uma queixa e a caixa do peito estremece com as pancadas do coração.

No dia seguinte, Ramiro continuou sua viagem subindo uma serra, mais conhecida como Serra do Tombador. O Cerrado em redor era quase que só de mangabeiras. O viajante pegou algumas folhas viçosas de azedinha-do-campo e colocou na boca para mascar que também eram muitas por ali. Continuou a viagem, reparando as belezas de cascatinhas de pedras com uma aguinha limpinha.

O sol já estava bem baixo, e não tinha porque razão pousar ali. Lugar de armar rede era a cômodo nos galhos tortos de um solto de arvores. Assim fez o viajante, desarreou, encostou e peou o burro no Cerrado bonito e pousou. A noite estava fresca com um ventinho de vez em quando a farfalhar a copa das árvores, folhas murchas despencando, uma e outra estrela cadente risca as profundas do céu abaciado.

Ramiro se aventurou nessa viagem. Era já bem tardezinha quando o mesmo entrou na mata da Tiquira. O cachorro Dingo, não o abandonava, ia correndo na frente para espantar os bichinhos que passeavam no mato, como por exemplo, a cutia e jacu. E Ramiro, observava a beleza da natureza naquele lugar, tucanos, com penas coloridas, ficavam nas copas das arvores. Mais adiante, em um jatobazeiro, ficavam os macacos, comendo o jatobá.

A noite chegou, e o mato silenciou de todo. E o viajante continuou pela estrada, juntamente com o cachorro e o burro, e não podia faltar o litro da cachaça. Ramiro usava a lanterna para ver os bichinhos noturnos que começavam a passear naquelas horas. Encontrou no mato da Tiquira, homens que esperavam pacas em cima do jatobazeiro. E, enquanto isso, Ramiro parou para descansar perto de um ribeirão para comer, e dar comida também para o cachorro que estava faminto.

Os homens que estavam esperando paca no mato, parou perto de Ramiro e começou a conversar, dizendo que era um bom lugar para caçar paca. “Coei um café com água ferrada, nós bebemos, enrolamos cigarro e mudamos de assunto. Eles me disseram que o mato ali da Tiquira é muito bom de paca e que no atual era o jatobazeiro que estava dando boa espera”. (BERNARDES, 1979, p. 224)

No dia seguinte, o viajante sertanejo chegou à fazenda Jurubatuba, e encontrou seo-Simeao doente. O rosto queimava de febre, os lábios secos e o branco dos seus olhos era um açafião, de amarelo. Tiá Bruna fez com que Ramiro fosse a Mocambinho buscar remédio para seo-Simeao. Chegando à cidadezinha bem cedo do dia, Ramiro amarrou o animal na gameleira em frente e entrou meio bêbado na farmácia levando já desdobrado na mão o papel com os sintomas da moléstia de seo-Simeão.

O farmacêutico indagou que a doença do senhor da Jurubatuba seria maleita. Mas Seo-Simeão acabou morrendo, assim meio de repente depois de ter usado três dias os

remédios. Começou a passar mal de madrugada, morreu nos braços de Ermira. E nesse mesmo dia, o cachorro Dingo, companheiro de Ramiro, também morreu.

Ao passar dos dias após o sepultamento, Ermira tinha quase certeza que Seo-Simeao tinha morrido envenenado. Ermira limpou com algodão um soro verde que ele expelia pela boca, e no sair do quarto, colocou a mecha daquele algodão babado dentro de um pedaço de carne, jogou para o cachorro e o mesmo morreu também.

E quem poderia ser o culpado da morte de Seo-Simeao? Foi o vaqueiro Ramiro, colocando veneno de matar formiga nas cápsulas do remédio que ele foi comprar na farmácia, vendo a morte do marido de Ermira como uma solução para os seus problemas, ou seja, ou ela fica sendo só dele ou de mais ninguém.

Seo-Simeão foi enterrado no cemitério da fazenda, no plaino da Serra da Jurubatuba. E Ermira, na manhã seguinte ao sepultamento do marido, partia na companhia de sua prima Hosana indo-se embora para Mocambinho.

Ramiro ficou com saudades dos carinhos da Ermira, e ao mesmo tempo amargava-se de desgosto, um arrependimento de haver interrompido a sua viagem na fazenda Jurubatuba. Mais de dois anos perdidos, sendo que já poderia estar alicerçado no Mato Grosso, onde era o seu destino.

Em razão disso, Ramiro Antunes Martins de Novaes, resolveu a não ser mais vaqueiro na Jurubatuba, tirou o chapéu da cabeça, olhou para o céu e jurou. Vestiu seu terno amarelo, no pescoço colocou o seu lenço de seda verde com as pontas enfiadas num anel de prata, botinhas escovadas.

A roupa velha que ele trabalhou muitos anos na fazenda Jurubatuba, pendurou-a num prego, na casinha de despejo, deixando-a por lembrança. Bernardes (1979, p.270) descreve a passagem quando Ramiro vai se embora da fazenda de vez, “cheguei lá em cima, no tope do morro, derradeiro ponto de onde ainda se avistava a rebaixa do engenho, a gameleira do canto do curral e um pedaço do telhado da casa da fazenda, e ai tornei a parar, olhei pra trás pesaroso”.

E lá foi Ramiro a caminho para Santo Agostinho, apreciando o Cerrado florido, os insetos, o zunzum das abelhas, enfim. Ao viajar doze léguas naquele dia, Ramiro encontrou um rancho com o jirau ainda bem conservado. O viajante desarreou o burro, armou a rede, acendeu um foguinho para espantar os mosquitos e desinfetar o mofo, comeu meia dúzia de ovos com sal e bebeu cachaça, e repousou por ali.

No dia seguinte Ramiro continuou sua viagem, e passando pela Serra do Tombador, encontrou um viajante demandando dos sertões para a cidade de Goiás que sem mais essa,

sem mais aquela, deu uma capa ideal quase nova para o viajante. Bernardes (1979, p.282) Ramiro “largou nos altos da Serra do Tombador, as mazelas do seu passado e desceu, ganhou o baixadão do Araguaia, com um julgamento das pessoas e das regras do mundo muito adverso do que ele pensava antes...”.

E foi assim o destino do aventureiro Ramiro, deu adeus a Jurubatuba, a sua personalidade mudou, sendo outra pessoa a partir do que ele vivenciou durante essas viagens, pelo trabalho na fazenda, pela convivência com outras pessoas.

Portanto, esses momentos que Ramiro passou, foi uma experiência de vida, retrato radical do deslocamento. Além disso, a questão da identidade, ou de sua perda, talvez seja o foco da narrativa.

O protagonista atribui-se uma série de profissões, fundadas na experiência sertaneja, indicativas da busca da estabilidade e apaziguamento. Percebe-se, entretanto, é que tais ocupações são, também, precárias, instáveis, marcando o ritmo das transformações por que passa a alma do herói e a própria condição sertaneja.

Assim, o “cai-nágua” o bêbedo, o jogador, o músico-indicativos da perda de plenitude humana-e, finalmente, o homicida, convergem para Ramiro Antunes Martins de Novaes, tornado igual de homens bons e escorado no nome amplo e sólido. A terceira mudança ocorre em um “lugar consagrado, a serra do Tombador”. O encontro com um “viandante” marca o restabelecimento da integridade do ex-cativo-o que já fora “homem inválido, dominado feito escravo negro”.

Portanto, a resolução do enigma de Jurubatuba faz-se, afinal, pela iluminação do passado, o que não significa extinguir, entretanto, iluminação do presente. A natureza mesma da narrativa, marcada pela sinuosidade, pela fusão de presente e passado, remete a persistência do enigma essencial da existência humana e a sua irresolução: o devir, que inclui decisivamente a relação sociedade/natureza mediada pelo trabalho.

## 1.2 A HISTÓRIA DE UM LITERATO: Carmo Bernardes em questão

Embora qualquer narrativa é lastreada numa tradição literária que se enuncia numa situação sociocultural, não se deve eliminar a ação do autor, especialmente de sua trajetória de vida. A história de vida do autor inclusa na história do país e do mundo, é responsável por criar os aspectos diferenciadores do modo de narrar, inventar, imaginar. Mais que isso: o autor inventa a partir de sua realidade, por isso é que se diz que a ficção não é uma mentira, mas outro modo de dizer a verdade do espaço e do mundo.

Carmo Bernardes nasceu em 1915, no dia 2 de dezembro, em Patos de Minas, no mesmo ano dos maiores contistas goianos Bernardo Èlis, José J.Veiga e Eli Brasiliense, mas passou a maior parte de sua vida em Goiás.

Bernardes é filho de Luiz Bernardes da Costa, tropeiro e artesão, e de Ana Carolina Barbosa. Conforme Paul (2008), o próprio Carmo Bernardes conta, na abertura de seu livro *Rememórias Dois*, que recebeu o nome de Carmo por causa de uma bela estampa de Nossa Senhora do Carmo.

No ano de 1920, quando Carmo Bernardes contava cinco anos de idade, mudou-se com a família para uma fazenda no município de Formosa, em Goiás, e em 1925, fixou-se em Anápolis. Trabalhou com seu pai de carpinteiro; o que lhe proporcionou os primeiros conhecimentos dos assuntos florestais. Exerceu, também, atividades rurais, além de outros cargos, tais como, pedreiro e marceneiro, além de ter sido dentista prático. Logo, consolidou-se como jornalista e funcionário público.

Já no ano de 1933, começou a aprender música com o maestro Ataliba Barbosa, também tocava viola e gostava de modinhas. Paul (2008, p.35) mostra que “Carmo Bernardes fez parte de duas bandas de música e tocou saxofone”. Além de tocar essas músicas, ele mesmo compôs várias modinhas. E com 18 anos de idade, demonstra certa vocação literária.

Em 1935, no dia 27 de fevereiro, Carmo Bernardes casou-se com a filha de um fazendeiro, que se chamava Maria Nicolina de Jesus, que ficou mais conhecida como “Do Carmo” e com a qual teve 14 filhos.

Em 1940 acontecem suas primeiras tentativas como escritor, pois começa por escrever pasquins e abecês de caráter humorístico. No ano de 1959, transfere residência para Goiânia, onde ocupa o cargo de assessor da Secretaria de Viação e Obras Públicas. Em 1962, ocupa o mesmo cargo, só que agora nas Centrais Elétricas de Goiás. E em 1964 é homenageado no Concurso Literário do Livro, onde ganha em primeiro lugar.



Em 1965, Bernardes retorna ao jornalismo profissional. Nesse período não se cansou de estudar e pesquisar assuntos relacionados ao meio ambiente e a maneira correta para sua preservação.

Aos 51 anos, no ano de 1966, foi publicado o seu primeiro livro, *Vida mundo*, uma coletânea de contos ambientados no sertão goiano. Já no ano de 1969 os livros de crônicas: *Rememórias I e Rememórias II* foram publicados. Em 1971 conclui o Primeiro Curso Integrado de Teoria Literária, Linguística e Francês Fundamental, na Universidade Federal de Goiás, onde trabalhou e se aposentou.

Passando três anos, em 1972, aconteceu publicação de seu primeiro romance, *Jurubatuba*, e também a publicação da coletânea de contos *Reçaga*. Nesse mesmo ano, foi colocado à disposição do Governo de Goiás para exercer as funções de Assessor Especial, desempenhando trabalhos específicos de redator de papéis oficiais.

Em 1974, no dia 22 de março, tornou-se membro da Academia Goiana de Letras, ocupando a cadeira nº10, que pertencera a Albatênio Caiado de Godoy. Em 1975, Carmo Bernardes participou do I Encontro Nacional sobre Proteção e Melhoria do Meio Ambiente, pois era um escritor assíduo combatente na luta a favor da preservação da natureza. E no ano de 1976, Bernardes publicou a coleção de contos *Areia branca*.

Em 1979 concluiu o Romance *Xambioá*, sobre a Guerrilha do Araguaia, episódio de repressão do regime militar testemunhado pelo escritor durante seu exílio. Trancou-o em uma gaveta e recomendou a família que não a abra antes de sua morte. Logo no ano de 1991, recebeu o prêmio cubano *Casa de las Américas*.

No ano de 1992 aconteceu a publicação em Havana de uma coletânea de contos em espanhol, *La resurrección de um cazador de gatos*, que seria publicada em português, pela editora da UFG em 1997. Em 1996 Carmo Bernardes antes de completar 80 anos de idade é submetido a uma cirurgia para implantação de um marca-passo, tendo em conta uma complicação cardíaca motivada pela doença de Chagas que havia contraído muitos anos antes em Damolândia. Falece em Goiânia, em 25 de abril. Depois de 25 anos concluído, o romance *Xambioá* foi publicado em 2004.

### 1.3 Obras de Carmo Bernardes

É de praxe estudar uma obra literária sabendo também a vida do autor, ou seja, a história do literato, para aprofundar o estudo a partir da Literatura. A obra de Carmo Bernardes possui fortes relações de vivências sertanejas, do povo goiano e também do ambiente goiano. Segundo Souza (2008, p.171):

As narrativas de Carmo Bernardes revelam qualidade de conhecimento e percepção da natureza humana, ficcional e dos recursos da linguagem que possibilitam ao leitor descortinar um mundo de densidade incontestável. Seus contos e romances apresentam-se, de fato, instantâneos do cotidiano que sugerem de pronto ao leitor imagens vivas e realistas de pessoas e situações que transcendem os limites das mesmas sugerindo implicações universais.

Em razão disso, a primeira obra de Carmo Bernardes é *Vida Mundo* publicada em 1966, em que consiste de uma coletânea de 15 contos ambientados no sertão. Em 1968 o literato apresenta o conjunto de crônicas com suporte histórico verídico com o nome *Rememórias*.

No ano de 1969 no livro *Rememórias Dois* Carmo Bernardes reúne crônicas escritas por ele na Ilha do Bananal, onde se refugiou para não responder a um processo em que fora acusado de “subversivo”.

Três anos depois, em 1972 o autor escreve *Reçaga*, que é o título da obra que significa quando alguém está com o plantio ou a colheita atrasada. É uma coletânea de contos que tem como tema central a alma cabocla perdida no mundo urbano.

Em 1972 *Jurubatuba* foi o primeiro romance do autor. Tem como tema central o amor e particularidade de documentar o ambiente goiano. Paul (2008) discute que o próprio escritor o considera como seu livro mais importante por se tratar de um romance completo sobre o povo goiano. Por tratar do melhor da produção de romance de Carmo Bernardes, foi o objeto de análise escolhido por este trabalho.

Já no ano de 1976 o livro *Areia Branca* contém vinte e seis causos e contos, e a maioria deles tem como tema central o cotidiano goianense, os conflitos existenciais provocados pelo encontro de duas realidades: a antiga e a atual. Em *Idas e Vindas* (1977) repetem-se a técnica de verossimilhança, o fantástico em *Vida Mundo e Reçaga*.

Em *Força da Nova, relembrações* (1981) Carmo Bernardes reconstrói uma realidade dacultura de Minas Gerais, lugar onde passou sua primeira infância. Retrata os costumes, as tradições, o povo e os hábitos. Em 1984, o romance *Nunila- A mestiça Mais Bonita do Sertão*

*Brasileiro*, o escritor registra as relações sociais dos sertanejos e garimpeiros numa antiga área goiana de mineração.

No romance *Memórias do Vento* (1986) tem como tema central uma história de amor e adultério com heróis humildes, gente que foi escorraçada do campo pela lavoura mecanizada, e os vastos desertos das boiadas. “Gente que amontoa nos bairros empoeirados e esburacados das periferias, onde a esperança do ser humano, por tênue que seja, ainda existe e torna possível a luta e os sonhos”. (PAUL, 2008, p. 42). No mesmo ano a obra *Quarto Crescente* (1986) resgata o regionalismo num quadro sociológico.

O romance *Perpetinha - um drama nos babaçuais* (1991) parte de um relato fiel da sociedade interiorana goiana, onde o autor narra o processo da formação histórica da Província de Goiás. O romance *Santa Rita* (1995) centra-se na ambientação regionalista onde o autor conta a formação do povoado de mesmo nome. A partir da ficção, Carmo Bernardes denuncia verdades e informa sobre a história e a formação sociopolítica-psicológica do povo interiorano.

O livro *Jângala- Complexo Araguaia* (1995) constitui um documentário cheio de informações, curiosidades, constatações e muita denúncia. É um ensaio ecológico de cunho científico, ou seja, uma mistura de ensaio e reportagem. No mesmo ano o livro *Quadra da Cheia: Textos de Goiás* (1995) reúne contos removidos de arquivos, e o autor achou que continha que fazer parte deste livro.

Foi publicado em espanhol ano de 1992 o livro *La Ressureccion de um Cazador de Gatos* por ter merecido o prêmio Casa de Las Américas, em Cuba, em 1991, situa-se o ponto alto da carreira de Carmo Bernardes. Só em 1997 publicou-a em português, com o título *A Ressurreição de um Caçador de Gatos*.

“Em 2001 o livro *Póstumo Selva, Bichos e Gente* reúne as vivências do homem do mato ao mostrar os animais em seu *habitat*, seus costumes e modo de reprodução”. (PAUL, 2008, p.44). Neste livro, o autor mostra as caçadas e o preparo dos animais na cozinha sertaneja, resgatando as histórias e ensinando receitas medicinais.

O seu último trabalho foi *Xambioá, Paz e Guerra* escrito em 1995, quando o escritor quase completava 80 anos de idade. Neste livro, o autor aborda a Guerrilha do Araguaia, um dos momentos mais importantes da história de Goiás. Foi finalmente editado em 2005 com prefácio de Liberato Pova e Isanulfo Cordeiro.

Portanto, duas obras do autor, *O Visto do Tempo*, uma historia sobre a perseguição aos opositores da ditadura militar em Goiás, e *Almanaque*, uma pesquisa do autor sobre diferentes aspectos da cultura popular, são textos que ainda não foram publicados. E uma

ultima obra *Saga Menor*, que seria um relato da vida de Carmo Bernardes, permaneceu inacabada. (PAUL, 2008).

#### **1.4 . Uma obra para o diálogo entre Geografia e Literatura: Jurubatuba em questão**

A Geografia tem trilhado diversos caminhos atualmente com o diálogo com outros campos do saber, tais como a arte, a religião. Já no campo das manifestações artísticas, uma que tem ganhado destaque é a Literatura. Sabemos que a Literatura é de grande relevância para estudos geográficos, mas essa abertura para outras formas de saber e para o diálogo interdisciplinar é um esforço recente nos estudos geográficos no Brasil.

Os estudos geográficos realizados a partir de análise dos textos literários no Brasil ainda são poucos trabalhados e privilegiados na Geografia Brasileira. Embora os estudos geográficos na relação com a Literatura seja um campo de investigação recente no Brasil, estudiosos como Barcelos (2006), Braga (2009), Olanda (2008), Paul (2008), Santos (2007), dentre outros, apontam por meio de resultados de investigações já realizadas nessa relação entre Geografia e Literatura para o estudo geográfico no Brasil.

A Literatura ocupa um lugar muito importante na investigação geográfica, podendo nesse sentido, trabalhar os textos literários para interpretar e representar o espaço geográfico, na relação entre Geografia e Literatura.

Segundo Claval (1999), os geógrafos têm uma gama de assuntos que podem ser pesquisados a partir da perspectiva cultural. Consideramos contribuir com o debate na Geografia Cultural brasileira sobre as várias possibilidades de se realizarem estudos geográficos que considerem a Literatura como importante forma de investigação geográfica.

O eixo da obra de Carmo Bernardes revela constatações psíquicas e sociais relacionadas à observação do espaço social da cidade, da fazenda e dos caminhos percorridos pelo narrador. Portanto, a suposição é que o processo de modernização refez o modo pelo qual o sujeito representa e usa a natureza. O espaço rural, como todo o sertão e o interior do país, evidencia-se como o lugar do inóspito, do natural contra o lugar da razão que é o litoral e o mundo europeizado.

A admiração do personagem central Ramiro, apresenta um Cerrado idílico, cuja principal característica é enlevar o ser humano que ali se coloca, como observador, a um estado pleno de admiração, que caminharia a uma percepção extasiada do mundo que o cerca. Na obra de Bernardes, será possível perceber a natureza intocada e também com uma outra já humanizada, ou seja, já alcançada pelas mãos do ser humano.

É importante lembrar que, Carmo Bernardes, narra sobre o mundo da roça. Um mundo, que não está livre da fuxicaria, da maledicência, das traições, dos abandonos, dos

estupros, das mortes e das malvadezas de que, para o autor, todo o ser humano é capaz, esteja onde estiver. Como por exemplo, a maldade da personagem Tiá Bruna, de Jurubatuba, dos milicos e grileiros e Nunila.

Segundo Santos (2007), o ser humano e a natureza na narrativa bernardeana são caracterizados mediante uma noção de direitos sobre a terra, cuja posse reporta-se ao modo de vida e tradição do lugar. O estranho que ali chegara e adequou (Ramiro), adquire uma identidade que o faz par desses homens e mulheres na luta por sua terra. Nesse caso, o peso político ganha força a seu personagem central no romance.

No romance mostra também a miséria dos carreiros, a começar pela vestimenta cheia de remendos, pés descalços e chapéus esfarrapados, citada como comum por aquelas paragens, mostra a condição subumana do carreiro. O romance é uma das obras mais expressivas da vertente regionalista, voltado, na ficção, para o questionamento social e psicológico, ao retratar as peculiaridades ambientais e os costumes do sertão do Estado de Goiás, no Brasil. Barcelos (2006) afirma que é por meio da fala do narrador que Carmo Bernardes traz ao leitor o mundo sertanejo, com seus princípios rígidos, seus valores, crenças, costumes e supertições.

*Jurubatuba* é marcado pela imagem de natureza do sertão. O autor quer que seu leitor conheça esse ambiente que no passado, fora o seu e de seu povo. Uma natureza hostil, maravilhosa, de onde tira o seu sustento. Portanto, conforme Santos (2007) a vida de Carmo Bernardes foi autenticamente recontada como ficção nos romances, porque, nessa ficção, estão todos os elementos que dela fizera parte, tais como: os homens, a selva, os bichos, que segundo Bernardes, não estavam a salvo, e logo, precisavam também de quem os defendesse.

Olanda e Almeida (2008) dialogam que a perspectiva cultural na Geografia reconhece a centralidade da cultura humana ao focar o ser humano inteiro por meio das suas relações sócioespaciais e a experiência cotidiana com o meio de sua existência. E também, ao propor investigar os sentimentos, as representações e as aspirações humanas, e ainda, como o ser humano se vê e como constrói sua identidade. Essas posturas, segundo os autores, explicitam a visão e os objetivos desse viés da ciência geográfica.

Entender se o autor representa o real da época, é algo que tem ganhado importância na pesquisa. Representação é entendida nesse trabalho como conhecimento e comunicação. A

Literatura concebida como representação da realidade e, conseqüentemente do espaço geográfico e da condição humana.

Segundo Moscovici (2003, p.216):

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes e fazer coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. Conseqüentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema.

Sabe-se que o teórico Milton Santos coloca em suas obras a relação ser humano-natureza, como a capacidade do ser humano, por meio do trabalho, de impor a natureza, por meio da técnica. Segundo Campos (2003, p.59): “Com a utilização das técnicas e do trabalho, a relação do ser humano com a natureza passa a ser progressiva e dinâmica”.

A natureza passa a incorporar, registrar a ação humana e adquire feições diferentes que correspondem às feições do respectivo momento histórico. Dessa forma, como pode ser visto na citação, que a natureza conhece um processo de humanização maior, ganhando a cada passo, elementos que são resultado da cultura.

Como pode observar, antigamente, o ser humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço de natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo, como por exemplo, escolha da estação do ano para plantio. Esse meio natural era utilizado pelo trabalhador sem grandes transformações.

Conforme Campos (2003, p.50) as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas de natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação. Hoje o ser humano transforma a natureza em mercadoria, por meio do trabalho, assim, ocorre à separação do ser humano com a natureza. Segundo Campos (2003, p.64): “Quanto mais o homem se encontra separado da natureza, mais ele tem que suprir suas necessidades por meio de uma relação mercantil”.

Portanto, ao separar o ser humano da natureza, o capitalismo se produz e se reproduz, assim como cria necessidades novas que fundamentam a sua existência enquanto

modo de produção de mercadorias. É possível perceber que a natureza é reserva de recursos a serem transformados em mercadoria. O ser humano atua dessa forma, como força de trabalho que transforma a natureza em mercadoria, produtividade, lucro. Dessa forma, hoje o trabalho é visto como lógica da produção de mercadorias, e antes, era visto apenas como forma para se existir, ou seja, manter. Conforme Campos (2003, p.85):

Tal como se manifesta hoje, o trabalho é submetido à lógica da produção de mercadorias. Assim acaba por ser transformado num instrumento de controle social do indivíduo porque os homens que o realizam devem ser dirigidos por finalidades determinadas. Por outro lado, o trabalho possui um caráter útil por ser a relação no intercâmbio entre o homem e a natureza, produzindo coisas socialmente úteis.

Sendo assim, a natureza era vista antes como cultura, espaço cultural para o plantio, sobrevivência. Nessa relação atualmente de trabalho e natureza, houve uma separação do ser humano com a natureza, porque o que está em jogo não é mais uma natureza hostil, maravilhosa para sobrevivência, mas, sim, um processo de acumulação do capital do modo de produção capitalista.

Logo, a procura da modernização pelo ser humano é um processo de mudanças na relação ser humano-natureza, porque o ser humano substitui o meio natural, por um meio mais artificializado, instrumentalizado pela sociedade.

Campos (2003, p.62) afirma que “as técnicas, mais e mais vão incorporando-se a natureza, e esta deixa de ser algo que funciona apenas segundo leis naturais e passa a ser um grande conjunto de objetos, ficando cada vez mais socializada”. Em razão disso, o ser humano substitui a natureza como apenas um lugar de trabalho para a produtividade, consumo, lucro.

Tendo em vista esses pressupostos, o livro *Jurubatuba* de Carmo Bernardes mostra os costumes do povo sertanejo, e também a exuberância do espaço que contém uma dimensão simbólica na obra. Uma vez que para Olanda e Almeida (2008, p.6), o romance *Jurubatuba* retrata o universo rural goiano na década de 1950.

A relevância dessa pesquisa consiste numa leitura em profundidade de um escritor bem conhecido em nosso país e até em outros que trabalha a experiência do goiano sertanejo materializado na linguagem literária, desenvolvendo uma visão sócio-político e cultural; no que concerne à apreensão dos elementos pertinentes às formas de vida do povo e a representação da sua cultura.



Carmo Bernardes foi um curioso investigador do ser humano e do ambiente do Cerrado. Nesse sentido, sua produção literária aborda preferencialmente, a vida, os fatos do cotidiano, o mundo rural e o universo urbano. O romance *Jurubatuba* (1972) foi o primeiro romance do autor e considerado, por muitos, um dos melhores. Nele, o autor, retrata como tema central o amor e a particularidade de retratar o ambiente goiano. É um romance com o próprio estilo do autor, ou seja, apresenta a linguagem de Carmo Bernardes. Registra nesse caso, a vida, os costumes, as crenças, e os hábitos do caboclo. Segundo Paul (2008, p.67):

Apaixonado pelas coisas simples do sertão, Carmo Bernardes teve a preocupação de fixar o homem típico de uma região, o sertão de Goiás, no universo literário. Passou quase toda a sua vida em andanças por este sertão a interpretar coisas, bichos e gentes para a sua Literatura.

É importante relatar que Carmo Bernardes tece no seu romance o universo sertanejo goiano, pelo fato de ter enraizado e vivenciado na sua região. Como se pode observar no trecho seguinte. Bernardes (1979, p.162):

Esquisitos certos lugares por esses sertões de mundo por onde andei. Ali, quem vai depara com aquela serra, que é das mais despenhadas e, quem não conhece tais paragens, prepara-se para subir muito, esperando que depois vai descer outro tanto. Em cima, no entanto, estranha porque em vez de descida, entra num plaino de buritizal, muita vereda de água limpinha e, às vezes, terra preta.

Por esse trecho descritivo, observa-se que é uma obra de cunho regionalista, retratando o espaço por meio de uma Literatura produzida em Goiás, fazendo assim, uma leitura geograficamente possível da realidade, pois a Literatura é considerada uma fonte enriquecedora da investigação geográfica. Logo, vislumbra-se nesta pesquisa, descobrir, também, como se efetiva a relação do ser humano com o espaço social e natural, pois mediante a característica social presente na obra literária, há um desdobramento que pode desvelar a relação do goiano com o espaço e com a natureza.

Em *Jurubatuba* o autor associa diretamente seu texto ao contexto histórico em que os fatos ocorrem, neste caso, assume o entendimento do romance como um discurso da realidade, resultante de processos de vivências e experiências humanas, logo, uma representação.

Por fim, Braga (2009, p.37) diz que “as paisagens refletem o momento histórico, pois se configuraram em função das condições possibilitadas por esse momento”. Em razão disso, é possível identificar os costumes, o espaço de Goiás, devido ao momento escrito da obra, ou seja, o olhar voltado às paisagens conduz ao conhecimento das culturas.

Portanto, analisar a paisagem faz com que aprofundemos a interpretação do passado de Goiás e de sua tradição, cultura, espaço, enfim. Braga (2009, p.21) salienta que “ler uma obra literária numa perspectiva geográfica, significa, em linhas gerais, elucidar o espaço social contido na obra”. Nesse sentido, é muito prazeroso ter essa abordagem relacionando Geografia e Literatura ao mesmo tempo, pois, dessa forma, podemos fazer uma leitura espacial, para compreender a obra literária como uma representação da realidade.

A obra é de caráter regional e ao mesmo tempo social por seu posicionamento crítico. Em razão disso, a cultura local é um ponto que não falta na obra, pois é diretamente influenciada pelas relações locais. Por esse modo a pesquisa contribuirá para os estudos literários de caráter regional. Segundo Coutinho (2002, p.235):

O regionalismo literário consiste (...) em apresentar o espírito humano, nos seus diversos aspectos, em correlação com o seu ambiente imediato, em retratar o homem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição.

Esse aspecto é importante, pois pode-se, pela Literatura, apreender uma dada realidade, guardadas as devidas diferenças entre o real e sua interpretação. A partir dessa obra literária, será possível analisar as condições socioespaciais de Goiás. Coutinho mostra na citação anterior o apego à paisagem, a influência da natureza, e o que concerne o regionalismo literário. Já para outros autores o regionalismo literário é aquele que abrange as exterioridades, o exótico, a linguagem e à conduta social. Conforme Pereira (1988, p.175):

Pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora.

Carmo Bernardes valoriza o Cerrado, desse modo, as obras literárias bernardeanas denunciam os males que o ser humano causava a si mesmo e aos rios, às plantas e aos bichos ao descuidar-se dos recursos naturais. Conforme Santos (2007, p.129):

Carmo Bernardes homem da natureza, que fez, também, de sua poética um espaço de luta contra a destruição do Cerrado e de tudo que ali respira. Não precisou sair em passeatas, acorrentar-se a torres ou transformar cada dia numa barulhenta gritaria de “selvagem o mundo!”. Diligente e silenciosa, sua defesa do Cerrado começou pelo processo de conhecimento desse lugar que descobriu ainda criança.

Segundo Olanda e Olanda (2009, p.8): “A vasta obra de Bernardes está repleta de lugares ora revelando o cotidiano, ora a identidade e memória ou ainda, a topofilia de homens e mulheres que ganham vida na ficção, mas brotam da realidade, sobretudo, goiana”.

Em razão disso, a palavra dos autores nos mostra que é possível mediante a obra de Carmo Bernardes analisar a convivência entre as pessoas, o sentimento de amizade e intimidade existente entre as pessoas da vizinhança. E isso, será percebido na obra literária os espaços de convivência, os costumes e valores nos encontros diários da comunidade.

Santos (2007, p.129) dialoga que “as representações com a defesa da natureza permeiam toda a obra de Bernardes”. Bernardes narra em suas obras que a destruição é do próprio ser humano, que começa geralmente pela matança de bichos geralmente sem serventia, revelando a devastação cada vez maior do Cerrado goiano, dos seus bichos e de sua gente nas linhas e entrelinhas de suas narrativas.

Logo, *jurubatuba* descreve como era essa “natureza” narrada por Bernardes. Carmo Bernardes, conforme Santos (2007,p.131) “empenhou-se no seu presente, e por meio da sua Literatura, no dever de lutar, silenciosa e insistentemente, pela natureza goiana”.

Segundo Barcelos (2006) Goiás não tinha em 1972, ano da publicação da obra *Jurubatuba*, aglomerados urbanos de grande expressão demográfica, em decorrência de sua condição de Estado voltado economicamente para a agricultura e o pastoreio. De acordo com a autora, em *Jurubatuba*, o ser humano surge de maneira despretensiosa e aos poucos vai crescendo como criatura capaz de gestos grandiosos.

No romance, o personagem central e narrador da história é um viajante dos sertões. Ramiro, sem morada fixa, é a figura que parece simbolizar toda a caracterização de “ser humano” que Bernardes elabora ao longo da narrativa. Seduzido por um amor proibido, instala-se numa fazenda e ali vive provações e sofrimentos até que o abandono pela amada impõe-lhe a ida para outras paragens. Vagando de lugar a lugar sem apego que o faça em permanente, é traço, de uma vida em transição.

Segundo Barcelos (2006, p.68): “Carmo Bernardes descreve a natureza trabalhada pelo ser humano, que vem no primeiro plano. Natureza na qual se ajustam as casas, o caminho, a roça, os locais onde Ermira e Ramiro se encontram, como o bambuzal, cenário qualitativo dos amores dessas duas personagens”.

Nessa citação, pode-se perceber a relação do ser humano com a natureza. Os aspectos da paisagem podem ser vistas nas descrições no percurso do Mocambinho à fazenda Jurubatuba. Nesse caso, a paisagem era retratada como natural, social e histórica. Santos (1996, p.103) argumenta que “a paisagem é o conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre ser humano e natureza...”

Portanto, a dimensão natural da paisagem é observada e contemplada por Ramiro, o personagem sertanejo da narrativa, visto como, conhecedor da natureza, devido o mesmo conhecer diversas espécies nativas, identificar os tipos de solo, a projeção da forma, e ao mesmo tempo a usar cada tipo de solo. *Jurubatuba* representa uma região com paisagens de pé de serras, Cerrados, e, além disso, a serra de onde se avista a planície do Rio Araguaia.

Observa-se que Carmo Bernardes relata nos seus romances, o processo de mudança vivido por Goiás desde o início do século XX. Logo, de um inóspito sertão, a um Estado-centro inserido numa economia e política nacionais. Assim, sofreu grandes transformações, econômica, política e social, mas principalmente humana. No entanto, essa transformação se deu também como uma metamorfose entre o equilíbrio entre natureza e ser humano, o que transformou a paisagem de uma forma irreversível.

Então, a natureza em todos os romances de Bernardes é descrito de forma romântica, por fim, adquire uma nova tonalidade, marcada pelo avanço das mãos do ser humano e máquinas. A natureza na narrativa bernardeana compõe de uma feição de denúncia, das populações pobres e que não possuem terras, e principalmente da degradação ambiental.

Portanto, Carmo Bernardes era um grande denunciador da exploração ambiental e da desigualdade humana em suas obras, foi se inteirando do meio e elaborando suas próprias teorias, para encontrar o possível entre a sobrevivência humana e a sobrevivência da natureza. Escritor destinado à defesa dos fracos e oprimidos e à denúncia da exploração sobre a população pobre, como pode ser vista na citação abaixo. Era da intenção do autor, desenvolver uma Literatura que, embora se curvasse ao crivo estético da obra de arte, se pusesse como documento da leitura política do mundo. Barcelos (2006, p.116):

Tal é, por muitas vezes nesses romances, a atitude dos protagonistas em defender aqueles serem massacrados pela exploração. O menino Belamor, tomado por Ramiro sob proteção, contra a maldade de Sizifredo e de Tiá Bruna; o “bobo” Badu, mudo e faz tudo da casa de Nunila, e a própria

Nunila, ameaçada em sua casa, em seu lugar, pelo avanço da grilagem de terras, seres que fixando raízes ou, pelo menos, tencionando mantê-las, enfrentam o mundo de forma submissa, assumindo o ônus de uma desigualdade humana, que sempre foi a disparidade da posse da terra que construiu.

Nota-se que o narrador-protagonista Ramiro, proporciona situar e contextualizar a organização daquela fazenda “sertaneja”, símbolo da fazenda tradicional do sertão goiano. Logo, por meio da fala do narrador-protagonista Ramiro, é possível verificar no romance a organização e as funções de elementos mais próximos componentes da fazenda, como por exemplo, o quintal e arredores. Conforme Olanda e Almeida (2006, p.6):

Nos elementos engenho, o paiol, a curralama nota-se a autarquia produtiva que era a fazenda sertaneja: o paiol destinado à estocar o milho para alimentar os porcos, as galinhas e muitas vezes o gado. Por sua vez, esses animais são sustentáculos da alimentação (carnes, gordura, leite e derivados, ovos, couro para diversos amarrios, força para tarefas pesadas como a moagem da cana). Nessa autarquia os provimentos para a subsistência desde à gordura, estendendo às carnes e ovos, o açúcar, a rapadura e os cereais (arroz, feijão e milho) são advindos do plantio e da criação. Exceto o sal, os demais víveres provinham da própria fazenda.

Mediante o capítulo VI da obra *Jurubatuba*, o narrador denuncia a condição precária do carreiro da fazenda que vende sua força de trabalho por quase nada, por exemplo, o carreiro ganha apenas um quilo de toucinho por dia, enquanto, o mesmo tem filhos para cuidar, a família, enfim. O que vale um quilo de toucinho? Bernardes conta a história do trabalhador simples, que apega ao serviço durante toda a semana, sem ir a lugar nenhum, para conseguir sobreviver e cuidar da família.

Em virtude dos fatos mencionados, percebe-se que a obra de Carmo Bernardes valoriza o modo de vida da sociedade rural da década de 1950 em Goiás, o comportamento das pessoas e também os conflitos sociais. Conforme Barcelos (2006, p.11):

O perfil psicológico do protagonista e de seus constantes envolvimento em conflitos interpessoais e sociais, dão a conhecer o modo de vida da sociedade rural: o comportamento, os costumes e os sentimentos representativos da ruralidade de Goiás num tempo que precede o avanço das inovações tecnológicas, a modernização do território, a urbanização e a inserção dessa parte do Brasil na sociedade capitalista mundial.

Nesse sentido, percebe-se nas palavras da autora que é possível estudar a identidade goiana, o espaço numa época em que a ruralidade caracterizava o modo de vida no sertão. Em razão disso, Carmo Bernardes tece com simplicidade o universo goiano representado em

Jurubatuba e principalmente a paisagem rural na década de 1950. O estudioso francês Olivier Dolfuss (1973, p.13) afirma que “em um primeiro passo, o geógrafo encontra-se em face da paisagem, que é o aspecto visível, diretamente perceptível do espaço”.

Nessa concepção, o autor diz que ao estudar uma paisagem, o geógrafo classifica as formas pertencentes a cada um dos grupos e procura estabelecer um quadro das relações existentes com maior ou menor continuidade e regularidade no interior de cada grupo de elementos e entre os subconjuntos. Trabalho e Natureza ganham um enfoque central como categoria de análise no texto literário. A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. A tarefa nesse projeto é ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. Neste tipo de análise, Dolfuss (1973, p.17) explica que:

Ao decompor os elementos constitutivos de uma paisagem, ao classificá-los ao tempo em que busca as ligações que possam ter uns com os outros, o geógrafo “localiza” esses mesmos elementos. Ele se empenha em extrair o significado de sua localização.

Segundo Dolfuss (1973), a análise geográfica não parte obrigatoriamente da fisionomia das coisas para compreender seu funcionamento, muito embora a observação da paisagem constitua uma frequente base, ou ponto de partida para a análise. Dolfuss (1973, p.108): “Ao proceder a uma análise do espaço, o geógrafo deve sempre recorrer à história e incorporar ao seu raciocínio tanto o tempo como a duração”.

Logo, a natureza é simbolizada pelo cantar e o colorido da fauna e seu habitat, ou seja, a natureza é observada e representada pelos elementos naturais num amanhecer sertanejo. Por exemplo, o cantar dos pássaros revela sentimentos e lembranças para Ramiro. Já a divisão do trabalho na fazenda Jurubatuba será observada, de tal modo que cada função é importante para a produção e reprodução, além de fazer uma análise crítica sobre a vida do trabalhador sertanejo. Por fim, parece que Carmo Bernardes, comprometido politicamente, decisivo no campo das ideologias, vê o trabalho como fundamento da vida. E a natureza como signo sobre o qual o trabalho age.

## 2. O TRABALHO E A NATUREZA NA LITERATURA DE CARMO BERNARDES

Este capítulo apresenta-se-á uma análise pela leitura do Trabalho e da Natureza pretérita de Goiás na década de 1950. Portanto, verifica-se que o objetivo deste capítulo é analisar como Carmo Bernardes representa a categoria Trabalho e Natureza na obra Jurubatuba. Sendo que Carmo Bernardes tem uma capacidade de retratar pela arte a realidade goiana, nota-se que o problema é: o escritor realmente representa a fidelidade sobre a relação entre o ser humano e a natureza em Goiás? Como era visto o Trabalho para o ser humano? Havia uma dependência da Natureza? O Trabalho modifica o espaço?

Logo, esta pesquisa envolvendo o Trabalho e a Natureza contribui para o alicerçamento dos referenciais teórico-metodológicos da temática do Trabalho e da Natureza como objetos constantes da Geografia, que têm muito a somar para a qualificação do debate acerca da construção de uma nova base societária, ultrapassando os limites do capital.

Precisa-se entender o conceito de Trabalho na relação entre o ser humano e o meio ambiente. Conforme Marx (1985, p.45):

Pode-se definir o trabalho como o processo que realiza a mediação entre o ambiente e o homem, quando este põe em ação as forças de que seu corpo está dotado – braços, pernas, cabeça, mãos -, transformando os elementos que encontra disponíveis na natureza em produtos, suprimindo assim suas necessidades.

Pensar o Trabalho e a Natureza no mundo de Jurubatuba é adentrar ao mundo simbólico para entendermos a sua relação. A relação ser humano-natureza é entendida como relação social que constrói um quadro de vida, condição de reprodução da própria sociedade.

Diante disso, Campos (2008) discute que o Trabalho acaba por ser transformado num instrumento de controle social do indivíduo porque os homens que o realizam devem ser dirigidos por finalidades determinadas. Em razão disso, é o Trabalho que produz os meios de acumulação, como, por exemplo as máquinas, estas por seu intermédio tornam-se mais valiosas, enquanto o trabalhador perde o seu valor, no Trabalho braçal.

Em relação à citação acima nota-se que o Cerrado goiano atual mudou as relações de Trabalho e Natureza. O Cerrado modificou a tal ponto de mudar as relações de produção. O capital é um elemento preponderante das relações de trabalho. As práticas produtivas na sociedade atual são diferentes.

Por exemplo, no romance *Jurubatuba*, Carmo Bernardes narra que o camponês precisava da terra + o trabalho (mão-de obra) para plantar. O problema para plantar antes era a terra. Hoje precisa-se de terra + trabalho + capital. E o problema nesse caso, não é mais a terra, mas, sim, o capital. É um campo mecanizado, com novas práticas produtivas devido o avanço da tecnologia.

Nesse sentido, no romance *Jurubatuba* o camponês tinha um valor muito importante no trabalho braçal, pois a sua força tinha uma finalidade na condição de produção e reprodução para a sobrevivência. Logo, o trabalho na obra é visto como um meio de exploração da força do ser humano para garantir uma sobrevivência pautada no que era plantando no mundo da roça.

Portanto, a fazenda além do lugar de morar, era o lugar também de produzir e consumir ao mesmo tempo. A fazenda sertaneja em Goiás era o lugar de morar, criar gado, plantar roça e sociabilizar-se, ou seja, viver e produzir. O trabalhador no romance *Jurubatuba* vivia de plantar mantimentos para comer, ou seja, passava a maior parte do tempo na roça.

Nesse sentido, na década de 1950 como pode ser observado no romance *Jurubatuba* era explícito que o ser humano era proibido de cortar madeira e tirar lenha. O trabalho camponês do espaço rural goiano, no logro da acumulação simples, era rude, contava apenas com o esforço dos músculos, por isso tinha pouca capacidade de alterar o ambiente, diferente do trabalho com fins capitalistas.

Além disso, como pode ser observado no trecho abaixo, o instrumento de trabalho do carreiro era o burro para carregar a madeira, ou seja, utilizava de vários instrumentos com finalidades determinadas. Conforme Bernardes (1972, p.26):

Adiante, topei nos fechos da divisa do mato com o campo. O burro encostou, abri a cancela e passei e, do outro lado, virei para trás e vi que também nas réguas daquela cancela estava escrito com tinta a óleo-de-piche que era impruivido cortar madeira e tirar lenha, conforme li em muitas porteiras no correr daquela viagem.

Nesse sentido, a narrativa de Carmo Bernardes nos demonstra que os trabalhadores na década de 1950 conduziam ferramentas. E era evidente identificar o dono do serviço, já que o mesmo sempre anda com várias ferramentas e os deixam no rancho da roça. Bernardes (1972, p.46):

Passei por uma ternada de companheiros e era capaz que eles vinham da roça. Conduziam ferramentas, um estava com duas capangas a tiracolo,



cortando os ombros de pesadas, atupidas com que eu não sei. Este devia de ser o dono do serviço, porque é o dono do serviço que sempre tem assim um mundão de badulaques para conduzir e deixa as ferramentas no rancho da roça.

Pode-se observar que o ser humano aprendeu a trabalhar e pensar e inaugurou a dominação sobre seu semelhante. Em *Jurubatuba* verifica-se que o trabalho a partir do esforço braçal do camponês não consegue modificar drasticamente o meio ambiente, já que o trabalho era manual por meio da força do trabalhador.

O trabalho está ligado a terra, sem fins lucrativos. Candido (1971) aborda que é por meio de técnicas rudimentares que os camponeses foram encontrando condições para sobreviver. Nessa época, a cultura desenvolvida por essas famílias eram implementadas no meio, de acordo com as condições de vida, onde a técnica usada era de acordo com suas condições e necessidades, como cita o autor o fato da queimada, ação contínua, porém não tinham outra opção, já que suas intenções era agir de forma rápida para continuidade.

A força do trabalho por meio da técnica transforma a natureza, nesse intento, a Geografia cumpre um papel importante tendo em vista os impactos dos desdobramentos territoriais desencadeados pelo processo de socialização capitalista da natureza, o que dá origem aos conflitos e as crises. (CAMPOS, 2008, p.07).

Logo, por meio do trabalho o ser humano transforma o mundo. As transformações foram acontecendo de uma forma bastante acelerada. Em consequência disso, as matérias-primas e os instrumentos de trabalho usados pelo trabalhador, foram evoluindo e ficando cada vez mais eficientes e produtivos.

E tal fato pode ser identificado na obra de Bernardes, enquanto Ramiro usava a foice, o machado, hoje, esses instrumentos foram substituídos por máquinas; enfim, a tecnologia instalou no mundo do trabalho, modificando-o. Carmo Bernardes descreve o trabalho sofrido dos camponeses, ao representar a natureza sem transformação, já que o ser humano não usava técnicas para modificar o espaço, causando uma alteração no meio ambiente.

É importante notar, que a categoria Trabalho no livro *Jurubatuba* é visto como um meio de sobrevivência, ou seja, uma atividade de subsistência no espaço rural no sertão goiano na década de 1950. Nesse sentido, no interior da fazenda goiana *Jurubatuba* aparentemente havia distinção entre o fazendeiro e agregados.

A comida e a rotina do trabalho não homogeneizavam a todos, havendo um distanciamento social hierárquica. O fazendeiro era dono de parte dos recursos produtivos

(terra), existindo rígida definição de funções. Até nos trajes, havia distinção entre fazendeiro e agregados. O fazendeiro vestia roupas mais caras, enquanto os agregados vestiam apenas calções de algodão e uma camisa cujas fraldas esvoaçavam ao vento. Traziam as pernas e os pés nus, e um chapéu redondo de abas largas protegendo a cabeça.

No contexto da fazenda, a casa e o curral não eram misturados, como também a família e os negócios, e isso pode ser observado atentamente na obra de Carmo Bernardes. Segundo Kurogi (2008, p.50)

Há uma relação entre sobrevivência e trabalho, estabelecida, talvez, em decorrência das mudanças provenientes da organização do trabalho, tornando-se cada vez mais uma atividade de sustento, desafiadora para uns e mais rotineira para outros. O trabalhador, de acordo com seu papel na organização e o contexto no qual se insere, pode manter diferentes formas de relação com seu trabalho.

Na década de 1950 predominava em Goiás uma população rural, voltada ao trabalho do campo e a uma vida simples, com quase nenhuma tecnologia a disposição. O trabalho, como pode ser observado na Literatura de Carmo Bernardes, não era assalariado, já que o ser humano trabalhava apenas em troca de poucas coisas, tais como, um quilo de toucinho. Não tinha um salário fixo mensal, nem carteira assinada.

Trabalhava muito em troca de poucas coisas para sobreviver, como no caso, o personagem Ramiro. Tinha uma vida miserável, morava em uma casinha humilde, longe do fazendeiro, e tinha hora para começar a trabalhar, mas não tinha hora para terminar e por fim, não tinha nenhum direito. Sendo assim, o trabalho era a luta constante para sobreviver. A necessidade de comer, de se abrigar, etc. era que determinava a necessidade de trabalhar.

Nessa concepção Vidal de La Blache atrela a noção de trabalho o ato transformador capaz de permitir ao ser humano extrair do meio, ou seja, habitat, as condições e os meios de vida. O trabalhador caipira, digno que vivia no mundo- rural para sobreviver, usufruía da terra para retirar o seu próprio alimento e também da troca simples sem basear no lucro. Hoje, o trabalho não é visto mais apenas como meio de sustento, mas como uma forma de competitividade no mercado por meio do acúmulo do capital.

Desta forma, conforme Campos (2008, p.02): “As relações de produção, no caso capital e trabalho ganham novos condicionantes: o capital exige um trabalhador flexível que atenda suas necessidades para que a produtividade seja priorizada”. E é isso o mundo do trabalho na atualidade, o trabalhador tem que atender a demanda do mercado de trabalho, já

que o objetivo é produzir para acumular bens (capital), diferentemente da década de 1950, como Carmo Bernardes narra no livro *Jurubatuba*. O objetivo na década de 1950 não era acumular bens, ou seja, no intuito de riquezas, mas promover a sobrevivência da família extraíndo do mundo da roça.

Campos (2008) desenvolve uma ideia bastante pertinente de que os trabalhadores não são seus dominadores para si e para os homens. São assim, transformadores da natureza em mercadoria. A tecnologia assim, se fortalece como relação de poder e determina o processo de inovação nas relações próprias do modo de produção capitalista.

E essa inovação da tecnologia faz com que a natureza sofre alterações drásticas, diferentemente da década de 1950 que o ser humano não usava de tecnologias mais avançadas no mundo do trabalho. Como por exemplo, o uso da foice e do machado na natureza não traz tantas conseqüências destruidoras no meio ambiente quanto o uso de máquinas agrícolas.

Nesse sentido, Campos (2008, p. 02) mostra que “dito de outra forma, a natureza é sempre uma espécie de discurso momentâneo, cujo conteúdo está sujeito às mesmas transformações que ocorrem por meio do tempo e alternam a história dos próprios homens e suas sociedades”.

Portanto, Bernardes narra o mundo-rural, a simplicidade do trabalhador caipira que sofre para adquirir o seu próprio alimento, um ser humano ligado a terra, a natureza como meio de sustento. Conforme Roos e Fabrini (2012, p.16): “O trabalho camponês é pautado pelo valor de uso da força de trabalho dos membros da família e não pela extração da mais-valia”.

Em razão disso, o trabalhador no romance *Jurubatuba* utiliza na sua grande maioria, sementes crioulas e adubos orgânicos produzidos a partir da utilização de resíduos vegetais e animais (palhas, folhas, raízes, esterco) encontrados em sua propriedade, enquanto que o plantio e cultivo são feitos manualmente.

A produção de autoconsumo realizada pelos trabalhadores não se trata de uma agricultura de resistência formulada nas práticas “modernas” de enfrentamento ao capital, como a agroecologia, por exemplo. As práticas agrícolas do autoconsumo estão assentadas no saber fazer do campesinato que se ergue como ação negadora dos esquemas de dominação e subordinação da produção capitalista a partir do território camponês.

O modo como é realizado o cultivo da lavoura, levando em consideração os elementos da natureza como os astros, é outra característica cultivada pelos camponeses que emerge na fazenda Jurubatuba.

A relação que o camponês mantém com a natureza é uma característica exemplar do enfrentamento às formas capitalistas de produção que visualizam a natureza como mercadoria. Utilizar os recursos naturais para confecção de ferramentas, nomear os animais do sítio (bois, cavalos.) e considerar o calendário lunar no cultivo da lavoura, são exemplos desta relação diferenciada do camponês com o ambiente.

Estes saberes camponeses não são técnicos, forjados nos interstícios da modernidade, mas milenarmente construídos pelas populações rurais e repassados de geração a geração. Segundo Roos e Fabrini (2012) não são, portanto, relações de enfrentamento pautadas na produção orgânica ou agroecológica como recentemente tem sido apoiada por movimentos sociais e Organizações Não-Governamentais (ONGs), mas formas de resistência advindas da própria tradição camponesa.

Nesse debate nota-se que outra atividade que evidencia a territorialização dos saberes e práticas camponesas no romance *Jurubatuba* é a organização das propriedades familiares. As propriedades são organizadas ao levar em consideração o universo camponês, existindo espaço para quintal, hortas, pomares, estrebrias, galpões e chiqueiros. Além disso, as plantações são cultivadas nas proximidades da moradia para que não haja necessidade de longas caminhadas até ao local de trabalho.

Dando continuidade a análise da obra sobre o trabalho, detecta-se que um exemplo de ajuda mútua que ocorre entre trabalhadores, é no momento do abate de algum animal (boi, porco, entre outros). Para a realização desta atividade se reúnem parentes e vizinhos. Durante o abate é realizada uma refeição entre os presentes como forma de agradecimento e, ao término da atividade, cada camponês leva uma porção de carne do animal abatido.

Esta porção de carne não será paga em dinheiro, mas sim com outra refeição e a devolução da carne no momento em que outro camponês abater algum de seus animais. Portanto, a remuneração do trabalho é em favor, troca de alentos (carne), alimentação.

As trocas de dias de serviço são outras formas de resistência vinculadas ao território camponês. Nas trocas de dias de serviço não ocorre um controle severo das horas trabalhadas e, em alguns casos, trabalhador trabalha sem “cobrar” a necessidade do outro camponês

“devolver o dia de serviço”. Estas atividades não possuem normas nem regras, são realizadas informalmente estando fundamentadas nos laços de solidariedade típicas do campesinato. (ROOS e FABRINI, 2012).

Em análise da obra vislumbra que além das trocas de dias de serviço e ajuda mútua, existem na fazenda Jurubatuba relações de vizinhança que permitem uma sociabilidade entre os camponeses que vivem próximos uns dos outros. Este é o caso de empréstimos de ferramentas, remédios, dinheiro, animais para melhoramento artesanal das espécies, envolve também trocas de sementes, conhecimentos, alimentos, dias de serviço, entre outras atividades, ou simples visitas, a fim de olhar a plantação do vizinho e dialogar sobre o estágio da lavoura.

Estas são formas de solidariedade aprendidas na família camponesa e que fundamentam a ética comunitária do campesinato. Esta solidariedade está circunscrita numa ordem moral camponesa de reciprocidade, ou seja, ajudar o próximo, pois este poderá retribuir no futuro. É uma dívida moral e não perpassa a lógica mercadológica. No mundo camponês, a solidariedade gera uma coletividade a partir de uma circunstância espontânea.

Além disso, pode-se verificar que para trabalhar na década de 1950 era necessário de vários trabalhadores para atingir um objetivo, no caso, roçar ou colher. Já na atualidade, há uma diferença bastante pertinente, pois há uma crescente capacidade de produzir cada vez mais com menos trabalhadores.

Logo, não há uma rigidez na jornada de trabalho diária do camponês como há na relação de trabalho capitalista. Nesse sentido, o capital domina e subordina toda a reprodução social à sua lógica destrutiva, provocando, conforme Pereira (2007), o aprofundamento da separação entre a produção voltada para o atendimento das necessidades humanas e as exigências de reprodução do próprio capital. A consequência desse fato é a degradação do meio ambiente e a precarização da força de trabalho.

Nesse caso, ao refletir a respeito do universo do trabalho na sociedade capitalista, costuma-se retirar o sujeito camponês da análise por ele não ser igual ao operário que produz diretamente o excedente que resulta em mais valia, em lucro. Conforme Souza e Conceição (2010, p.64):

Assim, não é considerado um trabalhador. Enquanto a existência do operário se define pelo trabalho excedente, a vida camponesa se define pelo produto excedente. Para este, o excedente social, historicamente, foi a garantia da sobrevivência. Hoje, continua sendo necessário na medida em que não é um

padrão ou o mercado que determina quanto produzir com a finalidade da acumulação, e sim a necessidade que parte da família. Dessa forma, o trabalho camponês se oculta no seu produto. Uma parte do mesmo é utilizada diretamente em consumo próprio como valor de uso; outra vai para o mercado a fim de ser trocada por outros valores de uso.

Conforme Pereira (2007, p.46): “Enquanto o capital persistir na sociedade, sempre haverá trabalho sendo explorado, seja no ápice da modernidade, seja no primitismo, como parte integrante no processo de desenvolvimento territorial do capital”.

Conforme o autor, o capitalista vale-se desse poder de mobilidade inerente ao capital, para suprir suas necessidades de concorrência do mercado. Nota-se que as relações trabalhistas que permeiam o capital fazem com que o objetivo da sociedade é acumular riqueza, diferentemente do trabalhador que Carmo Bernardes narra no mundo da roça.

Trabalhadores que andavam enfileirados, cansados, embodocados, carregando alimentos para sua sobrevivência e de sua família, como saco de abóbora nas costas, sem preocupação em enriquecer, mas em sustentar a si mesmo e a sua família. Bernardes (1972, p.46):

Iam enfileirados e, como todo trabalhador de roça, embodocados. Senti a aça da morrinha deles e um dos quais tirava fogo na binga. Segui salvando um por um. Respondiam, menos esse que ia na gurna da acender o pito. Custou a responder, porque conduzia um saco, parece que cheio de abóbora, nas costas e segurava a boca do saco com o queixo, para ter mãos desocupadas e bater o fuzil. Depois a isca pegou, recendeu o cheiro gostoso de algodão queimado e, aí, ele tirou o pito da boca, aliviou o saco e respondeu, botando a mão no chapéu. Decerto ele não tirou o chapéu, conforme os outros procederam, só fez mesmo a menção, seria porque tem certos companheiros que conduzem sua munição de palha de pito é dentro da copa do chapéu. Nesse caso, tirando o chapéu palha avoa.

Bernardes descreve a situação dos carreiros na fazenda Jurubatuba. Havia uma distinção entre agregado e o fazendeiro. Trabalhadores que viviam em situações precárias, roupas rasgadas, remendadas, pés descalços que demonstra o sofrimento para sobreviver. Carreiros que não eram distintos uns dos outros, todos na mesma situação. Momento, de amargura para conseguir viver na sociedade sertaneja. Bernardes (1972, p.99):

Primeiro, observei que a roupa daquele carreiro que lá na Mata da Tiquira ajudei a encarretar uma tora no carretão era a mesminha de todo carreiro que já vi. Tilangues pingando remendo, o pé descalço escarrapachado, o chapéu um bagaço, sem tirar nem por, o mesminho carreiro de tudo quanto é fazenda. Miserê do meio dos infernos essa categoria de gente.

Além disso, nota-se que o campo é considerado como um instrumento de produção natural. Carmo Bernardes destaca claramente isso, pois os indivíduos encontram-se submetidos à natureza. A terra aparece como uma dominação imediata e natural. Supõe que os indivíduos estejam unidos por um vínculo qualquer, como a família, a tribo, o próprio solo, enfim.

Há uma relação entre o ser humano e a natureza. Um intercâmbio entre os trabalhadores no qual o trabalho dos primeiros é comutado pelos produtos da natureza. Já na contemporaneidade os mesmos estão subordinados a um produto do trabalho que é acumulado do capital. Os indivíduos são independentes uns dos outros e os mesmos se mantêm juntos apenas em razão do intercâmbio. E o intercâmbio na atualidade é predominantemente um intercâmbio entre os seres humanos.

Em razão disso, conforme o romance *Jurubatuba* na década de 1950 existia a pequena indústria (campo), todavia subordinada à utilização do instrumento de produção natural, e, por essa razão, sem distribuição do trabalho entre diferentes indivíduos, enquanto no século XXI a indústria existe apenas por essa divisão do trabalho. Segundo Marx (1967, p.188):

O trabalho torna-se então, o mediador universal na relação do homem com a natureza (...) o trabalho é, num primeiro momento, um processo entre a natureza e o homem, processo em que este realiza, regula e controla por meio a ação, um intercâmbio de materiais com a natureza.

Pode-se sintetizar que o escopo da organização espacial de qualquer sociedade se encontra no modo como se estrutura a relação sociedade e natureza mediada pelo trabalho. Em outros termos: o mundo do ser humano é um mundo do trabalho e de sua inclusão na natureza; ou é um mundo social marcado pelas diferenças históricas da relação sociedade/natureza.

## 2.1 A natureza em Jurubatuba e o seu processo na contemporaneidade

As transformações sofridas pela natureza por meio do emprego das técnicas no processo produtivo, são um fenômeno social, representado pelo trabalho. (CASSETI, 1991). Verifica-se a partir das ideias de Oliveira (2002), que o capital separa os seres humanos da natureza, em seu processo de produção e reprodução e impõe que o ritmo do ser humano não seja o ritmo da natureza, mas o ritmo do próprio capital.

Este fato Bernardes descreve no romance *Jurubatuba*, em que Ramiro vivia no ritmo da natureza, ou seja, havia uma relação entre ser humano e natureza, diferentemente dos dias atuais, em que o capital nutre-se da exploração do trabalho humano. Nessa concepção Souza (2012, p.146) discute essa relação do ser humano com a natureza na década de 1950 com a atualidade:

Os camponeses, naquele tempo se comia muitos frutos do Cerrado, como coco do Cerrado, mangaba, curriola, murici, gabioba. Até os pássaros comiam. O desmatamento era insignificante. Depois veio o pasto, juntamente com a produção de cereais e grãos em escala mercadológica, iniciando com arroz e o milho, até que, no espaço do Cerrado entra em cena outra lógica, a do agronegócio, que junto ao novo arranjo produtivo vem também um arsenal tecnológico muito grande, substituindo àquelas construídas comunitariamente há décadas.

Nessa ideia acima, nota-se a diferença entre a década de 1950 com a atualidade na relação do ser humano com a natureza. Essa relação entre camponês e natureza é carregada de simbolismo (1950) e por outro lado se insere dentro do processo de relações sociais que transforma essa natureza em mercadoria (atualidade). (Woortmann e Woortmann, 1997). Conforme Cidade (2001, p.113) discute que “enquanto no processo de trabalho e nas relações de produção o ambiente influenciaria a sociedade, a sociedade, ao se desenvolver, progressivamente transformaria a natureza”.

Segundo Cidade (2001) na atualidade há uma separação entre sociedade e natureza considerada característica do capitalismo, “ficou claro, por outro lado, que o desenvolvimento social e econômico acompanhou-se de uma transformação progressiva da natureza”. De acordo com Cidade (2001, p.116) “em moldes capitalistas, caracterizou-se fortemente pela utilização de recursos naturais vistos como um objeto de exploração para a obtenção de lucros progressivamente maiores”.

Já no romance *Jurubatuba* Carmo Bernardes conhece o seu lugar de origem. Um escritor observador minucioso do Cerrado goiano, um ser humano que conhece



profundamente a natureza, o cheiro das coisas, e a relação de intimidade do ser humano com o meio ambiente. Descreve detalhadamente a paisagem goiana, pois vivenciou e apreciou as maravilhas advindas da natureza. Bernardes (1972, p.21):

Batia a lanterna raspando o campo, numa direção e noutra, e apareciam muitos botões de luz esbraseada, que eram os olhos arregalados das corujinhas, quase sempre de duas, pousadas nos cupins. Olhos enormes, incadescidos, que ofuscavam e eu, depois, enxergava maretas.

A habilidade de Carmo Bernardes é consoante ao mundo do Cerrado e próxima da habilidade de Guimarães Rosa consoante ao sertão. Pode-se dizer assim que ambos possuem características semelhantes.

Conforme Meyer (1979): “Para Guimarães Rosa a natureza não se apresenta como um espetáculo ou um cenário, onde se desenrola a sua viagem pelo sertão mineiro. O escritor vê os vaqueiros como parte da natureza, vivendo e dialogando com outros seres: plantas, bichos, morros e rios”.

Nesse caso, Carmo Bernardes também vivenciou várias coisas do sertão goiano, e essa intensa convivência com os vaqueiros, a fauna, a flora foram registradas por esse escritor. Um escritor que foi coletando e colecionando dados objetivos e subjetivos, criando e recriando imagens e situações da realidade dinâmica e concreta vivenciada no espaço exterior e interior do sertão. (MEYER, 1979, p.13).

Diante desse quadro, percebe-se que Carmo Bernardes registra os fenômenos naturais, marcando o tempo ecológico e o tempo social. Logo, Meyer (1979, p.14) diz que:

Guimarães procura traduzir uma multiplicidade de sensações que permitem ao leitor sentir a natureza em sua totalidade. Como um conto de encantamento, parece que o Cerrado mineiro foi transportado para o diário. Em contrapartida, a leitura do diário transporta o leitor para um Cerrado mineiro que hoje, obviamente, já não existe. Grande parte da área por onde passou *A Boiada* está coberta por extensas plantações de eucalipto, existindo ainda algumas poucas veredas, mas parcialmente assoreadas.

A partir das palavras da autora, observa-se que há uma relação de proximidade entre Guimarães Rosa e Carmo Bernardes. O escritor goiano traz a passarinhada do sertão para dentro das páginas. Anota o nome popular, descreve suas características, reproduz o canto de acordo com as horas do dia e da noite.

Logo, Bernardes percebe os cheiros do Cerrado que oscilam de acordo com as estações. Desta forma, constrói um calendário ecológico aromático minucioso. E como a

autora discute acima, na contemporaneidade, é muito difícil encontramos uma natureza tão bonita como essa, já que o capitalismo expandiu e invadiu o Cerrado goiano.

Outro fator importante é que o cálculo e o controle do tempo são cronometrados pelo aparecimento e comportamento periódico de certos pássaros, a floração de algumas espécies vegetais, a sucessão de tarefas e a cumplicidade com o gado. Outro aspecto relevante na construção do calendário é a observação da morfologia e comportamento dos animais. O canto das aves, como signos naturais, anuncia as estações do ano.

O tempo é medido ainda pelas fases da lua, pelo nascer e pôr-do-sol, amanhecer e anoitecer. A leitura do firmamento se faz diariamente em *Jurubatuba*. O curso do sol serve de referencial geográfico para os vaqueiros na sequência dos acontecimentos e atividades. Meyer (1979, p.17) discute que:

Nesse tipo de calendário, a natureza informa o sertanejo, que aprende a decodificar os signos naturais através do próprio corpo. O ritmo da vida acompanha a trajetória dos fenômenos naturais em constante processo de mudança. Essa transformação contínua contrapõe a ideia de uma natureza estática, pronta e acabada. A periodicidade de ciclos revela a singularidade dos momentos. A vida flui em espiral, retornando ao ponto de partida sempre em outro estágio do tempo e, conseqüentemente, em outro lugar.

A partir da discussão acima, nota-se que Carmo Bernardes apreende a natureza como uma interação entre sujeitos que merecem registro, mais que isso, poesia. Essa leitura do escritor sobre o sertão goiano ultrapassa a visão antropocêntrica, particularmente aquela que classifica a natureza em recursos naturais, reduzindo-a a uma mercadoria com valor de uso e de troca. (MEYER, 1979).

De acordo com Mendonça (2004) o objetivo primordial na relação com a natureza na atualidade é a produção do lucro e não mais a satisfação das necessidades em geral. A produção da natureza se efetiva enquanto totalidade do capital. E é no capitalismo que a produção da natureza obtém seu caráter específico, ou seja, a necessidade de acumulação faz com que o capital se volta para a maior exploração dos recursos naturais, tornando a natureza um meio universal de produção. (MENDONÇA, 2013, p.73)

Conclui-se que na Literatura de Carmo Bernardes há uma relação entre o trabalho e a natureza, já que a natureza é usada como meio de sobrevivência dos trabalhadores, já que o capital “não” detinha poder na década de 1950. Descarta a palavra “não” porque o capital tinha poder, mas ele se dava de uma forma indireta por meio de uma subordinação.

A natureza é vista também como algo belo, apreciado pelos moradores. Bernardes (1979, p.224): “Lugar de armar rede era a cômodo nos galhos tortos de um Souto de árvores com a copada afeita a aparar o sereno, isto assim à regulação de uma dez braças da estrada”.

Entretanto, a natureza no romance Jurubatuba não se apresenta apenas como um paraíso. Há marimbondos, carrapatos e formigas pretas que incomodam e ferream. Desta forma, a vida rural deixa de ser um relato bucólico para ganhar um registro verdadeiro. Ramiro tinha uma relação bem próxima da natureza. Usufruía esta natureza para apreciar a tranquilidade, o descanso, o repouso durante as suas viagens até Mocambinho, dentre outras.

Nessa concepção, Moura (1986, p.09) aborda que “o camponês é um trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza”. Suas ações são em função do senso comum, (saber a hora que vai chover, quando é a época para se plantar), sua relação com o espaço é independente do saber científico.

O camponês retratado no romance Jurubatuba tinha uma relação com os elementos naturais do Cerrado. Eles tinham interesses em continuar apropriando-se dos recursos naturais sob a lógica de reprodução de sua existência e dos seus modos de vida. Por exemplo, a vegetação, é parte do sistema alimentar e principalmente da sabedoria medicinal popular cerradeira.

Os rios ( a água) é fonte de vida, que fornece alimentos, o peixe, além de regar o solo e refrescar o ambiente. O solo é um recurso que fornece também alimentos, natural ou ainda pela plantação de outras espécies de alimentos. Portanto, a derrubada desses elementos naturais faz com que aconteça a desterritorialização de populações locais. Conforme Mendonça (2013, p.132):

Nas áreas ocupadas com lavouras intensivas comerciais as marcas das formas de uso e exploração da terra foram destruídas e novas formas com outras funções foram criadas, expressando a dinâmica do capital e os novos arranjos sociais.

O lugar no romance Jurubatuba era constituído por uma vasta vegetação de Cerrado, intercalado por pequenas plantações de economia de consumo. O modo de ocupação e produção das pessoas que habitavam o lugar tinha como preocupação, a reprodução da família.

Conclui-se que a relação desse camponês com o Cerrado apresentava características específicas da época, como discute Souza (2012, p.117): “As histórias, as práticas sociais, as

expressões religiosas, assim como muitos dos produtos de manutenção da casa, no que se referem à alimentação, vestuários e limpeza eram produzidos no lugar”.

Em virtude dos fatos mencionados nota-se que antes, o camponês desempenhava outros mecanismos para desenvolver suas atividades agrícolas, como produzir a meia com o proprietário de terra, ou até mesmo o trabalho gratuito de limpar o mato que crescia junto à cerca, capina de estradas e caminhos, em troca, eles recebiam alguns alimentos, remédios.

Porém, a expansão do capitalismo no campo, como afirma Moura (1986, p.56) provocou o desaparecimento em alguns lugares destes arranjos, “já que o camponês foi expulso da fazenda”. Essas formas antigas foram substituídas por empreitadas e diárias para a prática dos mesmos serviços de antes. E como a modernização invade o campo, criando a agricultura comercial, ocasionou uma reestruturação nas relações de trabalho que será discutido no próximo capítulo.

Em síntese, poder-se-ia dizer que a sociedade burguesa moderna, em cada uma de suas etapas, desenvolve forças produtivas que atendem a modelos de acumulação do capital que, por sua vez, recoloca os sentidos e os significados da natureza. O que tem chamado de artificialização da natureza ou o que se denomina de natureza criada conforme os processos de transgenia, inseminação e outros, próprio da engenharia genética, é uma revelação da mudança de sentido de natureza.

Ao ler a narrativa carmobernadiana, especialmente a obra *Jurubatuba*, o que se vê é a revelação do tempo do mundo mais próximo do tempo da natureza. Além disso, vê-se a vida do sujeito, imerso no mundo do trabalho, estabelecendo outro tipo de relação com a natureza.

## 2.2.O CAMPESINATO DO CERRADO: trabalho, natureza e sujeito.

Neste tópico apresentar-se-á um pouco da discussão de campesinato, já que o livro *Jurubatuba* aborda os modos de vida do camponês na década de 1950. Em razão disso, contextualizar o leitor sobre a história do campesinato no Brasil.

Sabe-se que o conceito de campesinato já despertou interesse de vários pesquisadores, tanto na historiografia quanto na Literatura. Chayanov ocupou um lugar de destaque na história do campesinato. Suas ideias foram representantes do pensamento neopopulista no contexto das ciências de seu país de origem a Rússia. (GERALDI e SALMONI, [s.a]).

Segundo Chayanov (1974), cada família possui uma dinâmica demográfica própria, dada em função do número de membros que compõem e de suas idades. Esta composição familiar determinará a variação no volume de trabalho e consumo, necessário para garantir a sobrevivência de família, pressuposto que é de extrema importância para compreender o campesinato sob o ponto de vista de Chayanov. Dessa forma, Wanderley (1996, p.10) ressalta que:

Assim, a história do campesinato no Brasil pode ser definida como o registro das lutas para conseguir um espaço próprio na economia e na sociedade. Interessa, portanto, saber, que condições ele encontra - estímulos ou obstáculos - e de que maneira os absorve ou os supera em sua trajetória. Privilegiarei, nesta análise, apenas três objetivos, dentre muitos outros, que parecem permanecer ao longo da história do campesinato brasileiro e que se constituem como núcleos centrais, em torno dos quais se estrutura, até o presente, o amplo leque das estratégias adotadas: refiro-me às lutas por um espaço produtivo, pela constituição do patrimônio familiar e pela estruturação do estabelecimento como um espaço de trabalho da família.

Geraldi e Salmoni (s.a) dizem que as atividades desenvolvidas pelos camponeses estão voltadas para a satisfação das necessidades do grupo familiar, exigindo, para tal, o extremo esforço de todos os seus membros, tanto nas tarefas internas à propriedade, quanto naquelas externas, que foram parcialmente incorporadas pelos camponeses, como o comércio, assalariamento parcial, entre outras, as quais possibilitam a obtenção de maiores ingressos monetários pela família.

Na realidade, os autores divergem quanto à definição de camponês e alguns adotam critérios mínimos para explicar a ação dessa classe. Na concepção de Tepicht (1973), a economia camponesa apresenta peculiaridades devido ao caráter familiar da divisão do

trabalho, e são as regras de parentesco que definem tanto a unidade de produção quanto a de consumo, formando uma simbiose entre “empresa agrícola” e família.

Nesse sentido, Bernardes (1972, p.153) mostra o trabalho no mundo da roça:

Recomendação de Tiá Bruna era de graduarmos um tanto do melado em ponto brando, a fim de sair um pouco de rapadura clara, mas, depois, era para apertar até o teor da massa ficar trigueira. Conferíamos, então, o grau do melado, para sair consoante ao recomendado, era atirando a puxa na madeira limpa do fundo da masseira com a maior força que o braço desse. Se a puxa grudasse-ponto brando; se pulasse pra cima, sem nenhuma adesão-rapadura trigeira, de aguentar invernia sem melar.

Nesse diálogo Henri Mendras discute que o campesinato se constitui historicamente como uma civilização ou como uma cultura. Henri Mendras se refere a uma civilização camponesa, cujas dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais são de tal forma entrelaçadas que mudanças introduzidas em uma delas afetam, como num jogo de cartas, o conjunto do tecido social (Mendras, 1984).

Para Mendras, o campesinato está sempre associado a sociedades camponesas, não se reduzindo apenas a uma forma social de organizar a produção, nem a um tipo de integração ao mercado. Marcel Jollivet avança o debate, ao articular essas “coletividades rurais” ao processo de transformação da sociedade em seu conjunto Jollivet (2001). O olhar do sociólogo deveria buscar compreender, para além da simples análise de sua dinâmica interna, a incidência local das lutas sociais mais gerais da sociedade em cada momento do processo histórico. (WANDERLEY, 2004. p.44-45)

Para Altafin (2007, p.03): “A produção camponesa é aquela em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, podendo produzir tanto para sua subsistência como para o mercado”. A produção familiar é orientada para a satisfação das necessidades e a reprodução da família, diferente da empresa capitalista, que tem por base a extração do trabalho assalariado e por prioridade a maximização do lucro.

Em sua argumentação, Chayanov (1974) não nega o interesse da família agricultora de obter lucro com sua atividade produtiva, mas enfatiza que tal interesse está necessariamente subordinado à satisfação da família. Bernardes narra o mundo de *Jurubatuba*, (1979, p.153): “Encerramos a terra e ele trouxe cuia com água, ia tirar ponto do melado e eu fui puxar os derradeiros tições, abrandar o fogo de minha tacha que já ia sapecando”.

Nessa concepção, conclui-se que conforme Geraldi e Salmoni (s.a, p.3):

As atividades desenvolvidas pelos camponeses estão voltadas para a satisfação das necessidades do grupo familiar, exigindo, para tal, o extremo esforço de todos os seus membros, tanto nas tarefas internas à propriedade, quanto naquelas externas, que foram parcialmente incorporadas pelos camponeses, como o comércio, assalariamento parcial, entre outras, as quais possibilitam a obtenção de maiores ingressos monetários pela família.

Logo, o campesinato pode ser visto de uma maneira mais restrita, como uma forma social particular de organização da produção. Fala-se, neste caso, de uma agricultura camponesa, cuja base é dada pela unidade de produção gerida pela família. (WANDERLEY, 2004. p.45). É pelo seu papel político que os camponeses tem se constituído enquanto sujeitos no processo de formação histórica e política do Brasil, disputando territórios, construindo o seu território e garantindo a sua recriação.

Para concluir Roos e Fabrini (2012, p.04) mostram que “os camponeses devem ser compreendidos como sujeitos sociais e históricos e para isso, é preciso atentar para sua organização social, política, suas lutas, tradições, crenças, modo de vida, entre outras características”. O sujeito camponês existe pelo religioso e pelas festas, pelos jogos, de futebol ou de truco, ele existe na música e na dança da qual ele é protagonista na catira e na Folia de Reis.

Logo, conforme Souza (2012, p.134): “Não se tem apenas questões econômicas, mas elementos relacionados ao espaço e o tempo de sua existência do lugar. E essas práticas são também estratégias que garantem a sua permanência no lugar”. E é esse o sujeito camponês.

### 2.3 O rural e as relações sociais de produção trabalho e de poder neste mundo de Jurubatuba

Este estudo visa, em linhas gerais, a conhecer os meios de vida do camponês, de que maneira se ligam à vida social e principalmente o motivador da migração de Ramiro, personagem principal do romance *Jurubatuba* que sai de Minas Gerais em função dos conflitos oriundos das relações estabelecidas devido a um plantio de uma roça de arroz plantada à meia.

Nesse sentido, à medida que o capital avança tentando implantar sua lógica industrial no campo provoca alterações nas relações sociais por querer ampliar, ao máximo sua acumulação, e se tornar cada vez mais hegemônico. (FELÍCIO, 2012, p.56).

Conforme Candido (1971, p.21):

O termo rural exprime, sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo, as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígine.

Na historiografia e na Literatura produzida em Goiás vários pesquisadores e autores se não trataram diretamente do assunto, cada um ao seu modo, ao menos o adotaram como pano de fundo para suas obras o campesinato.

Entre essas obras literárias, destacamos *A Terra e as Carabinas* de Bernardo Élis (1971), *Nunila: A Mestiça mais Bonita do Sertão Brasileiro*, de Carmo Bernardes (1984) e também *Jurubatuba* de Carmo Bernardes que contribuíram com a temática voltada às relações sociais de produção no campo em Goiás.

No romance *Nunila: A Mestiça mais Bonita do Sertão Brasileiro*, Carmo Bernardes critica o processo de modernização capitalista que chega ao campo em Goiás e conseqüentemente aos agentes de mediação na ação junto ao campesinato. Dessa maneira, é um crítico da relação entre o ser humano e a natureza, mas também das relações sociais de produção inauguradas pela modernização. Diante disso, Souza (2010) mostra que na relação entre Literatura e sociedade precisamos considerar o processo social de produção da arte.

A busca de trabalho provoca a mobilidade espacial de várias pessoas e famílias que sem muitas esperanças no lugar que estão seguem para outros lugares desconhecidos apenas procurando formas para sobreviver. Não escolhem ocupações, aceitam qualquer tipo de serviço.



Na fazenda Jurubatuba, Carmo Bernardes mostra que os agregados trabalhavam em troca de “pinga”, “fumo”, “toucinho”. As mulheres também trabalhavam para garantir o sustento da casa. Essas relações retratadas na Literatura reafirmam uma realidade nas relações sociais no campo, onde há indistinção entre mulheres e homens, quando diz respeito a utilização da sua força de trabalho na roça, e por outro lado reproduz-se uma cultura discriminatória quanto ao papel de mulher. (SANTOS, 2010, p.185).

Como o personagem do livro de Carmo Bernardes, hoje muitas famílias de trabalhadores rurais seguem migrando do campo para a cidade. Carregados de sonhos, ansiedades, medos e principalmente esperança de conseguir trabalho. E a migração representa para os trabalhadores a possibilidade de melhoria de vida. Com a falta de oportunidades no campo, o migrante espera na cidade pela integração no processo de trabalho urbano.

Diante desse quadro, não podemos esquecer as relações de poder. Em Goiás, o coronelismo foi parte da vida no campo durante muitos anos. O coronelismo, conforme Martins (1990, p.48): “Enredava, numa trama complicada, questões de terra, questões de honra, questões de família e questões políticas”. Eles detinham o poder político, pois, só votavam em todas as eleições a nível municipal, provincial e nacional os grandes proprietários.

Enquanto os pobres, conforme Martins (1990) votavam a nível nacional e provincial. Logo, o coronelismo, chamado “voto de cabresto” foi conhecido pelo rígido controle dos chefes políticos sobre os votos do eleitorado. Nesse sentido, os camponeses não assistiam passivamente esse processo, constituíam-se como sujeitos políticos e reagiam por meio da formação de grupos de cangaceiros.

E essa realidade, Carmo Bernardes descreve no romance *Jurubatuba*, em que havia uma disputa de terra entre as famílias de coronéis, para se localizarem na Tiquira- espaço mais apropriado ao plantio de roça, para retirar os melhores elementos de sobrevivência do campo.

Em razão disso, na década de 1940 a terra era pouco valorizada. E na medida em que ia se tornando mercadoria com o avanço do capitalismo passam a querer se apropriar delas, existindo assim nessas terras diversas relações de trabalho, como arrendo meeiros, posseiros.

Assim sendo, é importante lembrar que conforme Moura (1986) a utilização do trabalho de todos os membros do núcleo familiar é um dos aspectos tradicionais da cultura camponesa, ou seja, a utilização do trabalho de toda a família é uma das características do campesinato e decorre das condições adversas em que se é obrigado a produzir.

O chefe da família geralmente é o “pai” assumia para si a lógica do grande proprietário de terras. E nesse caso, todos trabalhavam. E com o processo de expansão do capitalismo houve um impacto na vida camponesa nas relações sociais cotidianas. Essa história da expansão capitalista no campo é caracterizada por um primeiro momento em que o camponês luta para ter direito a posse da terra como meio do seu trabalho e sustento.

O objetivo do camponês é se fazer um proprietário individual que estaria livre das relações de parceria, camaradagem e demais formas possíveis de submissão a um outro proprietário. Esse era o sonho do camponês, tinha a expectativa de construir uma vida livre da exploração promovida pelos grandes proprietários rurais. Defendiam seu direito “às terras livres” contrariando quem pretendia cobrar-lhes o arrendo e viver do suor do camponês. Santos (2010, p.241) discute que:

O sonho de se livrar da exploração que os grandes proprietários de terras lhe impunham com a cobrança do arrendo e a expectativa de dar continuidade a existência da sua vida no campo fez com que procurassem todas as formas para se manter camponeses, o que quer dizer, ter acesso a terra, poder trabalhar com sua família, produzir para o atendimento das suas necessidades e ter autonomia para gerir seu tempo de trabalho no campo. Em todo o Brasil, temos terras devolutas que os camponeses ocuparam, ergueram seus ranchos, começaram a cultivar e colher. Dando-lhes importância por seu valor de uso, ou seja, a possibilidade de se retirar dela o produto necessário para o atendimento das suas necessidades. Os levando a pegar no “pau furado” para defender a possibilidade de dar continuidade a sua existência no campo. Uma situação de conflitos em que a realização do objetivo dos camponeses entrava em contradição com os interesses dos fazendeiros que davam importância a terra por seu valor de troca, no caso, sua utilização como mercadoria que possibilitasse acumular renda e concentrar a propriedade da terra.

Nesse sentido, o camponês é avesso da modernidade, ele se nega a ser moderno, nega a tecnologia, a modernização da agricultura. E, por isso, o campesinato é visto como atrasado, porque não está articulado com o mercado. E com essas discussões anteriores, percebe-se o quanto o camponês foi discriminado.

Porém, mesmo com a inserção do capitalismo no campo, o campesinato não perdeu a sua própria identidade, o sentimento de pertencimento, o modo de vida. E na referência ao modo de vida do camponês Souza (2012, p.49) afirma que:

Os modos de vida camponeses são compostos por hábitos, costumes, habilidades, conhecimentos, saberes, fazeres que, manifestados no lugar, em seu cotidiano, vão se estabelecendo como parte de relações que se constituem nas territorialidades e no espaço vivido. Esse cotidiano é constituído nas formas como organizam o trabalho, nas crenças e rezas, nas

relações com os parentes e vizinhos, nas formas de lazer, nos modos como pensam e conversam sobre a política, a religião, o futebol, nos métodos utilizados para existirem a despeito dos seus problemas e tensões, sobretudo os que envolvem os processos e reocupação do espaço.

Conclui-se que mesmo com a inserção do capitalismo na atualidade, as paisagens do agronegócio revelam mudanças, mas sempre haverá a reprodução das formas camponesas de produção, ou seja, “a pequena produção permanece, mesmo que com as ressignificações promovidas pela incorporação de elementos da modernidade”. (Souza, 2012).

E nesse caso, mesmo com a inserção do camponês no mundo moderno algumas características ainda perduram dessa classe, tais como, o caráter familiar do trabalho, a família em si, uma relação flexível com o mercado (relaciona-se diretamente com a autonomia relativa do camponês), um espírito de reciprocidade que se opõe ao espírito da mercadoria, enfim, o camponês antes de ser considerado por muitos uma figura símbolo do não-moderno, representa um conjunto de valores que sobrevivem a despeito da pressão do capital representado pelo agronegócio. Portanto, o capital não consegue romper com o campesinato, pois o camponês tem força na economia brasileira. Nessa mesma ideia, Moura (1986.p.28) aborda que:

Portanto, a autora considera que mesmo a expansão capitalista no campo não foi suficiente para excluir as formas de campesinato no mundo, apenas contribuiu para que certas mudanças ocorressem na estrutura e modo de vida camponês, como é o caso das mulheres que antes iam para celibato, agora vão para a cidade em busca de um casamento, a migração que ocorre no interior da classe, mas o vínculo com o lote permanece, em muitos casos há o auxílio em dinheiro para manutenção da família, como afirma a autora, “a separação física da família não corresponde a separação social: quem é parente, ativa, à distância, essa condição”.

E é esse o camponês da modernidade, com saudade e lembrança de um tempo que não volta mais, mas que as tradições e os modos de vida vão ficar arraigados por onde passarem.

No capítulo III apresentaremos o Trabalho e a Natureza na contemporaneidade. Que trabalho é esse? E como fica a incorporação do Cerrado goiano na economia capitalista? Como o Cerrado modificou a tal ponto de mudar as relações de produção. Esses questionamentos serão discutidos no próximo capítulo.

### **3.AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE GOIÁS: do Cerrado representado por Carmo Bernardes em 1950 ao Cerrado Contemporâneo**

No referido capítulo buscar-se-á compreender as transformações socioespaciais de Goiás no Cerrado Goiano, desde a paisagem descrita por Carmo Bernardes até ao Cerrado contemporâneo, ou seja, a pesquisa teórica é o suporte para verificar como está o Trabalho e a Natureza na região do Cerrado Goiano na contemporaneidade.

A metodologia da comparação foi usada neste capítulo com o objetivo de verificar a incorporação do Cerrado na economia capitalista, de modo que o campo mecanizado modificou as relações de produção na sociedade. E para comparar o trabalho da década de 1950 com a contemporaneidade, utilizamos o livro *Jurubatuba* e autores que discorrem sobre o movimento de reestruturação do Trabalho e a relação com a Natureza.

Autores como Marcelo Mendonça (2004), Milton Santos (1996), Chaveiro e Castilho (2010), Chaveiro e Barreira (2010) e outros, contribuíram para fundamentar a análise das transformações socioespaciais de Goiás.

Conforme as palavras anteriores e os estudos que envolvem a pesquisa o que se propõe é averiguar as mudanças na paisagem do Cerrado Goiano pela representação da Literatura amparado com as discussões teóricas da Geografia.

Comparar o espaço contemporâneo com o espaço da década de 1950 é importante para podermos analisar que a reestruturação do capital alterou desde as relações de produção até as relações afetivas. Essa nova incorporação do capitalismo, fez com que surgissem relações novas, espaços novos. E até o Cerrado, que antes era visto como um meio natural para a sobrevivência, hoje, está na mira do mercado.

A reestruturação do capital implica em uma reestruturação territorial. O território recebe uma nova carga de rodovias, ferrovias, fixos e fluxos que incorpora o território e hábitos produtivos, que implica em um nível macro.

### 3.1 Trabalho e Natureza: a configuração do território goiano na atualidade

O espaço agrário brasileiro está passando por significativas transformações que vão desde a inversão radical dos fluxos migratórios até o surgimento de “novas” atividades econômicas não necessariamente agrícolas. Nesse caso, o processo de penetração do capitalismo no campo imprimiu uma reconfiguração do processo de produção. Como discute Brum (1988) da enxada, do arado de tração animal e da carroça passou-se ao trator. Aumentou a velocidade do sistema de produção, bem como os contatos e informações. Surgiu, então, um novo rural, já tecnificado, industrializado, urbanizado e civilizado.

E essa modernização do campo deve ser analisada como matriz espacial das mudanças do campo atual. Ou seja, a modernização é a matriz espacial das transformações que conduzem o campo atual com o aspecto comercial, o adubo, tecnologia, infraestrutura, a forma do trabalho, a forma de gerenciamento de propriedade.

Entretanto, a modernização, vista como matriz espacial das transformações não atinge o estado todo, o Cerrado. A soja, o gado bovino, a agroindústria não atingiram todos os estados do Cerrado. Elas atuaram apenas em algumas regiões. Por essa razão, podemos dizer que essa transformação foi de maneira desigual.

Conforme Borges (2012) é preciso compreender as ações políticas e econômicas, ou seja, os elementos externos que influenciaram a dinâmica territorial do Goiás da época, assim, como, os elementos internos que a particularizava. Nesse sentido, Froehlich (2002, p.7) diz que:

O ritmo do tempo social tornou-se outro. A velocidade passou a dar a tônica à produção e aos transportes, multiplicando-se as possibilidades e mesmo a rapidez dos deslocamentos de pessoas e coisas. As informações começaram a circular em alta velocidade e as probabilidades de relacionamentos ampliaram-se em muito, multiplicando as referências para a vida social, inclusive rural.

As relações sociais de produção sofreram alterações a partir da modernização no campo. Como por exemplo, os antigos agregados, meeiros foram excluídos e substituídos por administradores das fazendas, operadores de máquinas. Exigia-se então uma mão-de-obra qualificada que atendia ao novo modelo agrícola, excluindo esse camponês que não atendia as demandas do capitalismo, tais como, o uso de técnicas na agricultura.

Diante deste vasto período histórico, surge o campesinato com o processo de formação do capitalismo. Nessa ideia, Viana (2003, p.14) discute que:

O campesinato surge com o processo de formação do capitalismo, marcado pela decadência das relações de produção feudais, pela servidão, e pela expansão do comércio, da indústria, da cidade, e principalmente, pelas relações de produção capitalista, que ao se expandirem, destroem relações de produção pré-capitalistas e devido ao contexto derivado destas, constitui relações de produção não-capitalistas subordinadas ao capitalismo. Assim, o conceito de campesinato nos remete a uma classe social historicamente constituída e que tem características próprias.

A modernização transformou o cenário rural brasileiro. Logo, a expansão da agricultura moderna, com a implantação de recursos tecnológicos no campo, impossibilitou a reprodução social de pequenos produtores rurais que abandonaram o campo em direção a cidade. Esses pequenos produtores rurais foram sendo excluídos do processo de produção no mundo rural.

Assim, esses produtores do campo que trabalhavam para a sua sobrevivência tiveram seus empregos desestruturados, causando um grande problema na organização social de produção. Conforme Ribeiro (2003, p. 89)

O trabalhador rural, que agora tem moradia urbana, se vê separado dos seus meios de produção e retorna ao campo como bóia-fria ou para exercer outras formas de trabalho temporário, incluindo as mulheres e as crianças nestas modalidades de trabalho para a complementação da renda.

A partir das idéias da autora, verifica-se que a utilização de mão-de-obra é reduzida nas tarefas agrícolas, devido o alto índice de tecnologia incorporada no campo, substituindo o trabalho humano por uso de máquinas de plantio e colheita, fertilizantes químicos e corretivos, irrigação, sementes geneticamente modificadas, controle químico de pragas e doenças no ciclo da lavoura. E essas mudanças originadas desse processo modernizador transformaram o campo.

Esse sistema tem sido acompanhado de transformações organizacionais da produção e nas relações de trabalho. Portanto, “a relação do ser humano com o meio passa a ser mediada por novos instrumentos de trabalho, altamente tecnificados”. (RIBEIRO, 2003, p.97).

Nessa concepção o monjolo encontrado nas fazendas e propriedades rurais utilizado para limpar alimentos, é um bom exemplo da substituição desse instrumento de trabalho por outros mais modernos. Esse instrumento de trabalho permanece apenas na memória do camponês, ou seja, “são instrumentos que não potencializam atividades produtivas, mas

representam um valor cultural, que também potencializa a sociabilidade humana”. (Souza, 2012)

O trabalhado assalariado e as transformações no processo produtivo afetaram muito a vida do trabalhador, devido à exigência em rendimento das tarefas que geralmente são pagas por produção, foram mudadas as formas de controle e ritmo das tarefas e por fim, cada vez mais exige-se maior escolarização. Mediante as alterações e evoluções provocadas pelo uso intensivo da tecnologia no campo, as formas de ocupação da mão-de-obra rural foram drasticamente alteradas, ao longo das últimas décadas.

Encontramos produtores rurais vivendo nas cidades e deslocando-se até sua propriedade, como também pessoas do meio rural envolvidas com atividades não agrícolas. Conclui-se que as transformações no mundo do trabalho, provocam um desequilíbrio nas relações sociais de produção, na estrutura fundiária, dentre outros.

Em razão disso, o processo de modernização capitalista levou os camponeses a se colocarem a caminho da cidade. Nesse sentido, segundo Souza (2010) com a chegada da modernidade se idealizaria a figura do camponês e do campo. “O camponês visto como homem do ócio, preguiçoso, sujo encontrado no Jeca Tatu de Monteiro Lobato, deveria dar lugar ao colono que colabora assiduamente, realizando sua missão de alimentar a nação, com o seu trabalho no campo” (SOUZA, 2012, p. 87). O camponês se tornou um entrave ao processo de modernização capitalista autoritário a partir de relações não capitalistas de produção.

Nesse caso, conforme Guimarães (1988, p. 229),

A dinâmica das lutas sociais no campo em Goiás evidenciou-se pelas lutas camponesas. Com a expansão do capitalismo, multiplicaram-se os conflitos pela posse da terra, manifestados nas formas de resistência do campesinato da região centro-norte à expropriação territorial efetuada por grileiros, fazendeiros e empresários. A luta pela posse da terra, apesar de seu caráter restrito e localizado, constituiu-se, a partir da década de 1950, em reivindicação primordial dos trabalhadores rurais do centro-norte goiano. Os confrontos e as lutas pela posse da terra geraram alternativas de organização camponesa, marcadas pela atuação maior ou menor de determinados setores políticos que disputaram na tutela política dos trabalhadores rurais.

Logo, a partir década de 1950, houve conflitos pela posse da terra que colocavam o posseiro como um dos personagens principais das lutas camponesas. Conforme Roos e Fabrini (2012, p.04):

É preciso ressaltar que a luta e resistência camponesa não ocorre apenas vinculada aos movimentos sociais, existe também um enfrentamento camponês assentado no território que se edifica como negação à ordem capitalista. Estas resistências estão assentadas no domínio e posse da terra e num conjunto de relações tradicionais, culturais, econômicas e políticas cultivadas a séculos pelo campesinato que se desdobram na construção do território camponês.

E esse é um fator importante da história do camponês, seja com base de práticas modernas de lutas, realizadas organizadamente nos movimentos sociais ou a partir das “forças do território” camponês, o campesinato tem reclamado e construído o seu lugar social. Logo, os enfrentamentos do campesinato ao agronegócio/latifúndio manifestados nas ocupações de terra são centrais na construção do território camponês, pois o conflito gerado permite ao campesinato a possibilidade de retorno/acesso a terra com a conquista dos assentamentos, no qual são materializadas as relações camponesas e construído o território camponês. (ROOS e FABRINI, 2012,p.05).

Conforme a discussão dos autores acima, dentre os componentes das forças do território camponês encontram-se os trabalhos de mutirão, puxirão, trocas de dias de serviço, trabalho comunitário, cultivo de sementes crioulas, produção de autoconsumo e relações de solidariedade e reciprocidade. Com a conquista da terra, os camponeses recriam estas formas de organização da produção, trabalho e política assimilada com seus familiares.

Surge assim, um conjunto de atividades coletivo-comunitárias entre os camponeses. Estas práticas da tradição camponesa que aparentemente não possuem conteúdo negador da ordem vigente precisam ser observadas e valorizadas como estratégias de existência autônoma dos “assentados”.

O termo assentados se refere a conquista dos camponeses novamente pela terra. São estas práticas territorializadas que dão o caráter de trunfo ao território camponês. Diante desse quadro, esses assentados na atualidade aprendem novamente o autoconsumo que conforme Roos e Fabrini (2012) se refere ao aprendizado que teve com sua família: “Com a família aprendi a guardar sementes. Meu pai ensinou também que nós só deveria comprar sal e querosene e o resto nós produzia tudo em casa, não comprava no mercado”. “O autoconsumo é uma forma de resistência do campesinato, pois o capital não consegue abocanhar a renda proveniente destes produtos, porque não entram na circulação de mercadorias sendo destinados diretamente para o consumo da família”. (ROOS e FABRINI, 2012, p.11).

Logo, de acordo com Roos e Fabrini (2012, p.16):



Além disso, ter a posse da terra possui um caráter político, de resistência do território camponês, pois significa a continuidade da reprodução social do campesinato. Ser dono da terra deve ser entendido como resistência à ordem expropriatória, porque possibilita ao campesinato a passagem dos meios de produção, neste caso a terra, como herança para seus descendentes e assim sucessivamente num processo que se desdobra na manutenção da terra nas mãos dos camponeses.

E é isso que o camponês luta, para ter domínio pela terra. Os movimentos camponeses organizam as famílias trabalhadoras e iniciam a luta pela conquista da terra com os processos de ocupação, resistência e produção.

Portanto, conclui-se que a natureza é retratada por Carmo Bernardes como base valorativa, e Silveira (2011; p.142) relata que “como o trabalho considerado moderno muda sua natureza e sua localização, as feições e extensões da modernidade e da pobreza variam no tempo”. Nesse caso, fica evidente que a natureza não será a mesma com a ocupação do território, como por exemplo, da cultura da cana-de-açúcar, em seguida, do fumo e de produtos alimentícios e depois do algodão nos agrestes nordestinos, como afirma Silveira.

Não só nos agrestes nordestinos, como o nosso estudo é no Estado de Goiás essa ocupação também do território foi bem explorado, alterando o espaço preexistente e, ao mesmo tempo, alterando o próprio conjunto da ocupação dos Cerrados como um todo. Conforme Santos e Silveira (2011, p.271):

A região Centro-Oeste, constituída pelos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins, é uma área de “ocupação periférica” recente. O meio técnico-científico-informacional se estabelece sobre um território praticamente “natural”, ou melhor, “pré-técnico”, onde a vida de relações era rala e precária. Sobre essa herança de rarefação, os novos dados constitutivos do território são os do mundo da informação, da televisão, de uma rede de cidades, assentada sobre uma produção agrícola moderna e suas necessidades relacionais.

O uso da técnica ganha poder, pois o ser humano modifica o espaço por meio de instrumentos que são chamados de técnica. De acordo com Santos (1996, p.29): “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o ser humano realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo, cria espaço”. Como pode observar nessa citação de Santos, a principal forma de relação entre o ser humano e o meio, é dada pela técnica. Logo, a técnica potencializa o uso da natureza.

Desse jeito, o espaço pode ser lido pelo seu processo de produção, pois o espaço é produzido. Nesse caso, a forma, como Milton Santos afirma é aquilo que se apresenta, ou

seja, formas que representam o processo produtivo diferente, como por exemplo, podemos fazer uma leitura comparada, das fazendas de hoje com as de antigamente.

Comparando a fazenda Jurubatuba que foi descrita pelo autor na década de 1950 com uma fazenda do século XXI, levantando-se a hipótese de que essas fazendas são dicotômicas, pois a função demanda do processo produtivo. Conforme Silveira (2011, p.145): “Emerge o espaço mecanizado. São as lógicas e os tempos humanos impondo-se à natureza com a emergência de sucessivos meios técnicos, todos incompletamente realizados, todos incompletamente difundidos”.

Com a modernização, surgindo o trabalho mecanizado, o espaço está em constante processo de transformação. Segundo Santos (1992, p. 49): “Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação”. Nesse caso, ocorreram as alterações socioespaciais decorrentes da modernização em Goiás, e das novas relações de trabalho, causando um impacto na ocupação do Cerrado Goiano. Segundo Silveira (2011, p.145):

A partir da segunda metade do século XIX mecaniza-se a produção mediante a instalação de usinas açucareiras, e mais tarde, o território com a navegação a vapor e as estradas de ferro. O crescimento das cidades foi, entretanto desigual, em virtude das oscilações, das economias regionais ou de seu papel político.

Com esse interesse da produção agrícola nas áreas cerradeiras, aumentava o número de migrantes de outras regiões. Nesse caso, vários camponeses abandonavam o seu local de origem, por conta da mudança dos hábitos locais ocupados pelos proprietários rurais, com suas técnicas de trabalho avançadas.

Sousa discute que (2012, p.116): “Há um desenraizamento, perdendo a identidade do camponês, o seu lar, suas raízes culturais, desliga-se do seu passado, de sua gente, da vegetação que lhe fornecia alimentos e de suas festas populares”. Logo, com a modernização, mudou-se a concepção de natureza expressa a ideia de campo e cidade. De acordo com Mendonça (2004, p.148):

Essa diferenciação na concepção de natureza expressa a ideia de campo e a ideia de cidade. O campo enquanto lugar atrasado e selvagem e a cidade como portadora da civilidade, do progresso. A ideologização do campo, confundido com a natureza selvagem que precisava ser domesticada, tentou homogeneizar as diversas formas societárias existentes, assim como, desconsiderar qualquer vestígio das diferentes formas de produzir e de viver,

característica das sociedades pré-capitalistas que ocupavam essas áreas desde tempos imemoriais.

Vários escritores, poetas representam a natureza idealizada nos livros literários. Ou seja, uma sociedade livre dos problemas e das dificuldades presentes na atualidade, tendo como parâmetro a vivência nas grandes cidades. Diferentemente, Carmo Bernardes, representa uma natureza com um meio de sobrevivência. Uma natureza que tinha o maribondo, mas que também tinha borboletas. Isso quer dizer, que o escritor não representava somente os prazeres da vida campestre, mas que, além disso, retrata uma realidade dessa natureza, onde o mesmo vivenciou, e que era um meio para o trabalhador retirar o seu sustento.

Mendonça (2004, p.150) discute que:

A forma com que o trabalho no campo é retratado pelos poetas e romancistas é reiventada com outras características, quando pesquisadores e “homens de letrados” descrevem o sertão brasileiro, particularmente o interior, tardiamente inserido nos interesses do centro político e econômico do país. Há uma mistura de espanto e admiração pelo homem do sertão. Ao mesmo tempo que é rude, ignorante, preguiçoso, etc..., essas características dão-lhe coragem, força, bravura e resistência. Mas parece haver uma preocupação em retratá-lo de forma a desconsiderar toda a sua vivência e experiência, pois enaltecem o modo de vida exótico, sem apontar e/ ou respeitar formas sociais existentes.

Em virtude disso, a relação de trabalho na lógica camponesa (1950) baseada na ética e na família, buscava o uso do espaço para reproduzir a sua existência, enquanto essa relação de trabalho na contemporaneidade, baseada no agronegócio, visa o lucro, por meio da apropriação desses recursos que são transformados em mercadorias.

Esse pequeno produtor tem que corresponder à demanda do mercado na atualidade, ou seja, esse camponês tem que adaptar as novas formas de trabalhar na terra. E se há um novo camponês, conforme Souza (2012, p. 174): “Há também novas relações que o envolvem, ou seja, há necessidades de novas relações com a propriedade rural, com o mercado, não se esquecendo das relações socioculturais, que também sofrem mutações”.

De acordo com Mendonça (2004, p.03) a partir da modernização da agricultura, “o capital ocupou de forma “racional” e indiscriminada as áreas de Cerrado com elevado patamar técnico e tecnológico, poupador de trabalho, impondo medidas modernizantes, com o intuito de “libertar” a terra para grandes empresas rurais”.

A partir da citação de Marcelo Mendonça (2004) nota-se que o capital impunha novos comportamentos, hábitos e atitudes, fazendo com que negássemos nossas origens e nos tornássemos seguidores do capital. Portanto, nota-se que a reestruturação produtiva do capital propiciou alterações nas relações sociais de produção, com profundas mudanças no trabalho e na ação política dos trabalhadores.

Há uma transformação deste rural, onde a terra perde a sua centralidade na reprodução das unidades produtivas familiares em face ao crescimento das ocupações rurais não agrícolas. Em razão disso, a ideologia que sustentava a tríade “família, terra, trabalho” enfraqueceu abrindo espaço para a maior visibilidade das relações capitalistas.

### **3.2 A expansão da soja, o avanço do gado bovino e o setor agrocombustível no Cerrado Goiano: a paisagem desconstruída.**

A partir do final da década de 1970 as áreas do Cerrado visavam à produção de soja para a exportação. Conforme Silva (2013) essas colônias, compostas, sobretudo por sulistas, tornaram-se pelos disseminadores da moderna produção, impondo aos pequenos produtores a adesão a esse novo padrão técnico ou mesmo coagindo-os a vender suas terras ou abandonar suas posses.

Logo depois de quarenta anos, a modernização da agropecuária no Cerrado resultou em rápidas mudanças na cobertura e o uso da terra. (SILVA, 2013,p.18). E a expansão da agropecuária conforme Silva (2013) é um tema relevante devido à perda da biodiversidade no bioma Cerrado enquanto há pastagens degradadas e improdutivas. Portanto, a modernização da agropecuária mudou profundamente a lógica das localizações no Cerrado.

Ainda nessa discussão, é inevitável dizer que conforme Souza (2012) a expansão do setor agrocombustível afetou o Cerrado Goiano, causando uma transformação na natureza. Essas agroindústrias de combustível se instalaram na região sudeste, dentre outros, para a produção de etanol, transformando conforme Souza (2012) as áreas de terras em lavouras de cana-de-açúcar.

E podemos observar essa transformação por meio da paisagem, que antes era um Cerrado sem um viés capitalista, enquanto hoje, o Cerrado é um mero objeto para o capitalismo. Segundo Souza (2012, p.28):

As paisagens atuais podem ser entendidas como feição ou forma da estruturação de um território que vem sendo construído um sobre o outro que, há muito tempo, estiveram presentes nesse espaço. Todavia, tendo, no atual território, a priorização de produção de cana, certamente ampliará a “pressão social”, econômico e cultural, constituídos sobre os sujeitos, tais como, os proprietários de terras, grandes, médios e pequenos, uma vez que outras atividades produtivas podem não mais serem consideradas atrativas, em termos mercadológicos.

A partir da discussão acima, nota-se que a na atualidade, quando a cana-de-açúcar chega à região cerradeira, novas situações começam a ser processadas na paisagem. Conforme Thomaz Júnior (2011) o cultivo da cana-de-açúcar faz com que a família camponesa faça parte de um grande negócio que pode trazer prejuízos, tais como, desagregação da família trabalhadora e frustração. Essas transformações criam outras possibilidades para os modos de vida do camponês, modificando também a identidade desse grupo social. Em razão disso,

observa-se que até meados da década de 1990 houve intensa substituição de pastagem natural do Cerrado por cultivada (SILVA, 2013, p.34).

De acordo com Chaveiro e Barreira (2010, p.16):

A integração numa única perspectiva teórica dos ambientes naturais do Cerrado, juntamente com os tipos de usos e suas variáveis, nos leva a proclamá-la como um Bioma-território. Portanto, domínio de disputas- e de conflitos- próprias da estrutura econômica que preside os usos e os interesses dos atores que hegemonomizam o seu controle econômico e territorial.

Pode perceber por meio das palavras dos autores que o Cerrado é objeto de grande interesse, importante para economia nacional e internacional, um território dinâmico e produtivo, porém é destruído enquanto vida, enquanto bioma.

Surge, então, algo questionador: Ou o Cerrado é vida ou ele é um elemento econômico? Esses impactos ambientais acontecem com a chegada da modernização e da urbanização de uma forma desigual e concentrado causando várias transformações no Espaço Goiano. É necessário nesse caso, pensarmos sobre a noção de Cerrado nos dias atuais. Chaveiro e Barreira (2010, p.27) afirmam que:

embora o processo tenha transformado o Cerrado num cinturão produtivo importantíssimo, principalmente para a balança comercial do país, ao gerar bens de exportação, houve uma concentração de terras, um aumento da desigualdade social e uma concentração espacial, especialmente fundada na urbanização desigual que espelha um território urbanizado e cheio de problemas. Segue, junto, um campo produtivo, mas vazio de gente e da cultura do local.

Sendo assim, com a entrada da modernização pode-se dizer que existe um Estado de Goiás do tempo rápido, dos homens enriquecidos devido o acúmulo do capital, enquanto de outro lado, homens pobres, por causa da desigualdade social. Chaveiro e Calaça (2008, p.289) mostram que a modernização do território goiano foi e é incompleta no território e no conteúdo social. Por isso, a tradição resiste e não se erradicou. Embora a tradição resista, a modernização é compulsória e hegemônica. E a sua hegemonia ora converge, ora conflita com a tradição, ora a usa, ora a distende.

Nessa discussão sobre o Cerrado, Souza (2012) mostra que “a disputa pelo Cerrado é consequência da forma como esse espaço local, se insere no mundo global, com outros interesses e lógicas”. E é por meio dessa desconfiguração do território que as relações de Trabalho e Natureza foram mudados com a modernização da produção agrícola. Além disso,

muitas famílias camponesas foram desterritorializadas do campo no período da modernização da agricultura.

E esses camponeses desterritorializados e sem acesso aos avanços trazidos pela modernização se abrigaram nas áreas urbanas, passando a viver em condições muito precárias. Conforme Mendonça (2004, p.168):

Esses trabalhadores atendem às necessidades do capital (empresas rurais), ora como mão de obra barata no campo (trabalhadores temporários), como trabalhadores instáveis, informais, e à base de atividades domiciliares nas cidades, tornando-se o exército industrial de reserva, facilitando e estimulando a acumulação de capitais, a depender das habilidades apresentadas. Esses trabalhadores empurrados para as áreas urbanas são responsabilizados pelas mazelas sociais e morais, que se constituíram em enorme problemática nas pacatas cidades goianas, conforme o olhar das classes hegemônicas. Estrategicamente, as elites instituíram a cultura da malandragem para qualificar os novos pobres, culpando-os pela violência nas áreas urbanas e, mais recentemente no campo, diante da mobilização e organização dos trabalhadores sem-terra na luta pela reforma agrária e pelo direito a uma existência digna.

Diante desse quadro, ocorreram diversas transformações nos modos de vida, a mecanização e os investimentos de capitais de preparação dos solos e tratos culturais. E é nesse momento, que o camponês que vê o território, como espaço vivido “vai sofrer um acelerado processo de desarticulação das relações sociais e de produção”. (Santos, 2009, p.03).

Esse camponês que era “acostumado” com o campo, de onde retirava o seu sustento por meio da natureza, vai sofrer um impacto a partir da modernização do território. E esse trabalhador rural sente-se “perdido” para enfrentar as inovações implantadas no campo.

Segundo Souza (2012, p.75): “A prática da monocultura produziu, na paisagem do Cerrado uma nova configuração, física e cultural, que continua a remodelar até os dias atuais”. Essa transformação do Cerrado reverte na introdução de tecnologias modernas no processo agrícola. Mendonça (2004, p.173) discute que:

A modernização capitalista é condição fundamental para compreender as transformações sociais e espaciais das áreas de Cerrado, na medida em que pode ser compreendida enquanto a modernização do território goiano, precisamente das áreas meridionais, com destaque para o Sudeste Goiano. A incorporação dos territórios goianos aos interesses dos centros hegemônicos nacionais e internacionais revelou um processo de hibridagem, resultante da imposição das inovações técnicas e da força da tradição (valores, manifestações sociais e religiosas, modos de vida etc.), produzindo singularidades.

Nesse sentido, percebe-se que com a agricultura voltada ao interesse do capital, a produção agrícola que antes era para o consumo, por exemplo, na década de 1950 no romance *Jurubatuba*, vai perdendo espaço para atividades da agricultura moderna. Recria, reinventa práticas sociais que indicam a capacidade dos camponeses se relacionarem com o novo, com o capital, com o moderno. Dessa forma, o Cerrado encontra-se na atualidade por interesses da produção capitalista. Nessa concepção Souza (2012, p.117) discute que:

Onde existiam propriedades com residências de populações tradicionais, com seus equipamentos de produção e domésticos, como currais, paiós, arados, carros de bois e carroças, também pomares, criações e outros componentes que fundamentavam um modo de vida do passado, existem apenas imensas áreas com produções envolvendo altas tecnologias.

Percebe-se que a reconfiguração territorial do Cerrado tem a contribuição das monoculturas da soja e do milho. Dessa maneira, essa reocupação das terras fez com que surgisse um novo território, assim como a transformação dos modos de vida, a partir das alterações nas tradições e culturas.

Assim, não temos a mesma paisagem nem a mesma configuração territorial como era antes na fazenda *Jurubatuba*. Conforme Souza (2012) essa paisagem está em mutação por ser dinâmica, por acompanhar o movimento da sociedade e dos sujeitos sociais que as criam e recriam. Hoje, “a paisagem não é mais a mesma e o território já se modificou”. (Souza, 2012.p.217).

Em razão disso, esse camponês altera a sua forma de produzir e também a forma como usa o Cerrado para a produção dos meios de vida. Nota-se grandes diferenças daquela paisagem descrita no romance de Carmo Bernardes (*Jurubatuba*) para os que se observa na atualidade. Não apenas mudança na aparência ou na forma de produzir. Alterou-se o conteúdo das relações de produção e das modalidades de trabalho. Segundo Mendonça (2004, p.176):

Ao observar a modernização da agricultura nas áreas de Cerrado, precisamente no Sudeste Goiano, verifica-se a conjunção de diversos fatores que possibilitaram a implantação das empresas rurais, que se tornaram a expressão moderna do capital no campo. Os elementos naturais, destacando-se a topografia plana, a disponibilidade de recursos hídricos e as grandes extensões de terra e, por outro lado os elementos sócio-econômicos através do “desinteresse” dos proprietários rurais tradicionais pelas áreas das chapadas, naquele momento “improdutivas”, favoreceram a “ocupação racional” e indiscriminada dessas áreas.

Além disso, é importante dizer que os saberes tradicionais dos camponeses tendem a desaparecer porque quase não há mais a vegetação do Cerrado na atualidade, tais como, a



eliminação do anjiqueiro, jatobá, marmelo, sucupira, dentro outros, que são ervas medicinais dos camponeses do Cerrado. Em vista disso, os camponeses no Cerrado contemporâneo ficam dependentes de medicamentos químicos, já que os saberes tradicionais tendem a desaparecer a cada ano que se passa.

Conforme Chaveiro e Castilho (2010) onde existiam propriedades com resistências de populações tradicionais, com seus equipamentos de produção e domésticos, como currais, paiol, arados, carros de bois e carroças, pomares, criações e outros componentes que fundamentavam um modo de vida do passado, existem apenas imensas áreas com produções envolvendo altas tecnologias.

De acordo com Mendonça (2004) a modernização da agricultura evidencia a reestruturação do capital industrial (máquinas) e financeiro (empréstimos) que pressionou o Estado a estabelecer políticas para assegurar a sua auto-expansão, devido os desdobramentos das alterações no processo produtivo nos países ricos.

De acordo com Cândido (1971, p.165) a marcha da urbanização em Goiás “está ligada ao progresso industrial e conseqüente abertura de mercados; daí a penetração, em áreas rurais, de bens de consumo até então menos conhecidos ou, na maioria, desconhecidos.”

Segundo Cândido (1971) surgem assim, para o camponês, necessidades novas, que contribuem para criar ou intensificar os vínculos com a vida das cidades, destruindo a sua autonomia e ligando-o estreitamente ao ritmo da economia capitalista, em contraste com a economia particular, centralizada pela vida no campo e baseada na sobrevivência.

Ainda que o modo de vida urbano em Goiás, inclusive na metrópole goianiense tenha relações com o modo de vida rural, a urbanização de Goiás estabeleceu outros artefatos simbólicos e materiais para a concepção da vida do sujeito no espaço. Nessa concepção, não é mais um Goiás rural, mas sim um Goiás urbanizado com a invenção de técnicas. Há um desligamento relativo em face do meio natural imediato, em substituição a dependência em relação aos centros urbanos.

Cândido (1971) discute ao comparar o equipamento caseiro do “camponês rural” com o “camponês urbano”, não veremos mais as gamelas de raiz de figueira, as vasilhas de porunga, os potes de barro, as colheres de pau. Esses instrumentos foram substituídos por ferro, alumínio, a louça. “Até os chapeús e as peneiras de palha, tão fáceis de fabricar, são

agora comprados”. (CANDIDO, 1971, p.179). E essas mudanças provocam espanto para os camponeses por conta da rapidez que vão desaparecendo os recursos locais.

Vários são os instrumentos que esses camponeses usavam para o trabalho e que na atualidade foram substituídos. Os monjolos d’água, pilões de pé, prensas de cana, enfim. Equipamentos corriqueiros há meio século, e hoje, desconhecidos pela maioria dos camponeses.

Cada vez mais na sociedade contemporânea vai minguando determinado equipamento, em face de um estágio mais avançado da técnica e dos hábitos criados pela dependência econômica. Outro exemplo é o fumo. Antigamente era cultivado com frequência na horta. Colhido, secavam-se as folhas em jiraus, tiravam-se os talos, enrolava-se guardava-se para o gasto.

Hoje, temos uma adoção do novo traço, em que esse camponês urbano, fuma cigarro de fábrica. Nesse caso, conforme Candido (1971), devemos levar em conta também, que todas as vezes que surge, difusão da cultura urbana, a possibilidade de adotar os seus traços, o caipira tende a aceitá-los, como elemento de prestígio.

Com a inserção do camponês no urbano, muda-se também o personagem ( o sujeito e a cultura). Não é a mesma roupa que eles usavam como no espaço rural e nem a mesma comida. Por exemplo, o camponês rural, fazia pamonha, e hoje, esse camponês urbano, compra em vez de fazer. Esses camponeses que viviam nas chapadas viviam quase uma vida de índio. Porque eles se alimentavam de uma pequena agricultura de roçado.

Derrubava um pedaço de mato onde era terra de cultura, plantava arroz, o milho e mandioca. As verduras produziam na horta e caçavam animais silvestres (paca, anta, capivara tatu), animais próprios do Cerrado. Hoje, esses camponeses vivem a mercê do capital que é portador nas novas formas sociais devido à modernização da agricultura. Conflitos há agora num campo esvaziado de gente e produtivo e numa cidade cheia e desigual.

De acordo com Mendonça (2004) há um descompasso nas análises das transformações recentes do espaço agrário do Centro-Oeste que colocam as alterações de trabalho, como se essas aparecessem no tempo lento, enquanto que as mudanças nas relações sociais de produção surgissem no tempo rápido. Tempo lento de fazer “pamonha” e o “tempo rápido” de comprar a pamonha. Mendonça (2004, p.140) discute que:

A reestruturação produtiva do capital, processada nas últimas décadas do século XX, portadora de novas formas sociais de produção e de trabalho, resultou em alterações profundas no processo de acumulação e (re)produção de capitais e numa metamorfose nas relações sociais de trabalho, com consequências danosas para os trabalhadores, bem como para os movimentos sindical e social e, para a classe trabalhadora de forma geral.

Conforme Mendonça (2004) a organização espacial rural do território goiano historicamente se baseou na grande propriedade, estruturada na fazenda tradicional, com a criação extensiva de gado. Desse modo, era um Goiás tradicional em que se baseava na agricultura camponesa. Tendo costumes próprios, como festas populares (Divino Pai Eterno, Festa de São João), comida típica (pamonha, amendoim, doce de leite). Era um sujeito tipicamente rural, com características rurais (roupas, linguagem).

Segundo Souza (2012) os modos de vida camponeses são compostos por hábitos, costumes, habilidades, conhecimentos, saberes, fazeres, que manifestados no lugar, em seu cotidiano, vão se estabelecendo como parte de relações que se constituem nas territorialidades e no espaço vivido.

Esse cotidiano é constituído nas formas como organizam o trabalho, nas crenças, rezas, nas relações com os parentes e vizinhos, nas formas de lazer, nos modos como pensam e conversam sobre a política, a religião, o futebol. (SOUZA, 2012, p.49). Por exemplo, a organização de vida do camponês, a realização do trabalho, o modo de educar os filhos, a relação de afetividade, a religião, enfim, fatores que Carmo Bernardes representa no romance *Jurubatuba*.

A obra descreve a realidade das fazendas daquela época, a organização do espaço de vida, circundante a casa (na extensão do quintal) e o espaço externo, destinado as tarefas mais pesadas e mais longas. Os arredores da casa, o quintal rodeado por uma cerca de arame e um portãozinho, nos quais ficavam, do lado de dentro, edificações que carecem ser melhor “protegidas” como parte da complementação alimentar, tais como horta e pomar, o galinheiro, o paiol, a cozinha, o chiqueiro, enfim. Já do lado externo é o restante da propriedade, local onde ficavam as atividades vinculadas ao trabalho do pai e dos filhos homens.

No campo a realização do trabalho do camponês está associado à vida, bem como o modo de educar os filhos e a maneira pela qual são significados os espaços. Logo, essa parcela populacional da sociedade, denominada por vezes de “tradicional”, de “rústica” ou “camponesa” possui sua própria história composta por um conjunto de traços culturais de origens diversas.

São nos ambientes de vivência que se processam as relações de trabalho, as festas, as práticas agrícolas específicas a cada tipo de solo, as atividades de conservação da terra, os sentimentos, as identidades, além dos ensinamentos transmitidos de pais para filhos. O espaço rural passa a ser o lugar de produção, da distribuição, do consumo e também das relações familiares. O mundo-rural é um espaço de vivência, um espaço social no qual as famílias constroem sua história, transcendendo a condição de sobrevivência material. Segundo Pontes (2005, p.36):

Chayanov diz que o trabalho da família é a única condição possível para a obtenção de recursos para um camponês ou um artesão, porque não existe o fenômeno social dos salários e, por este motivo, também está ausente o cálculo capitalista do lucro.

Esse espaço é onde os sujeitos estabelecem relações de afetividade. É nesses ambientes também que se materializam os conhecimentos dos camponeses. Assim sendo, o espaço no mundo-rural é um espaço cultural, ou seja, a cultura é a interação de saberes e práticas sociais das quais uma coletividade se utiliza para estabelecer relações com o mundo, para lidar com a natureza e com a sociedade, para viver e se reproduzir.

As atividades produtivas são conduzidas e reguladas pela natureza, como o preparo da área, o plantio, os tratos culturais e a colheita. Estas atividades são fundamentadas em períodos do ano considerados essenciais para se conseguir plantar na fase mais propícia ao desenvolvimento das culturas.

Outro fator que determina a sociabilidade das famílias tradicionais é a religião, que de certo modo acaba unindo as famílias, forçando-as a se reunir e comunicar umas com as outras, o fato de ir às missas aos domingos, cultos religiosos em determinados dias da semana, os festejos religiosos, todos estes fatores contribuem para a manutenção e fortalecimento da sociabilidade camponesa.

Assim, para Cândido (1972), a união do trabalho e da religião é fundamental para garantir o funcionamento do grupo de vizinhança, que passa a ser visto como unidade à medida que as famílias vão participando do sistema destas atividades.

O mundo-rural passa a ser desestruturado no momento que surge a modernização. Ou seja, o saber tradicional do camponês passa a ser desestruturado, porque este saber não é padronização. O camponês que sabe que vai chover porque a cigarra está cantando passa a ser desvalorizado no momento que surge a meteorologia como algo moderno, e despreza o saber

do camponês que passa a ser arcaico. Como por exemplo, os camponeses usam o tempo da natureza, que é um tempo não abstrato, mas o tempo da chuva.

O tempo da natureza é real, diferentemente do tempo do capital que é inventando quando o homem cria-se o cronograma. Assim, o tempo do camponês não é do relógio, não é ditado, regrado, é definido por ele mesmo. Portanto, o camponês é um ser muito criativo, pois as pessoas envolvidas desenvolvem competências para resolver os próprios problemas.

Segundo Meyer (2006, p.17):

Outro aspecto relevante na construção do calendário é a observação da morfologia e comportamento dos animais. O canto das aves, como signos naturais, anuncia as estações do ano. O tempo é medido ainda pelas fases da lua, pelo nascer e pôr-do-sol, amanhecer e anoitecer. A leitura do firmamento se faz diariamente em *A Boiada*. O curso do sol serve de referencial geográfico para os vaqueiros na seqüência dos acontecimentos e atividades. As modificações morfológicas e fisiológicas do gado também monitoram o tempo. Depois de uma jornada de sete dias, os animais começam a perder peso, demonstram cansaço, mudam de comportamento. Nesse tipo de calendário, a natureza informa o sertanejo, que aprende a decodificar os signos naturais através do próprio corpo. O ritmo da vida acompanha a trajetória dos fenômenos naturais em constante processo de mudança. Essa transformação contínua contrapõe a idéia de uma natureza estática, pronta e acabada. A periodicidade de ciclos revela a singularidade dos momentos. A vida flui em espiral, retornando ao ponto de partida sempre em outro estágio do tempo e, conseqüentemente, em outro lugar.

Para o camponês o tempo era cíclico, tudo voltava ao ponto de partida, numa eterna rejeição. Era tudo um tempo natural, biológico, e, portanto, não histórico. A sociedade nesta época era predominantemente agrária, por essa razão a referência cronológica mais evidente era o tempo agrícola. Tempo do preparo da terra, do plantio e da colheita, tempo da espera e da paciência.

Um tempo lento, repetitivo, e doloroso porque era espreitado pela fome. O mundo rural por ser cíclico não tinha necessidade de ser datado. “O camponês é um trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza” (Moura, 1986,p.9). Suas ações são em função do senso comum, saber a hora que vai chover, quando é a época melhor para se plantar, sua relação com o espaço é independente do saber científico.

As transformações ocorridas na fazenda goiana são representadas pelos camponeses como uma passagem do tempo de fartura para o tempo de ambição, sobretudo pela perda da possibilidade de cultivar a terra alheia. Por exemplo, a grande fazenda Jurubatuba representa um lugar de fartura, onde o Simeão, o proprietário, detinha o poder em relação aos camponeses pobres. Estes camponeses usufruíam da terra em troca de poucas coisas para a

sobrevivência, como, um quilo de toucinho. Portanto, era uma fazenda com estrutura camponesa. Hoje, a fazenda é vista como um tempo de ambição, de competitividade, para o lucro num viés ao mercado capitalista.

A fazenda Jurubatuba demonstra o poder político de Seo-Simeão, retratando a época do coronelismo em Goiás. O Seo-Simeão como dono da terra e dono também dos camponeses que viviam na terra. O mesmo mandava até nas casas dos agregados. Desse modo, ser rico no livro Jurubatuba não é ter dinheiro, mas é ter terra e poder, como no caso de Seo-Simeão. Logo, o romance retrata a disputa do coronelismo em relação à terra intensa.

Nessa concepção o livro mostra também o conflito da região da Tiquira (região de roça) um lugar onde produz alimento para o sustento da fazenda Jurubatuba. Era um conflito de terra entre o Seo-Simeão e o delegado. O livro é uma demonstração da realidade de Goiás, pois a região apropriada para o plantio era disputada. Assim, tinha que produzir muito para alimentar os agregados, e nesse caso, a região da Tiquira era vista como um conflito entre o delegado e Seo-Simeão.

Pensando no camponês atual, mudou-se o personagem. Hoje o camponês é contemporâneo (vive aos mandados do capital). Criticado pelo costume, crenças, linguagem (ditos arcaicos) pela modernidade. As relações sociais de produção foram alteradas pelas inovações técnicas e tecnológicas viabilizadas pelas políticas modernizantes para as áreas do Cerrado. “O tempo da fartura cede lugar ao tempo do capital que reconfigurou as relações sócias de trabalho.” (MENDONÇA, 2004, p.297). Segundo Estevam (2004, p.10):

A fazenda que constituía um universo de gado, mantimentos e lealdade, reestruturou-se numa organização de classes, rompendo tradicionais relações de parceria, agregados e retireiros perderam a autonomia no processo produtivo, não dispondo mais de instrumentos de trabalho, tampouco de acesso às terras apropriadas ao cultivo facilitado. Algumas categorias sociais tenderam ao desaparecimento (agregados, meeiros), outras foram reiventadas com a proletarização (vaqueiros, retireiros) e novas surgiram advindas do processo (tratoristas, diaristas, bóias frias).

Com a entrada da modernização, o mundo rural não é o mesmo. A partir da década de 1990 há uma transformação deste rural, onde a terra perde a sua centralidade na reprodução das unidades produtivas familiares em face ao crescimento das ocupações rurais não agrícolas. Em razão disso, a ideologia que sustentava a tríade “família, terra, trabalho” enfraqueceu abrindo espaço para a maior visibilidade das relações, desaparecendo o saber tradicional do camponês. Altafin (2007, p.16) afirma que:

As ações empreendidas por esse conjunto de organizações sociais demonstravam que não se comprovou a hipótese de que o desenvolvimento capitalista no campo levaria ao desaparecimento de camponeses, caipiras, pequenos produtores, integrados, colonos, assentados e demais formas familiares de produção rural, que persistiam e apresentavam novas estratégias produtivas e organizativas.

O campesinato não é uma classe proletária e sim, uma classe independente da economia capitalista. E nesse caso, mesmo com a inserção do camponês no mundo moderno algumas características ainda perduram dessa classe, tais como, o caráter familiar do trabalho, a família em si, uma relação flexível com o mercado (relaciona-se diretamente com a autonomia relativa do camponês), um espírito de reciprocidade que se opõe ao espírito da mercadoria, enfim, o camponês antes de ser considerado por muitos uma figura símbolo do não-moderno, representa um conjunto de valores que sobrevivem a despeito da pressão do capital representado pelo agronegócio.

Em relação a essa mudança do espaço goiano por conta da modernização, preocupamos com o que restou do Bioma Cerrado provocadas pela forma de apropriação e exploração das terras a partir do agronegócio. Com o avanço técnico -científico e econômico, Goiás é visto por meio da produção, onde a agricultura é um fator importante.

Com a redescoberta do Cerrado, graças à revolução técnica-científico, criam-se condições para a agricultura moderna. Surge então o avanço populacional do litoral para o interior, causando interrogações a respeito do Cerrado, visto como áreas de preservação. E o Cerrado está cada vez mais na cobiça e na mira da pesquisa. Conforme Chaveiro e Barreira (2010, p.16):

A integração numa única perspectiva teórica dos ambientes naturais do Cerrado, juntamente com os tipos de usos e suas variáveis, nos leva a proclamá-la como um Bioma-território. Portanto, domínio de disputas- e de conflitos- próprias da estrutura econômica que preside os usos e os interesses dos atores que hegemonomizam o seu controle econômico e territorial.

Pode perceber por meio das palavras dos autores que o Cerrado é objeto de grande interesse, importante para economia nacional e internacional, um território dinâmico e produtivo, porém é destruído enquanto vida, enquanto bioma. Surge então, algo questionador: Ou o Cerrado é vida ou ele é um elemento econômico? Desse modo esses impactos ambientais acontecem com a chegada da modernização e da urbanização de uma forma desigual e concentrado causando várias transformações no Espaço Goiano. É necessário nesse caso, pensarmos sobre a noção de Cerrado nos dias atuais.

Chaveiro e Barreira (2010, p.27) afirmam que:

Embora o processo tenha transformado o Cerrado num cinturão produtivo importantíssimo, principalmente para a balança comercial do país, ao gerar bens de exportação, houve uma concentração de terras, um aumento da desigualdade social e uma concentração espacial, especialmente fundada na urbanização desigual que espelha um território urbanizado e cheio de problemas. Segue, junto, um campo produtivo, mas vazio de gente e da cultura do local.

Devemos pensar no Cerrado enquanto cultura, sensibilidade, como por exemplo, as flores, e não reduzir a ideia de Cerrado, apenas enquanto bioma (mancha de vida, fitofisionomia-ecossistema). Assim, na atualidade olhamos o Cerrado enquanto marca, servindo apenas para uma demanda geopolítica, inserindo-o na economia internacional, usando-o apenas como um centro estratégico. Segundo Silva (2013, p.46):

O Cerrado é o bioma que mais sofre pressão ambiental da agropecuária brasileira. Seja pelas condições naturais e sociais favoráveis, seja pelo imaginário a ele associado. Sua identificação como “celeiro do mundo” não foi acompanhada da preocupação ambiental, que hoje encontra dificuldade em ser considerada no processo produtivo, que tem incorporado áreas cada vez maiores.

Enfim, devemos ter um olhar mais sensibilizador, precisamos lutar em defesa da vida, Cerrado enquanto berço das águas, e não apenas como um fator político, econômico. “Portanto, cuidar do Cerrado é cuidar da vida humana junto com todo o processo vital que cria a sinergia cósmica e instaura a possibilidade de reprodução cosmogênica dia-a-dia, na relação entre os indivíduos humanos e a natureza”. (Chaveiro; Calaça, 2008, p.304).

E em relação ao camponês, mesmo com a inserção do capitalismo, esse pequeno trabalhador, sonha pela conquista da terra, ou seja, “reconquista do território”, conforme as necessidades e anseios dos camponeses e trabalhadores da terra, nega a subjetividade do capital, e continua em disputa, pois as contradições permeiam as relações sociais.

Verificou-se, inicialmente, que o aumento de dependência econômica condiciona um novo ritmo de trabalho, ambos condicionam uma reorganização ecológica, que transforma as relações com o meio e abre caminho para novos ajustes, este fato provoca alteração no equipamento material e no sistema de crenças e valores, antes condicionados pela manipulação do meio físico imediato e pelo apego as normas tradicionais. Tais condições dão lugar a modificações estruturais, com aparecimento de novos papéis e de novas posições sociais, bem como de uma nova ordenação das relações sociais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interpretar o Trabalho e a Natureza no mundo de *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes, foi o objetivo direcionador da pesquisa para esta dissertação. Para alcançá-lo, foi necessário retomar ao contexto socioespacial da década de 1950 por meio do romance *Jurubatuba*. Esse propósito, foi cogitado com o recurso da Literatura produzida em Goiás e a Geografia, como via metodológica deste trabalho.

O diálogo entre Geografia e Literatura possibilitou uma leitura mais significativa dos modos de vida do camponês, já que o romance retrata de forma significativa a ruralidade do sertão goiano da década de 1950. Com este diálogo, tivemos um olhar para a dinâmica socioespacial e obtivemos elementos para realizar uma análise da realidade contemporânea.

Durante todo o trabalho, estivemos preocupados em discutir as relações de Trabalho e Natureza dos camponeses por meio do romance *Jurubatuba*, verificando também como se dava essas relações na contemporaneidade com a modernização da agricultura.

Buscamos compreender de que forma essas mudanças foram ocorrendo, propiciando uma alteração aos modos de vida do camponês. Ao desenrolar da pesquisa foram enumeradas razões para estes questionamentos, tais como: a modernização da agricultura, a reestruturação do capital, o processo migratório etc.

Na década de 1950, período em que Carmo Bernardes narra o livro, o trabalho é visto como um meio de sobrevivência, em que o camponês é um ser humano simples, que vê o trabalho como uma satisfação. Nesta época, era necessário o cultivo da terra para obter alimentos e o camponês era o responsável por essa reprodução social.

O modo de vida camponês nesse período pode ser caracterizado como: trabalho familiar, qualificando o trabalho com a terra; ocorre a reprodução tanto física quanto social desses grupos; cabe ao pai, visto como o chefe da família a direção e desempenho nas atividades de derrubada e na limpeza da área que é destinada ao plantio e colheita; o papel da mulher varia suas atividades, em alguns casos auxilia o marido nessas atividades externas, mas na maioria dos casos, ela restringe as atividades no interior da própria casa e no terreiro.

A vida do camponês narrada por Carmo Bernardes era pautada pelo ritmo da agricultura de subsistência. O tamanho da área a ser cultivada e o êxito dependia da quantidade disponível de mão de obra, daí que se percebe o ônus de uma família grande, que

acaba contribuindo para a viabilidade produtiva. Verifica-se também no romance que o tempo é primordial nas famílias camponesas.

E é assim a vida do camponês antes da modernização da agricultura, onde o mesmo via o trabalho como uma satisfação e não como uma obrigação. E até mesmo os instrumentos de trabalhos eram diferentes da atualidade. Geralmente, as famílias que não tem condição de ter um arado, quando necessário pedem emprestado, em que a forma de pagamento é convertida em dias trabalhados.

Para o desenvolvimento das atividades na propriedade, havia divisão sexual do trabalho, entre homens e mulheres. A vida do pequeno agricultor depende do equilíbrio que puder manter, de um lado, entre o volume da produção e os gastos em dinheiro; de outro, o consumo familiar e as vendas.

Atualmente, com a modificação do sistema econômico do camponês e o fim do regime de autossuficiência econômica, acaba com a independência que tinha para fornecer sua própria necessidade alimentares. No modo de vida tradicional, a roça garantia os meios necessários para a sobrevivência, assegurando a reprodução da força de trabalho familiar, permitindo que o camponês arca com todas as consequências da produção de mercadoria. Muitos alimentos que antes eram produzidos pelos camponeses, agora são comprados, ficando dependentes do mercado.

Atualmente, ocorrem à substituição ou eliminação de algumas atividades praticadas pelas populações rurais, como a plantação para subsistência, (década de 1950, no romance *Jurubatuba*) uso de plantas medicinais e a caça. A prática de plantar e colher uma fruta está cada vez mais escassa que, conseqüentemente, o uso de produtos químicos tira a validade nutritiva de um produto orgânico, a utilização de plantas para uso doméstico está sendo substituídas pelos remédios manipulados, enquanto a prática de caçar é apenas para defesa da roça.

A todo o momento surgem novas necessidades para o camponês. O consumo passa a ser frequente, compra-se cada vez mais, desde o utensílio, roupas, e até mesmo alimentos. Este processo insere ao modo de vida tradicional dessas famílias uma balança, a medir receitas e despesas, como conseqüências precisam vender mais, pois estes elementos inexistiam na sua vida passada.

Em meio ao novo contexto da qual estas famílias estão inseridas, provoca dificuldade para se manter no mercado e conseguir sobreviver, pois antes suas relações eram baseadas na economia fechada, não dependiam das relações externas, mas agora, sua vivência é precária.

Ocorre uma reorganização da vida familiar, para encarar as necessidades de compra e venda, que constituem novidade. A maior parte dos produtos destinados aos bens de consumo passa a ser obtidos por meio da compra.

O ritmo tradicional de vida vai modificando a partir do momento que estas famílias vão se reorganizando para atender a demanda do mercado, assim vão surgindo situações inéditas, como a necessidade de um orçamento com base na economia doméstica, o valor crescente do dinheiro, que antes era quase ausente, agora corresponde ao incremento de compra e venda, o consumo de bens produzidos e a troca de bens e serviços. Na sociedade capitalista, o dinheiro adquire um significado diferente, é visto como um veículo para a acumulação.

Esse ritmo era determinado pelas necessidades econômicas, havia outros focos de interesses para satisfazer suas necessidades pessoais, ocupava-se com a vida comemorativa, a vida mágico-religiosa, a caça, a pesca, a coleta, as práticas de solidariedade vicinal. Esses tinham autonomia econômica, sistema de posse e uma mobilidade espacial, que juntos formavam um conjunto de circunstância que não exigia tanto esforço físico para desenvolver suas atividades.

Diante da nova dimensão econômica, a situação antiga da vida tradicional sofreu um desequilíbrio, principalmente com a expansão do mercado capitalista, que força o camponês a enquadrar no sistema, exigindo mais esforço físico e atrofia as formas coletivas de organização do trabalho, impedindo que as relações de sociabilidade sejam vividas intensamente.

Há certo julgamento que considera a mobilidade camponesa como um processo de desenraizamento, porém estes eram convergidos para as aspirações pessoais e coletivas, no intuito de obter melhores condições de vida, até mesmo a cidade foi uma alternativa.

O camponês tinha o equilíbrio ecológico e social devido às condições primitivas do meio, como a facilidade de acesso a terras virgens, abundância de caça, pesca e coleta, pouca densidade demográfica, ao limitar a concorrência vital, e quando os recursos de um meio se esgotavam, a mobilidade proporcionava a recriação do meio para garantir o equilíbrio. E esse o ser humano do romance Jurubatuba, valorizava a natureza, já que a mesma era um meio para retirar o seu próprio alimento.

Hoje, como já foi discutido no desenrolar da pesquisa, o rural passa a pertence a uma ordem de atividades e representações diversas da mata, cujo interesse é mais relacionado ao comércio, do que a caça. Esse novo meio provoca a perda de autonomia para estas famílias, passando a depender das novas esferas de relações, de acordo com o setor de vida

considerado. Tal fato muda toda a realidade da família, pois o desenvolvimento das relações comerciais mudam a dependência ecológica.

Em razão disso, na atualidade o ser humano encontra-se cada vez mais dependente da economia, devido ao avanço das técnicas e dos hábitos criados por esta dependência. É um ser humano que trabalha contra o próprio tempo. A noção de tempo que está por trás desse processo é o tempo do capital e não a temporalidade dos ecossistemas ou dos trabalhadores.

Diante das discussões apresentadas observa-se que as relações de Trabalho e Natureza na contemporaneidade não são as mesmas da década de 1950, como Carmo Bernardes narra no livro *Jurubatuba*. Vimos que as transformações estão imersas no modo pelo qual o capitalismo se globaliza, recriando os conflitos sociais, emitindo-os para a natureza, reorganizando o espaço, alterando os modos de vida e, especialmente, alterando o mundo do trabalho e o sentido da natureza.

Vimos, também, que o chamado território cerradeiro ou o Sertão goiano se insere na trama deste mundo. Podemos afirmar que houve uma mudança do sentido do Cerrado, agora alvejado sob o prisma da rentabilidade econômica. Tal fato não alterou apenas os seus gradientes naturais, como o solo, as águas, as fitofisionomias, os animais, mas a vida do sujeito, seus conflitos, seus dramas.

## REFERÊNCIAS

- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: UnB, 2007.
- BARCELOS, L. B. **Carmo Bernardes: uma leitura pelos labirintos de Jurubatuba**. 2006.95f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.
- BASTOS, A.R.V.R. **Geografia e os Romances Nordestinos das décadas de 1930 e 1940: uma contribuição ao ensino**. USP (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH- USP), São Paulo, 1993.
- BERALDI, F. B. **Geografia e Literatura infantil: a construção da linguagem geográfica através de textos literários nas séries iniciais do ensino fundamental**. Presidente Prudente: [s.e], 2010.
- BERNARDES, C. **Memórias do Vento**. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1972.
- BERNARDES, C. **Memórias do Vento**. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.
- BORGES, J.C.P. **A fazenda goiana: matriz espacial do território e do mundo sertanejo de Goiás**. Disponível em:[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1076\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1076_1.pdf), 2012. Acesso em 17/06/2013.
- BRAGA, H. da C. **A identidade sertaneja em Goiás: um estudo a partir dos elos entre a Geografia e a Literatura de Bernardo Èlis**, 2009.151.f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- BRUM, A.J. **Modernização da Agricultura: trigo e soja**. Petrópolis, Vozes, 1988.
- CAMPOS, F. H. de. **A indústria de curtimento de couro em presidente prudente: a relação sociedade- natureza em questão**, 2003,94f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.
- CAMPOS, F.H. O trabalho e relação homem-natureza. Uma trama social em questão. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.9, n.1, p.6-10, jun.2008.
- \_\_\_\_\_. **Espaço, sujeito e existência: mediações entre Geografia e Literatura- o exemplo da representação de Goiânia**. São Paulo, 2013.
- CHAVEIRO, E.F. A dança da natureza e a ruína da alma: Geografia e Literatura- uma leitura possível. **Revista: Ateliê Geográfico**, Goiânia: UFG, v.1, n.2, p.174-186, 2007.
- CHAVEIRO, Eguimar F.; BARREIRA, C.C.M.A. **Cartografia de um pensamento de Cerrado**. Goiânia: Editora Vieira, 2010.
- CHAVEIRO, E. F; CALAÇA, M. **A dinâmica demográfica do Cerrado: o território goiano apropriado e cindido**. Goiânia: UCG, 2008.

CHAVEIRO, E.F e CASTILHO, D. **Cerrado**: patrimônio genético, cultural e simbólico. Disponível em: <http://www.revistamirante.net/2ed/7.pdf>, 2010. Acesso em 10/03/2013

CHAVEIRO, E.F e FELÍCIO, G. Sentidos e desafios da Literatura nas sociedades da imagem. **Revista: Apholine**, Trindade: GO, v.1, n.1, p.4-14, jan/jun.2011.

CHAVEIRO, E. F; CALAÇA, M. **A dinâmica demográfica do Cerrado**: o território goiano apropriado e cindido. Goiânia: UCG, 2008.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. ET. AL. manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.

CAVALCANTE, M.I e NASCIMENTO, L. A do. Literatura e Geografia: uma abordagem do espaço em 'a mulher que comeu o amante'. **Revista: Espaço em revista**, Catalão: UFG, v.11, p.99-115, jan/jun.2009.

CHAYANOV, A.V. **Lá organización de launidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

CHIAPETTI, R, J, N. **A curva em forma de "S"**: o imaginário geográfico no Rio Cachoeira. São Paulo, 2008.

CIDADE, L.C.F. Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos. **Revista: Terra Livre**, São Paulo, n.17, p.99-118, 2001.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. ET. AL. manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COUTINHO, A.. O regionalismo na ficção. In: \_\_\_\_ (dir). **A Literatura no Brasil**. 6. ed.rev. e atual. São Paulo: Global, 2002, v.4, p.234-309.

DOLFUSS, O. **A análise geográfica**. São Paulo: Difusão Européia d livro, 1973.

ESTEVAM, L. Goiânia rural. **Jornal Opção**, Economia (Opinião), 29 ago. a 04 set.2004, p.A38.

\_\_\_\_. Fluxo migratório e êxodo rural comprometem futuro. Disponível em: <http://www2.opopular.com.br/retro99/travessia6.html>. Acesso em: jun.2013.

FELÍCIO, M.J. Campesinato e Capital no pontal do Paranapanema: conflitos e perspectivas campesinadas Y capital em El pontal do Paranapanema: conflictos Y perspectivas. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.13, n.1, p.1-18, jun.2012.

FERREIRA, S.T.de, L. **Geografia e Literatura**: percepção do espaço vivido. São Paulo, Brasil, 1979.

FROEHLICH, J.M. **Rural e natureza**: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul. 2002.202f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura

e Sociedade)- Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2002.

GERARDI, L.H. O e SALMONI, G. **Para entender o campesinato**: a contribuição de A.V. Chayanov,[s.a].

GONÇALVES, C.W.P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIMARÃES, M.T.C. **Formas de organização camponesa em Goiás (1954-1964)**. Goiânia, Cefrag-UFG, 1988. [Teses Universitárias n° 47].

JOLLIVET, M (dir). **Lescollectivitésruralesfrançaises**; 2. Sociétés paysannes ou lutte de classes auvillage. Paris, Armand Colin, 2001.

KUROGI, M.S. Qualidade de vida no trabalho e suas diversas abordagens. **Revista de Ciências Gerenciais**, Anápolis: FAA, v.12, n.16, p.49-62, 2008.

LIMA, S.T.de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. In: **Geosul**. Florianópolis, 15,n.30,jul/dez,2000.

MARTINS, J.de. S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 1990.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. **O Capital**. Nova York: Internacional Publishers, 1967.

MATTOSO, J.E. L **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1989.

MENDONÇA, M.R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do sudeste goiano**, 2004.458f. Tese (Doutorado em Geografia)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, Unesp, 2004.

MENDRAS, H. **La findespaysans**, 2.ed.Paris, ActesSud, 1984. Rambaud, Placide. “L´apportdestravailleurs de la terra à lasociétéindustrielle”. Sociologia Ruralis, 22, 2:108-121, 1984.

MEYER, M. Educação Ambiental com Guimarães Rosa. **Revista Presença Pedagógica**. V.12.n.70, p.1-10, jul/ago.1979.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. (Col. Primeiros Passos) São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORETTI, F. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

NEVES, D.P. **Diferenciação sócio-econômica do campesinato**, 1985.

NOGUEIRA, C. de C.. **Diversidade e padrões de distribuição da fauna de lagartos do cerrado**, 2006.295p. Tese (Doutorado em ciências, na área de ecologia)-Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, USP, 2006.

OLANDA, D.A.M. e ALMEIDA, M.G. de. A Geografia e a Literatura: uma reflexão. **Revista Geosul**, Florianópolis: UFSC, v.23, n.46, p.7-32, jul./dez. 2008

OLANDA, D. A.M e ALMEIDA, M.G.As representações sertanejas em Jurubatuba.In: NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES-NEER,1.2006,Curitiba-PR.**Anais eletrônicos**...Curitiba-PR:UFPR,v.1,n.1,2006.P.1-12.Disponível em:<<http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/comunicacoes/diva-olanda.pdf>>.Acesso em : 11 jun.2011.1CD-ROOM

OLANDA, D.A. M e OLANDA, E.R.Lugar da natureza e a natureza do lugar em obras de Carmo Bernardes.In:ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA,12.2009, Montevideo-Uruguay.**Programa Online**... Montevideo: [s.e], 2009.p.1-12. Disponível em: <[http://egal2009.easyplanners.info/area08/8135\\_OLANDA\\_Diva\\_Aparecida\\_Machado.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area08/8135_OLANDA_Diva_Aparecida_Machado.pdf)>. Acesso em: 28 mai.2011.

OLIVEIRA, A.M.S. Relação homem/ natureza no modo de produção capitalista. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v. n.1, p.1-9, abr.2002.

PAUL, JUNIA. B.S.S. **A recriação do universo goiano por Carmo Bernardes nos Contos de A Ressurreição de um Caçador de Gatos**. Lisboa, 2008.

PEREIRA, A. **Os desafios para o trabalho nas carvoarias de Ribas do Rio Pardo/MS**. 2007.147f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2007.

PEREIRA, \_\_\_\_\_.Regionalismo. In: \_\_\_\_\_. **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988(Coleção Reconquista do Brasil, v.131), p.175-220.

PINHEIRO, R, S. **Geografia e Literatura: diálogo em torno da construção da identidade territorial sul-mato-grossense**. 2010.128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2010.

PONTES, B.M.S. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Presidente Prudente, 2005.

\_\_\_\_\_.**Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIBEIRO, D.D. **Modernização da agricultura e (re) organização do espaço no município de Jataí-Go**. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. (SP), 2003.

RIBEIRO, R.J.**Cultura e Ética**.In: Então.n.17.Porto Alegre,1994.

ROOS, D e FABRINI, J.E. Assentamento Celso Furtado: da conquista da terra às formas de resistência do território camponês. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.13, n.1,p.1-18,jun.2012.

SANTOS, J.C.V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 366 f.(Tese de Doutorado). Uberlândia: UFU, 2010.

SANTOS, J.V.T.dos. **Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.



SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel, 1992.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M.. P dos. **Relembrações em mingunte**: interpretação biográfica da obra de Carmo Bernardes, 2007.176f. Tese (Doutorado em História) - Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Franca-SP, 2007.

SANTOS, M; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record,2011.

SANTOS, R.J. Os camponeses da região do triângulo mineiro e a expansão dos agrocombustíveis.**Revista: SEER**, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

SILVA,, A.M e SANTOS, E,M,C e MARTINS, S,R. A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance “Corta Braço”. **Revista: Cadernos de Geociências**, v.6, 2001.

SILVA, E.B.da. **A dinâmica socioespacial e as mudanças na cobertura e uso da terra no bioma Cerrado**. 2013.110f. Tese (Doutorado em Geografia)- Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2013.

SILVA, J. de A. M. **Literatura e cidade**: uma leitura geográfica da obra de Ítalo Calvino, 2004, 105f. Monografia (Bacharel em Geografia)-Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geociências, Londrina-PR, 2004.

SILVA, R. L.B.R. **Sobre o camponês do sertão**: produção do espaço e identidade camponesa em assentamentos do município de Goiás-GO. 2003.186f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

SILVEIRA, M. L. **Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil?** Um panorama de riqueza e da pobreza brasileira. [s.l]; [s.e]; 2011.

SOJA, E.W.I.**Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**.Rio de Janeiro: Zahar Ed.,1993.

SOUZA, E.A. **O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar**, em Quirinópolis/GO, 2012.338f. Tese (Doutorado em Geografia) – Pós-Graduação do Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2012.

SOUZA, F.E.de (Org). **Geografia e Educação no campo**: para que e para quem serve a educação no campo no Estado de Goiás? Goiânia: Editora Vieira, 2010.

SOUSA, R.A.D.de e CONCEIÇÃO, A.L. O camponês e o trabalho: analisando a importância do excedente social. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.11, n.1, p.64-76, jun.2010.

SOUSA, R.A.D.de e CONCEIÇÃO, A.L. O camponês e o trabalho: analisando a importância do excedente social. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.11, n.1, p.64-76, jun.2010.

SOUZA, M.H. **A obra de Carmo Bernardes: arte e fonte de pesquisa**. São Paulo: USP, 2008.

SUZUKI, J.C. O espaço na narrativa: uma leitura do conto “preciosidade”. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP, v.19, p.54-67, 2006.

THOMAZ JÚNIOR, A. O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da leitura geográfica. **Revista: Pegada**, Presidente Prudente: UNESP, v.12, n.1, p.104-122, jun.2011.

TEPICHT, J. **Marxismeet Agriculture: le paysan polonais**. Paris: Armand Colin, 1973

VIANA, N. **Cultura, tradição e memória- A juventude entre a permanência e a ruptura**. In: [www.casadajuventude.org.br/artigos](http://www.casadajuventude.org.br/artigos). 2008.

\_\_\_\_\_. Marx e o Modo de Produção Camponês **In Revista Pesquisa e Práxis**, n°1, Jul/Dez de 2003.

WANDERLEY, M. de N.B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2004.

WANDERLEY, M. de N.B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. Caxambu: MG, 1996.

WOORTMANN, E.WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Ed. UNB, 1997.